

Sonetos

de Bocage

PERÍODO DA VIDA MILITAR

(1780 a 1787)

I

PROPOSIÇÃO DAS RIMAS DO POETA

Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores:
Vede-as com mágoa, vede-as com piedade,
Que elas buscam piedade, e não louvores:

Ponderai da Fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lágrimas e amores;
Notai dos males seus a imensidade,
A curta duração de seus favores:

E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns cuja aparência
Indique festival contentamento,

Crede, ó mortais, que foram com violência
Escritos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependência.

II

O AUTOR AOS SEUS VERSOS

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem beleza e sem brandura,
Urdidos pela mão da Desventura,
Pela baça Tristeza envenenados:

Vede a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura;
Se os ditosos vos lerem sem ternura,
Ler-vos-ão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, ó versos, cobardia
Da sátira mordaz o furor louco,
Da maldizente voz e tirania:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco,
Que não pode cantar com melodia
Um peito de gemer cansado e rouco.

III

SONHO

De suspirar em vão já fatigado,
Dando trégua a meus males eu dormia;
Eis que junto de mim sonhei que via
Da Morte o gesto lívido e mirrado:

Curva foice no punho descarnado
Sustentava a cruel, e me dizia:
«Eu venho terminar tua agonia;
Morre, não penes mais, ó desgraçado!»

Quis ferir-me, e de Amor foi atalhada,
Que armado de cruentos passadores
Aparece, e lhe diz com voz irada:

«Emprega noutro objecto os teus rigores;
Que esta vida infeliz está guardada
Para vítima só de meus furores.»

IV

CONTRA A INGRA TIDÃO DE NISE

Raios não peço ao criador do mundo,
Tormentas não suplico ao rei dos mares,
Vulcões à terra, furacões aos ares,
Negros monstros ao báratro profundo:

Não rogo ao deus do amor, que furibundo
Te arremesse do pé de seus altares,
Ou que a peste mortal voe a teus lares
E murche o teu semblante rubicundo:

Nada imploro em teu dano, ainda que os laços
Urdidos pela fé, com vil mudança
Fizeste, ingrata Nise, em mil pedaços:

Não quero outro despique, outra vingança,
Mais que ver-te em poder de indignos braços,
E dizer quem te perde e quem te alcança.

V

INSÓNIA

Já sobre o coche de ébano estrelado
Deu meio giro a noite escura e feia;
Que profundo silêncio me rodeia
Neste deserto bosque, à luz vedado!

Jaz entre as folhas Zéfiro abafado,
O Tejo adormeceu na lisa areia;
Nem o mavioso rouxinol gorjeia,
Nem pia o mocho, às trevas costumado:

Só eu velo, só eu, pedindo à sorte
Que o fio com que está minha alma presa
A vil matéria lânguida me corte:

Consola-me este horror, esta tristeza;
Porque os meus olhos se afigura a morte
No silêncio total da natureza.

VI

O COLO DE MARÍLIA

Mavorte, porque em pérfida cilada
O cruel moço alígero o ferira,
Não faz caso da mãe, que chora e brada,
Quer punir o traidor, que lhe fugira;

Na sinistra o pavês, na dextra a espada,
Nos ígneos olhos fuzilante a ira,
Pula à negra carroça ensanguentadas
Que Belona infernal co'as Fúrias tira:

Assim parte, assim voa; eis que vê posto
No colo de Manha o deus alado,
No colo aonde tem mimoso encosto:

Já Marte arroja as armas, e aplacado
Diz, inclinando o formidável rosto:
«Valha-te, Amor, esse lugar sagrado!»

VII

O POETA LIVRE DAS PRISÕES DO AMOR

Ao templo do propício Desengano
A próvida Razão guiou meus passos;
Por ver-me, louco já, mordendo os laços,
Os duros laços de um amor profano:

Ajoelho ante o númen soberano,
Mostro-lhe os roxos, os cativos braços,
Dizendo-lhe: «Grã Deus, faze em pedaços
Os ferros, que me pós Amor tirano!»

A deidade, inimiga da Esperança,
Me responde: «Eu te livro do flagelo
Que oprime os corações; mortal, descansa.»

Eis que, brandindo um lúcido cutelo,
Meus ferros corta, e logo da lembrança
Me escapa de Marfida o rosto belo.

VIII

CELEBRA AS PERFEIÇÕES DE MARÍLIA

Não, Marília, teu gesto vergonhoso,
A luz dos olhos teus, serena e pura,
Teu riso, que enche as almas de ternura,
Agora meigo, agora desdenhoso:

Tua cândida mão, teu pé mimoso,
Tuas mil perfeições, crer que a ventura
As guarda para mim, fora loucura;
Nem sou digno de ti, nem sou ditoso:

E que mortal enfim, que peito humano
Merece os braços teus, ó ninfa amada?
Que Narciso? Que herói? Que soberano?

Mas que lê minha mente iluminada!...
Céus!... Penetro o futuro!... Ah, não me engano;
De Jove para o toro estás guardada.

IX

RECORDAÇÕES DE FÍLIS

A loura Fílis, na estação das flores,
Comigo passeou por este prado
Mil vezes, por sinal trazia ao lado
As Graças, os Prazeres e os Amores.

Quantos mimos então, quantos favores,
Que inocente afeição, que puro agrado
Não me viram gozar (oh, doce estado!)
Mordendo-se de inveja os mais pastores!

Porém, segundo o feminil costume,
Já Fílis se esqueceu do amor mais terno,
E com Jónio se ri de meu queixume.

Ah!, se nos corações fosses eterno,
Tormento abrasador, negro ciúme,
Serias tão cruel como os do Inferno!

X

LOUVANDO AS GRAÇAS DE MARÍLIA

Marília, nos teus olhos buliçosos
Os Amores gentis seu facho acendem;
A teus lábios voando os ares fendem
Terníssimos desejos sequiosos:

Teus cabelos subtis e luminosos
Mil vistas cegam, mil vontades prendem;
E em arte aos de Minerva se não rendem
Teus alvos curtos dedos melindrosos:

Reside em teus costumes a candura,
Mora a firmeza no teu peito amante,
A razão com teus risos se mistura:

És dos céus o composto mais brilhante;
Deram-se as mãos Virtude e Formosura
Para criar tua alma e teu semblante.

XI

SOBRE A SEPULTURA DE TIRSÁLIA

Negra fera, que a tudo as garras lanças;
Já murchaste, insensível a clamores,
Nas faces de Tirsália as rubras flores,
Em meu peito as viçosas esperanças:

Monstro, que nunca em teus estragos cansas,
Vê as três Graças, vê os nus Amores
Como praguejam teus cruéis furores,
Ferindo os rostos, arrancando as tranças!

Domicilio da noite, horror sagrado,
Onde jaz destruída a formosura,
Abre-te, dá lugar a um desgraçado:

Eis desço... eis cinzas palpo... Ah, Morte dura!
Ah, Tirsália! Ah, meu bem, resto adorado!
Torna, torna a fechar-te, ó sepultura!

XII

VÉNUS PROTEGE ELMIRA CONTRA A VINGANÇA DE AMOR

De Pafos o menino ardendo em ira,
Porque uma ingrata as suas leis detesta,
Tão grave insulto despigar protesta,
E a domar-lhe a altivez, teimoso, aspira:

Dormindo encontra a desdenhosa Elmira,
Sobra a mão reclinada a nívea testa:
«Teu génio» (diz) «amansarei com esta
Farpa subtil» – e do carcás a tira:

Mas a bela Acidália, a quem somente
Rende o travesso infante vassalagem,
Lhe aparece e lhe grita: «Amor, detém-te!

Tu, filho, que não sofres que me ultrajem,
Elmira vens ferir, irreverente!
Nela de tua mãe não vês a imagem?»

XIII

VÉNUS EXCEDIDA POR MARÍLIA EM FORMOSURA

Ó tranças, de que Amor prisões me tece,
O mãos de neve, que regeis meu fado!
Ó tesouro!, ó mistério!, ó par sagrado,
Onde o menino alígero adormece!

Ó ledos olhos, cuja luz parece
Ténue raio do Sol! O gesto amado,
De rosas e açucenas semeado,
Por quem morrera esta alma, se pudesse!

Ó lábios, cujo riso a paz me tira,
E por cujos dulcíssimos favores
Talvez o próprio Júpiter suspira!

Ó perfeições!, ó dons encantadores! –
De quem sois?... Sois de Vénus? – E mentira;
Sois de Manilha, sois de meus amores.

XIV

CONVITE A MARÍLIA

Já se afastou de nós o Inverno agreste
Envolto nos seus húmidos vapores;
A fértil Primavera, a mãe das flores,
O prado ameno de boninas veste:

Varrendo OS ares o subtil Nordeste
Os torna azuis; as aves de mil cores
Adejam entre Zéfiros e Amores,
E toma o fresco Tejo a cor celeste:

Vem, ó Manilha, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:

Deixa louvar da corte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo
Notando as perfeições da Natureza!

XV

ESPERANÇA AMOROSA

Grato silêncio, trémulo arvoredo,
Sombra propícia aos crimes e aos amores,
Hoje serei feliz! – Longe, temores,
Longe, fantasmas, ilusões do medo.

Sabei, amigos Zéfiro, que cedo
Entre os braços de Nise, entre estas flores,
Furtivas glórias, tácitos favores,
Hei-de enfim possuir: porém segredo!

Nas asas frouxos ais, brandos queixumes
Não leveis, não façais isto patente,
Que nem quero que o saiba o pai dos numes:

Cale-se o caso a Jove omnipotentes
Porque, se ele o souber, terá ciúmes,
Vibrará contra mim seu raio ardente.

XVI

RECEIOS DE MUDANÇA NO OBJECTO AMADO

Temo que a minha ausência e desventura
Vão na tua alma, docemente acesa,
Apoucando os excessos da firmeza,
Rebatendo os assaltos da ternura:

Temo que a tua singular candura
Leve o Tempo fugaz nas asas presa,
Que é quase sempre o vício da beleza
Génio mudável, condição perjura:

Temo; e se o fado mau, fado inimigo,
Confirmar impiamente este receio,
Espectro perseguidor, que anda comigo,

Com rosto, alguma vez de mágoa cheio,
Recorda-te de mim, dize contigo:
«Era fiel, amava-me, e deixei-o.»

XVII

ACHANDO-SE AVASSALADO
PELA FORMOSURA DE JÓNIA

Enquanto o sábio arreiga o pensamento
Nos fenómenos teus, ó Natureza,
Ou solta árduo problema, ou sobre a mesa
Volve o subtil geométrico instrumento:

Enquanto, alçando a mais o entendimento,
Estuda os vastos céus, e com certeza
Reconhece dos astros a grandeza,
A distância, o lugar e o movimento:

Enquanto o sábio, enfim, mais sabiamente
Se remonta nas asas do sentido
À corte do Senhor omnipotente:

Eu louco, eu cego, eu mísero, eu perdido,
De ti só trago cheia, ó Jónia, a mente;
Do mais, e de mim mesmo, ando esquecido.

XVIII

INCITANDO-SE A GANHAR PELA OUSADIA A POSSE DA SUA AMADA

Aflito coração, que o teu tormento,
Que os teus desejos tácito devoras,
E ao doce objecto, às perfeições que adoras,
Só te vás explicar co pensamento.

Infeliz coração, recobra alento,
Seca as inúteis lágrimas, que choras;
Tu cevas o teu mal, porque demoras
Os voos ao ditoso atrevimento.

Inflama surdos ais, que o medo esfria;
Um bem tão suspirado, e tão subido,
Como se há-de ganhar sem ousadia?

Ao vencedor afoute-se o vencido;
Longe o respeito, longe a cobardia;
Morres de fraco? Morre de atrevido.

XIX

RECORDAÇÕES DE MARÍLIA AUSENTE

Por esta solidão, que não consente
Nem do Sol, nem da Lua a claridade,
Ralado o peito já pela saudade,
Dou mil gemidos a Manha ausente:

De seus crimes a mancha inda recente
Lava Amor, e triunfa da verdade;
A beleza, apesar da falsidade,
Me ocupa o coração, me ocupa a mente:

Lembram-me aqueles olhos tentadores,
Aquelas mãos, aquele riso, aquela
Boca suave, que respira amores...

Ah! Trazei-me, ilusões, a ingrata, a bela!
Pintai-me vós, ó sonhos, entre flores
Suspirando outra vez nos braços dela!

XX

DESCREVENDO OS ENCANTOS DE MARÍLIA

Marília, se em teus olhos atentara,
Do estelífero sólio reluzente
Ao vil mundo outra vez omnipotente,
O fulminante Júpiter baixara:

Se o deus, que assanha as Fúrias, te avistara
As mãos de neve, o colo transparente,
Suspirando por ti, do caos ardente
Surgira ó luz do dia, e te roubara:

Se a ver-te de mais perto o Sol descera,
No áureo carro veloz dando-te assento
Até da esquiva Dafne se esquecera:

E se a força igualasse o pensamento,
Ó alma da minha alma, eu te oferecera
Com ela a terra, o mar e o firmamento.

XXI

LAMENTA SOLITÁRIO A PERDA DA SUA AMADA

O corvo grasnador e o mocho feio,
O sapo berrador e a rã molesta
São meus únicos sócios na floresta,
Onde carpindo estou, de angústia cheio:

Perdi todo o prazer, todo o recreio...
Ah, malfadado amor, paixão funesta!
Ursulina perdi, nada me resta;
Madre terra! Agasalha-me em teu seio:

Da víbora mordaz permite, ó Sorte,
Que nos matos aspérrimos que piso
As plantas me envenene o ténue corte!

Ah! Que é das Graças? Que é do Paraíso?
A minha alma onde está? Quem logra... ó Morte,
Quem logra de Ursulina o doce riso?

XXII

O TEMPLO DO CIÚME

Guiou-me ao templo do letal Ciúme
A Desesperação que em mim fervia;
O cabelo de horror se me arrepiava
Ao recordar o formidável nome:

Fumegava-lhe aos pés tartáreo lume,
Crespa serpe as entranhas lhe roía;
Eram ministros seus a Aleivosia,
O Susto, a Morte, a Cólera, o Queixume:

« Cruel! » (grito em frenético transporte)
« Dos sócios teus, no báratro gerados,
Dá-me um só, que te invejo, a Morte, a Morte. »

« Cessa » (diz,), « os teus rogos são baldados:
Querem ter-te no mundo Amor, e a Sorte,
Para consolação dos desgraçados. »

XXIII

PUNGIDO DA REALIDADE,
PROCURA ALÍVIO NAS ILUSÕES

Ânsias terríveis, íntimos tormentos,
Negras imagens, hórridas lembranças,
Amargosas, mortais desconfianças,
Deixai-me sossegar alguns momentos:

Sofrei que logre os vãos contentamentos
Que sonham minhas doidas esperanças;
A posse de alvo rosto, e louras tranças,
Onde presos estão meus pensamentos:

Deixai-me confiar na formosura,
Cruéis! Deixai-me crer num doce engano,
Blasonar de fantástica ventura.

Que mais mal me quereis, que maior dano,
Do que vagar nas trevas da loucura,
Aborrecendo a luz do desengano?

XXIV

RECREIOS CAMPESTRES NA COMPANHIA DE MARÍLIA

Olha, Manha, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre as flores?

Vê como ali beijando-se os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores!

Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha pára,
Ora nos ares sussurrando gira:

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

XXV

DESENGANADO DO AMOR E DA FORTUNA

Fiei-me nos sorrisos da ventura,
Em mimos feminis, como fui louco!
Vi raiar o prazer; porém tão pouco
Momentâneo relâmpago não dura:

No meio agora desta selva escura,
Dentro deste penedo húmido e oco,
Pareço, até no tom lúgubre e rouco,
Triste sombra a carpir na sepultura:

Que estância para mim tão própria é esta!
Causais-me um doce e fúnebre transporte,
Áridos matos, lôbrega floresta!

Ah!, não me roubou tudo a negra sorte:
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a solidão e a morte.

XXVI

À CONSTÂNCIA DE DIDO

Arde em vão por Elisa, em vão porfia
Contra a constância da heroína augusta
O bárbaro senhor de Africa adusta,
Que do sangue de Jove se gloria:

Em vão lhe oferece a vasta monarquia,
Aonde a espádua atlântica robusta
Sustenta os céus, o caminhante assusta,
E hórridos monstros indomáveis cria:

Não cede Elisa; e vendo que furioso
Usa da força o líbico tirano,
Ela intrépida escolhe um fim glorioso.

Mentes, mentes, injusto mantuano!
Dido infeliz foi vítima do esposo,
Foi vítima da fé, não do troiano.

XXVII

AOS ANOS DA SR^a D. MARIA JOAQUINA DE MELO

Há pouco a mãe das Graças, dos Amores,
Gerada pela espuma cristalina,
Baixou da etérea região divina
Nas asas dos Favónios voadores:

«Ó das margens do Tejo habitantes!
Hoje torna a luzir» (disse Ericina)
«O ledor instante em que nasceu Marina,
Íncrito fruto de ínclitos maiores:

Do céu, do mar, da terra os soberanos
Imprimindo-lhe encantos a milhares,
Criaram nela a glória dos humanos:

Eia, cantai-lhe os dotes singulares,
Louvai seus olhos, aplaudi seus anos,
Queimai-lhe aromas, erigi-lhe altares.»

XXVIII

VOLVENDO A AMAR DE NOVO UMA DAMA DESPREZADA

A teus mimosos pés, meu bem, rendido,
Confirmo os votos, que a traição manchara;
Fumam de novo incensos sobre a ara,
Que a vil ingratidão tinha abatido:

De novo sobre as asas de um gemido
Te ofereço o coração, que te agravara;
Saudoso torno a ti, qual torna à cara
Perdida pátria o mísero banido:

Renovemos o nó por mim desfeito,
Que eu já maldigo o tempo desgraçado
Em que a teus olhos não vivi sujeito;

Concede-me outra vez o antigo agrado;
Que mais queres? Eu choro, e no meu peito
O punhal do remorso está cravado.

XXIX

CELEBRA AS GRAÇAS DE ELMIRA

Os suaves eflúvios, que respira
A flor de Vénus, a melhor das flores,
Exalas de teus lábios tentadores,
O doce, ó bela, ó desejada Elmira;

A que nasceu das ondas, se te vira,
A seu pesar cantara os teus louvores;
Ditoso quem por ti morre de amores!
Ditoso quem por ti, meu bem, suspira!

E mil vezes ditoso o que merece
Um teu furtivo olhar, um teu sorriso,
Por quem da mãe formosa Amor se esquece!

O sacrílego ateu, sem lei, sem siso,
Contemple-te uma vez, que então conhece
Que é força haver um Deus e um Paraíso.

XXX

ANTEPÕE O AMOR DE JÓNIA
ÀS HONRAS E RIQUEZAS

Esses tesouros, esses bens sagrados
Para os cegos mortais, bens de que abunda
Ásia guerreiras América fecunda,
Filhos da terra, pelo sol gerados:

Honras, grandezas, títulos inchados,
Servil incenso, adulação jucunda,
Não quero, não, que sobre mim difunda
Amiga dextra de risonhos Fados:

Quero que as Fúrias hórridas me escoltem,
Quero que contra mim, que em vão deliro,
Os racionais e irracionais se voltem:

Quero da morte o formidável tiro,
Contanto, ó Jónia, que meus lábios soltem
Nesses teus lábios o final suspiro.

XXXI

CONSOLAÇÕES NA TIRANIA DE UMA INGRATA

Meu frágil coração, para que adoras,
Para que adoras, se não tens ventura?
Se uns olhos, de quem ardes na luz pura,
Folgando estão das lágrimas que choras?

Os dias vêes fugir, voar as horas,
Sem achar neles visos de ternura;
E inda a louca esperança te figura
O prémio dos martírios, que devoras!

Desfaze as trevas de um funesto engano,
Que não hás-de vencer a inimizade
De um génio contra ti sempre tirano:

A justa, a sacrossanta divindade
Não força, não violenta o peito humano,
E queres constranger-lhe a liberdade?

XXXII

À MORTE DE UMA FORMOSA DAMA

Os garços olhos, em que Amor brincava,
Os rubros lábios, em que Amor se ria,
As longas tranças, de que Amor pendia,
As lindas faces, onde Amor brilhava:

As melindrosas mãos, que Amor beijava,
Os níveos braços, onde Amor dormia,
Foram dados, Armânia, à terra fria,
Pelo fatal poder que a tudo agrava:

Seguiu-te Amor ao tácito jazigo,
Entre as irmãs cobertas de amargura;
E eu que faço (ai de mim!) como os não sigo!

Que há no mundo que ver, se a formosura,
Se Amor, se as Graças, se o prazer contigo,
Jazem no eterno horror da sepultura?

XXXIII

QUEIXUMES CONTRA UM RIVAL PREFERIDO

Não disfarces, Marília; por Josino
Já nos teus olhos a paixão flameja;
E em que parte estará, que se não veja
O tenro deus, o alígero menino?

Inda que ostentes de ânimo ferino,
Há quem teu níveo peito abraça e reja;
Porém, Marília, dize-me qual seja
A causa justa de um amor tão fino?

Nesse, que as esquivanças te suaviza,
Encontras uma fêrvida ternura,
Um coração brioso, uma alma lisa?

Seus méritos quais são?... Mas, ó loucura!
Quem é feliz, que méritos precisa?
Que dons há-de mister quem tem ventura?

XXXIV

A URSULINA DISTANTE

Ursulina gentil, benigna e pura,
Eis nas asas subtis de um ai cansado
A ti meu coração voa alagado
Em torrentes de sangue e de ternura:

põe-lhe os olhos, meu bem; vê com brandura
Seu miserável, doloroso estado;
Que nas garras da morte já cravado
A fé, que te jurava, inda te jura:

Põe-lhe os olhos, meu bem, suavemente,
Põe-lhe os mimosos dedos na ferida,
Palpa de Amor a vítima inocente;

E por milagre deles, ó querida,
Verás cerrar-se o golpe, e de repente
Em ondas de prazer tornar-lhe a vida.

XXXV

QUEIXAS CONTRA A INGRATIDÃO DE MARÍLIA

Em veneno letífero nadando,
No roto peito o coração me arqueja;
E ante meus olhos hórrido negreja
De mortais aflições espesso bando:

Por ti, Manha, ardendo, e delirando
Entre as garras aspérrimas da Inveja,
Amaldiçoo Amor, que ri, e adeja
Pelos ares, cos Zéfiros brincando:

Recreia-se o traidor com meus clamores,
E meu cioso pranto... ó Jove, ó nume,
Que vibras os coriscos vingadores!

Abafa as ondas do tartáreo lume,
Que para os que provam teus furores
Tens inferno pior, tens o ciúme.

XXXVI

OFERENDA A NISE

Do arbusto, ó Nise, a Vénus consagrado
Envisquei hoje um trémulo raminho;
Pousou nele este incauto passarinho,
E pelos tenros pés ficou pegado:

Então, depois de o ter na mão fechado,
Corri, dizendo alegre: «Eu adivinho
Que há-de Nise estimar que o meu carinho
Lhe dedique este músico do prado.»

Disse; e no mesmo instante a simples ave
Desata a linda voz e principia
Um canto harmonioso, agudo e grave:

Ah! Por ser tua, entendo que dizia
Que a prisão mais gostosa e mais suave
Que a própria liberdade encontraria!

XXXVII

INSÓNIA

Ó retrato da morte, ó Noite amiga
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda, Amor, que a ti somente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumás, ouve, enquanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vás, ó cortesãos da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.

XXXVIII

FESTEJANDO O DIA NATALÍCIO DE ANARDA

Vinde, Prazeres, que por entre as flores
Nos jardins de Citera andais brincando,
E vás, despidas Graças, que dançando
Triniais alegres sons encantadores:

Deusa dos gostos, deusa dos amores,
Ah!, dos filhinhos teus ajunta o bando,
E vem nas asas de Favónio brando
Dar força, dar beleza, a meus louvores.

Da linda Anarda minha voz aspira
A cantar o natal; tu, por demência,
O teu fiel cantor, deidade, inspira:

Do trácio vate empresta-me a cadência,
E faze que mereça a minha lira
Os cândidos sorrisos da inocência.

XXXIX

LASTIMANDO-SE DA INGRATIDÃO DE NISE

Canta ao som dos grilhões o prisioneiro,
Ao som da tempestade o nauta ousado,
Um porque espera o fim do cativo,
Outro antevendo o porto desejado:

Exposta a vida ao tigre mosqueado,
Gira sertões o sôfrego mineiro,
Da esperança dos lucros encantado,
Que anima o peito vil e interesseiro:

Por entre armadas hostes destemido
Rompe o sequaz do horrífico Mavorte,
Co triunfo, coa glória no sentido:

Só eu (tirano Amor!, tirana sorte!)
Só eu por Nise ingrata aborrecido
Para ter fim meu pranto espero a morte.

XL

O CIÚME

Entre as tartáreas forjas, sempre acesas,
Jaz aos pés do tremendo, estígio nume,
O carrancudo, o rábido Ciúme,
Ensanguentadas as corruptas presas:

Traçando o plano de cruéis empresas,
Fervendo em ondas de sulfúreo lume,
Vibra das fauces o letal cardume
De hórridos males, de hórridas tristezas;

Pelas terríveis Fúrias instigado
Lá sai do Inferno, e para mim se avança
O negro monstro, de áspides toucado:

Olhos em brasa de revés me lança;
O dor! O raiva! O morte!... Ei-lo a meu lado,
Ferrando as garras na vipérea trança.

XLI

À ESQUIVANÇA DE ARMIA

Pela porta de ferro, onde ululando
O cão trifauce está perpetuamente,
Entraste, Orfeu, coa cítara eloquente
Os monstros infernais domesticando:

Penedos com teus sons amontoando
Lá ergues Tebas, Anfião cadente;
Pulsa Aríon a lira, e de repente
Vê delfins, vê tritões no mar dançando:

Tu, linguagem do Céu, tu, melodia,
A tudo encantas, para tudo és forte,
Menos para aplacar a ingrata Armia:

Mais fácil te há-de ser, domando a sorte,
Ir de novo à tartárea monarquia
Ver outra vez o cárcere da morte!

XLII

DESENGANO DE AMOR

Triste quem ama, cego quem se fia
Da feminina voz na vã promessa!
Aspira a vê-la estável! Mais depressa
O facho apagará que espalha o dia:

Alada exalação, que na sombria
Tácita noite os ares atravessa,
Foi comigo a paixão volúvel dessa
Que o peito me aflagava e me feria:

Do desengano o bálsamo lhe aplico,
E a teus laços, Amor, sem medo exponho
Dos benéficos céus o dom mais rico:

Vejo mil Circes plácido risonho;
E se fé me prometem, ouço, e fico
Como quem despertou de aéreo sonho.

XLIII

AMOR TRIUNFANDO DA MAGIA

Busquei num ermo Algânia feiticeira,
Que de abrasado feixe a par jazia;
Fui ver se atro conjuro me extorquia
Do baço antigo esta alma prisioneira:

Expus-lhe minha fé, minha cegueira,
Tracei meus males, e a rugosa estria
Cedendo às ternas mágoas, que me ouvia,
Cuspiu três vezes na voraz fogueira:

Trémulas preces murmurou, e eu mudo;
Eis que as melenas em sinal de espanto
Erriça com semblante carrancudo:

«Meu rito é vão» (me diz) «e é vão teu pranto;
O poderoso Amor zomba de tudo,
Não vence encanto algum de Amor o encanto.»

XLIV

A RAZÃO DOMINADA PELA FORMOSURA

Importuna Razão, não me persigas;
Cesse a ríspida voz que em vão murmura;
Se a lei de Amor, se a força da ternura
Nem domas, nem contrastas, nem mitigas:

Se acusas os mortais, e os não abrigas,
Se (conhecendo o mal) não dás a cura,
Deixa-me apreciar minha loucura,
Importuna Razão, não me persigas.

É teu fim, teu projecto, encher de pejo
Esta alma, frágil vítima daquela
Que, injusta e vária, noutros laços vejo:

Queres que fuja de Marília bela,
Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo
É carpir, delirar morrer por ela.

XLV

QUEIXUMES CONTRA OS DESPREZOS DA SUA AMADA

Ó trevas, que enlutais a natureza,
Longos ciprestes desta selva anosa,
Mochos de voz sinistra, e lamentosa,
Que dissolveis dos fados a incerteza:

Manes, surgidos da morada acesa
Onde de horror sem fim Plutão se goza,
Não aterreis esta alma dolorosa,
Que é mais triste que vós minha tristeza:

Perdi o galardão da fé mais pura,
Esperanças frustrei do amor mais terno,
A posse de celeste formosura:

Volvei pois, sombras vãs, ao fogo eterno;
E lamentando a minha desventura
Movereis à piedade o mesmo inferno.

XLVI

VISÃO AMOROSA

No carro de marfim sentada a Lua
Da antiga mãe das sombras triunfava,
Quando a furtivos gostos me guiava
Amor, a quem me entrega a sorte crua:

«Hoje» (me disse o nume) «há-de ser tua
A ninfa mais gentil que o Tejo lava;
Não deram tanta glória à minha aljava
Nem Vénus a carpir, nem Tétis nua:

Ali dorme o teu bem... vê, que momento!...»
Olho, corro anelante, aos pés lhe caio,
Mas tentando abraçá-la, abraço o vento;

Meu peito arqueja em súbito desmaio;
Eis que soa esta voz de horrendo acento:
«Profano! Expia o crime, e teme o raio!»

XLVII

RECORDAÇÕES DE UMA INGRATA

Inda em meu frágil coração fumega
A cinza desse fogo em que ele ardia;
A memória da tua aleivosia
Meu sossego inda aqui desassossega:

A vil traição, que as almas nos despega,
Não tem cabal poder na simpatia:
Gasta o mar importuno a rocha fria,
Melhor que o desengano a paixão cega:

Bem como o flavo sol, que a terra abraça,
Por mais que o vejo densamente oposto,
Atraído vapor fere, e repassa:

Tal, para misturar gosto e desgosto,
Na sombra de teus crimes brilha a graça,
Com que o pródigo Céu criou teu rosto.

XLVIII

DESEJOS DA PRESENÇA DO OBJECTO AMADO

Já o Inverno, espremendo as cãs nevosas,
Geme, de horrendas nuvens carregado;
Luz o aéreo fuzil, e o mar inchado
Investe ao pólo em serras escumosas;

Ó benignas manhãs!, tardes saudosas,
Em que folga o pastor, medrando o gado,
Em que brincam no ervoso e fértil prado
Ninfas e Amores, Zéfiros e Rosas!

Voltaí, retrocedei, formosos dias:
Ou antes vem, vem tu, doce beleza
Que noutros campos mil prazeres crias;

E ao ver-te sentirá minha alma acesa
Os perfumes, o encanto, as alegrias,
Da estação que remoça a natureza.

XLIX

CONJUROS A ANARDA
PARA QUE RETRIBUA O SEU AMOR

Mimosa, linda Anarda, atende, atende
Às doces mágoas do rendido Elmano;
C'um meigo riso, c'um suave engano,
Consola o triste amor, que não te ofende:

De teus cabelos ondedados pende
Meu coração, fiel para seu dano;
Coa luz dos olhos teus Cupido ufano
Sustenta o puro fogo, em que me acende:

Causa gentil das lágrimas que choro,
A tudo te antepõe minha ternura,
E quanto adoro o Céu, teu rosto adoro:

O golpe que me deste amima e cura...
Mas ai! Que em vão suspiro, em vão te imploro:
Não pertence a piedade à formosura.

L

DELÍRIO AMOROSO

Meus olhos, atentai no meu jazigo,
Que o momento da morte está chegado;
Lá soa o corvo, intérprete do fado;
Bem o entendo, bem sei, fala comigo:

Triunfa, Amor, gloria-te, inimigo;
E tu, que vês com dor meu duro estado,
Volve à terra o cadáver macerado,
O despojo mortal do triste amigo:

Na campa que o cobrir, piedoso Albano,
Ministra aos corações que Amor flagela
Terror, piedade, aviso e desengano:

Abre em meu nome este epitáfio nela:
«Eu fui, ternos mortais, o terno Elmano:
Morri de ingratidões, matou-me Isbela.»

LI

DEPLORANDO A MORTE DE NISE

Já no calado monumento escuro
Em cinzas se desfez teu corpo brando;
E pude eu ver, ó Nise, o doce, o puro
Lume dos olhos teus ir-se apagando!

Hórridas brenhas, solidões procuro,
Grutas sem luz frenético demando,
Onde maldigo o fado acerbo e duro,
Teu riso, teus afagos suspirando:

Darei da minha dor contínua prova,
Em sombras cevarei minha saudade,
Insaciável sempre, e sempre nova:

‘Té que torne a gozar da claridade
Da luz, que me inflamou, que se renova
No seio da brilhante eternidade.

LII

EMPREGA O PODER DA MAGIA PARA DOMAR
A RESISTÊNCIA DA SUA AMADA

Oleno, meia-noite está caindo:
Acende a vela azul, queima as verbenas,
Torra os ossos da rã, chamosca as penas
Da esquerda gralha, que apanhei dormindo:

Co pé, coa vara, o ar e o chão ferindo
Enquanto o filtro portentos ordenas,
Eu freí, e a meu brado ouvindo apenas
Virão do Inferno as Górgonas surgindo:

Eia, avante o prestígio, não cessemos
Da irresistível mágica porfia,
Contra quem vê sem dá nossos extremos;

Que se hoje o fel tragamos da agonia,
Amanhã doce néctar libaremos
Tu nos braços de Nise, eu nos de Armia.

LIII

IMPRECAÇÕES CONTRA UMA INGRATA

(Improvisado)

Vai-te, fera cruel, vai-te, inimiga,
Horror do mundo, escândalo da gente,
Que um férreo peito, uma alma que não sente,
Não merece a paixão, que me afadiga:

O Céu te falte, a Terra te persiga,
Negras fúrias o Inferno te apresente,
E da baça tristeza o voraz dente
Morda o vil coração, que Amor não liga:

Disfarçados, mortíferos venenos
Entre licor suave em áurea taça
Mão vingativa te prepare ao menos:

E seja, seja tal tua desgraça,
Que ainda por mais leves, mais pequenos,
Os meus tormentos invejar te faça.

LIV

PROTESTOS DE CONSTÂNCIA ETERNA

Não temas, ó Ritábia, que o choro,
O desvelado Elmano, a fé quebrante,
Não desconfies do singelo amante
Que tu podes, tu só, fazer ditoso:

Serena o coração tenro e cioso,
Que inda minha alma te há-de ser constante
Se, primeiro que a tua, andar errante
Pelas margens do Letes preguiçoso:

Naquela ao sol inacessível parte,
Dos manes taciturnos entre o bando
Ao negro esquecimento hei-de furtrar-te:

E o pensamento alígero voando
Por abafados ares, visitar-te
Dali virá, meu bem, de quando em quando.

LV

INVOCAÇÃO À NOITE

Ó deusa, que proteges dos amantes
O destro furto, o crime deleitoso,
Abafa com teu manto pavoroso
Os importunos astros vigilantes:

Quero adoçar meus lábios anelantes
No seio de Ritália melindroso;
Estorva que os maus olhos do invejoso
Turbem de amor os sôfregos instantes:

Tétis formosa, tal encanto inspire
Ao namorado Sol teu níveo rosto,
Que nunca de teus braços se retire!

Tarda ao menos o carro à Noite oposto,
Até que eu desfaleça, até que expire
Nas ternas ânsias, no inefável gosto.

LVI

VÉNUS RECONHECENDO A SUPERIORIDADE
DA BELEZA DE NISE

Aquela que na esfera luminosa,
Precedendo a manhã, qual astro brilha,
Mãe dos Amores, das espumas filha,
Que o mar na concha azul passeia airosa:

Apenas viu sorrir Nise formosa,
A quem dos corações o Deus se humilha,
Do cinto desatando a áurea presilha,
No regaço lho pôs, leda e mimosa:

«Não te é, bem sei» (lhe diz), «não te é preciso;
Para atrair vontades à ternura
Basta-te um gesto, basta-te um sorriso:

»Mas deves possuí-lo, ó ninfa pura,
Como troféu, que dê ao mundo aviso
De que Vénus te cede em formosura.»

LVII

VISÃO REALIZADA

Sonhei que a mim correndo o gnídeo nume
Vinha coa Morte, co Ciúme ao lado,
E me bradava: – «Escolhe, desgraçado,
Queres a Morte, ou queres o Ciúme?»

»Não é pior daquela fouce o gume
Que a ponta dos farpões que tens provado;
Mas o monstro voraz, por mim criado,
Quanto horror há no Inferno em si resume.»

Disse; e eu dando um suspiro: «Ah, não me espantes
Coa vista dessa fúria!... Amor, demência!
Antes mil mortes, mil infernos antes!»

Nisto acordei com dor, com impaciência;
E não vos encontrando, olhos brilhantes,
Vi que era a minha morte a vossa ausência!

LVIII

O POETA ASSETEADO POR AMOR

Ó Céus! Que sinto na alma! Que tormento!
Que repentino frenesi me anseia!
Que veneno a ferver de veia em veia
Me gasta a vida, me desfaz o alento!

Tal era, doce amada, o meu lamento;
Eis que esse deus, que em prantos se recreia,
Me diz: «A que se expõe quem não receia
Contemplar Ursulina um só momento!

Insano! Eu bem te vi dentre a luz pura
De seus olhos travessos, e dum tiro
Puni tua sacrílega loucura:

De morte, por piedade hoje te firo;
Vai pois, vai merecer na sepultura
A tua linda ingrata algum suspiro.»

LIX

RETRATO DE UMA FORMOSURA ESQUIVA

(Improvisado)

Da minha ingrata Flérida gentil
Os verdes olhos esmeraldas são;
E de cândida prata a lisa mão,
Onde eu dum beijo passaria a mil:

A trança, cor do Sol, rede subtil
Em que se foi prender meu coração,
É de ouro, o pai da tímida ambição,
Prole fatal do cálido Brasil:

Seu peito delicado e tentador
E porção de alabastro, a quem jamais
Penetraram farpões do deus traidor;

Mas como há-de a tirana ouvir meus ais,
Como há-de esta cruel sentir amor,
Se é composta de pedras e metais!

LX

PREDIÇÃO CUMPRIDA

Tragado o peito de cruéis pesares,
Em doloroso e rábido transporte,
Contra Amor, de quem pende a minha sorte,
Voavam meus queixumes a milhares:

Eis que, desde os azuis serenos ares,
Me grita o Deus: « Tua alma se conforte,
Que nem sempre o Furor, o Estrago, a Morte,
Ministros hão-de ser dos meus altares:

Aquela paz, aquele gosto, aquela
Ventura, que até agora te hei negado,
Guardei nos olhos de Ritália bela.»

Disse, e limpando o rosto amargurado,
Corro da ninfa aos pés, encontro nela
Quanto Amor pode dar, e o Céu, e o Fado.

LXI

PRETENDENDO ABRANDAR A ESQUIVANÇA DE URSULINA

Desprega as asas, tímida Esperança,
Minha consolação não desanimes:
Adeja, voa; os cultos não são crimes,
Nem Jove a quem o adora os raios lança:

Com ais de um coração que não descansa,
Terno, benigno dá vai ver se imprimes
Na formosa Ursulina, ou se reprimes
Ténue porção de ríspida esquivança:

Chorosas preces, trémulo respeito,
Exercita com ela, e tu, mimoso
Cândido amor, que escravo me tens feito,

Para adoçar-lhe o génio desdenhoso
Deixa-lhe os olhos, salta-lhe no peito,
Não perdes nada, e fazes-me ditoso.

LXII

DESPERANÇA

Nise, das Graças e de Amor tesouro,
Voto implorado me firmava um dia,
Na face meiga a cândida alegria,
Aos ventos derramada a trança de ouro:

Eis que junto de nós ave de agouro
Três vezes esvoaça, pousa e pia;
Os ares prenhe sombra enluta, esfria,
E o raio estragador cai sobre um louro.

No repentino horror, que a cena altera,
Queria talvez dizer-me o fado
Que não tinha o meu bem alma sincera?

Ah! Só quis persuadir um desgraçado
Que de o felicitar capaz não era
Nem a glória de ser por Nise amado.

LXIII

GLOSANDO O MOTE:

MORTE, JUÍZO, INFERNOS E PARAÍSO

Em que estado, meu bem, por ti me vejo,
Em que estado infeliz, penoso e duro!
Delido o coração de um fogo impuro,
Meus pesados grilhões adoro e beijo:

Quando te logro mais, mais te desejo,
Quando te encontro mais, mais te procuro,
Quando mo juras mais, menos seguro
Julgo esse doce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus fados
Me desarreigam da alma a paz, e o riso,
Sendo só meu sustento os meus cuidados:

E, de todo apagada a luz do siso,
Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados
Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

LXIV

GLOSANDO O MOTE:

OS ROUBOS QUE ME FEZ A MÁ VENTURA

Eu deliro, Gertrúria, eu desespero
No inferno de suspeitas e temores;
Eu da morte as angústias e os horrores
Por ti mil vezes sem morrer tolero:

Pelo Céu, por teus olhos te assevero
Que ferve esta alma em cândidos amores;
Longe o prazer de ilícitos favores!
Quero o teu coração, mais nada quero.

Ah! Não sejas também qual é comigo
A cega divindade, a Sorte dura,
A vária deusa, que me nega abrigo!

Tudo perdi; mas valha-me a ternura,
Amor me valha, e pague-me contigo
Os roubos que me fez a má ventura.

LXV

GLOSANDO O MOTE:

NADA SE PODE COMPARAR CONTIGO

O ledo passarinho, que gorjeia
Da alma exprimindo a cândida ternura,
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpenteia:

O Sol, que o céu diáfano passeia,
A Lua, que lhe deve a formosura,
O sorriso da aurora alegre e pura,
A rosa, que entre os Zéfiros ondeia:

A serena, amorosa Primavera,
O doce autor das glórias que consigo,
A deusa das paixões, e de Citera:

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,
Tudo em tua presença degenera,
Nada se pode comparar contigo.

LXVI

ENCARECENDO AS PERFEIÇÕES DE ARMÂNIA

Ó terra, onde os seus dons, os seus favores,
Derrama de áureo cofre a Natureza,
Que na estação do gelo, e da tristeza,
Borda teus prados de verdura e flores:

Ó clima dos heróis, e dos amores,
Esmalte e perfeição da redondeza,
Tu, que abrigas em ti tanta beleza,
Tantos olhos gentis e encantadores:

Tu, que do grego errante e cauteloso,
Da mão que ao nada reduziu Dardânia,
Tens em teus campos monumento honroso:

Deles todos, ó Pátria, ó Lusitânia,
O do Tejo é mais ledado, é mais viçoso,
Graças ao riso da celeste Armânia.

LXVII

CON VÍCIOS A UM SEDUTOR INTERESSEIRO
E A UMA BELEZA INGRATA

Perverso estragador da formosura,
Alma corrupta, desleal, ímpia,
Onde interesse, amor e aleivosia
Jazem com feia e sórdida mistura:

Os frutos que produz tua ternura
São (que assombro!) a vileza, a tirania:
Sacrificas a tua idolatria
Com tuas próprias mãos em ara impura.

Que bruto coração, que torpe amante,
Vende o seu gosto? Ah, mísera beleza,
Eu te choro, eu te choro, outrem te cante:

Excedeu-se em formar-te a Natureza;
Divina te julguei pelo semblante,
Humana vejo que és pela fraqueza.

LXVIII

O POETA AVASSALADO PELOS OLHOS DE CORINA

Vendo o soberbo Amor que eu resistia
Ao seu poder com ânimo arrogante,
Mostrou-me um doce angélico semblante,
Que a própria Vénus invejar devia:

Minha néscia altivez, minha ousadia,
Em submissão troquei no mesmo instante;
E o deus tirano, achando-se triunfante,
Com voz insultadora me dizia:

«Tu, que escapar às minhas setas queres,
Vil mortal, satisfaze o teu desejo,
Vê, vê Corina, e foge, se puderes.»

«Amor» (lhe respondi) «rendido a vejo;
Adoro os olhos seus, com que me feres,
Venero as tuas leis, teus ferros beijo.»

LXIX

PREFERE AOS BENS DO MUNDO
OS AGRADOS DE MARÍLIA

Honroso louro o capitão valente
Ganhe embora na fêrvida peleja;
Seu nome a fama espalhe, e geralmente
Com pasmo, e com respeito ouvido seja:

Embora o torpe avaro, o vil demente,
Que para os ferrolhar mil bens deseja,
De ricas peças de metal fulgente
Seus amplos cofres atulhados veja:

Embora de lisonjas incensado
Tenha o monarca às suas leis sujeito
O povo mais feliz, mais afamado:

Que a mim, para que viva satisfeito,
Me basta possuir teu doce agrado,
Ter lugar, ó Manilha, no teu peito.

LXX

UMA ESQUIVANÇA VENCIDA PELO PODER DE AMOR

Deitado sobre a relva Amor estava
Dormindo ao pé duma árvore sombria,
E num dos troncos pendurado havia
Prenhe de setas a danosa aljava:

Flora então, que de isenta blasonava,
E do infeliz Dorindo escarnecia,
Com soberba, sacrílega ousadia,
Quis partir os farpões, que detestava:

Mas apenas lhe toca, a mão ferindo
No bico de um dos ferros penetrantes,
Grita, lavado em pranto o gesto lindo:

«Ai de mim! Firme exemplo dos amantes,
Onde estás? Vem, não temas, vem,
Dorindo, Que eu já não sou cruel como era dantes.»

LXXI

ÀS MÃOS DE MARÍLIA

De cima destas penhas escabrosas,
Que pouco a pouco as ondas têm minado,
Da Lua co reflexo prateado
Distingo de Manha as mãos formosas:

Ah! Que lindas que são, que melindrosas!
Sinto-me louco, sinto-me encantado;
Ah! Quando elas vos colhem lá no prado,
Nem vós, lírios, brilhais, nem vás, ó rosas!

Deuses! Céus! Tudo o mais que tendes feito
Vendo tão belas mãos me dá desgosto;
Nada, onde elas estão, nada é perfeito.

Oh, quem pudera uni-las ao meu rosto!
Quem pudera apertá-las no meu peito!
Dar-lhe mil beijos, e expirar de gosto!

LXXII

AO VER O SEMBLANTE DA SUA AMADA
ANU VEADO DE TRISTEZA

Antes eu visse matador cutelo
Por mão ferina contra mim vibrado,
Ou percesse o peito esmigalhado
Pelos golpes de rívido martelo:

Antes das Fúrias o infernal flagelo
Sentisse, como Orestes malfadado,
E não das sombras de aflição turbado
O céu, Marília, de teu rosto belo!

Das faces orvalhada a neve pura,
Rouca a voz, e na Terra a vista presa,
Te observo, sem que morra de amargura!

Tu desta sorte, angelical beleza?
Ai de mim! Quem terá prazer, ventura,
Se até pode no Céu caber tristeza?

LXXIII

O TEMPO OFERECE AO POETA SEU AUXÍLIO CONTRA AMOR

De emaranhadas cãs o rosto cheio,
De açalada fouce armado o braço,
Giganteia estatura, aspecto baço,
Um velho em sonhos vi, medonho e feio:

«Não tenhas, ó mortal, de mim receio;
O Tempo sou» (me diz,), «eu despedaço
Os colossos, os mármore desfaço,
Prostro a vaidade, a formosura afeio:

»Mas sabendo a razão de teus pesares,
Pela primeira vez enternecido,
A falar-te baixei dos ténues ares:

Sofre, por ora, o jugo de Cupido;
Que eu farei, quando menos o cuidares,
Que te escape Natércia do sentido.»

LXXIV

GOZO FANTÁSTICO

Debalde um véu cioso, ó Nise, encobre
Intactas perfeições ao meu desejo;
Tudo o que escondes, tudo o que não vejo,
A mente audaz e alígera descobre:

Por mais e mais que as sentinelas dobre
A sisuda Modéstia, o cauto Pejo,
Teus braços logro, teus encantos beijo,
Por milagre da ideia afouta e nobre:

Inda que prêmio teu rigor me negue,
Do pensamento a indómita porfia
Ao mais doce prazer me deixa entregue:

Que pode contra Amor a tirania,
Se as delícias, que a vista não consegue,
Consegue a temerária fantasia?

LXXV

CEDENDO A SEU PESAR À VIOLÊNCIA DO DESTINO

Das faixas infantis despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente;
Meu tenro coração inda inocente,
Iam ganhando as plácidas Camenas:

Faces gentis, angélicas, serenas,
De olhos suaves o volver fulgente,
Da ideia me extraíam, de repente
Mil simples, maviosas cantilenas.

O tempo me soprou fervor divino,
E as Musas me fizeram desgraçado,
Desgraçado me fez o deus-menino:

A Amor quis esquivar-me, e ao dom sagrado;
Mas vendo no meu génio o meu destino,
Que havia de fazer? Cedi ao fado.

LXXVI

QUEIXUMES CONTRA A MUDANÇA DE MARÍLIA

Enquanto muda jaz, e jaz vencida
Do sono, que a restaura, a Natureza,
Aumento de meus males a graveza,
Eu, desgraçado, que aborreço a vida.

Velando está minha alma escurecida
Envolta nos horrores da tristeza,
Qual tocha, que entre túmulos acesa,
Espalha feia luz amortecida;

Velando está minha alma, estão com ela
Velando Amor, velando a Desventura,
Algozes com que a Sorte me flagela:

Preside ao acto acerbo a formosura,
Manilha desleal, Manilha, aquela
Que tão branda me foi, que me é tão dura.

LXXVII

AS GRAÇAS DE FELISA
PREFERÍVEIS ÀS HONRAS E RIQUEZAS

Incense da Fortuna os vãos altares
Dextra venal de astuto lisonjeiro;
Raios vibrando intrépido guerreiro
De nuvens de atro fumo assombre os ares:

Domando a fúria de assanhados mares
Sagaz comerciante interesseiro,
Pejado o bojo do baixel veleiro
Opulento saúde os pátrios lares:

A deusa, que por bocas cem respira, Aclame o sábio que medita e vela, Fértil em produções que o mundo admira:

Minha alma só se apraz, só se desvela,
Na glória de cantar ao som da lira
Os olhos de Felisa, as graças dela.

LXXVIII

PEDE A MARÍLIA CONSOLAÇÕES
CONTRA A RUDEZA DOS FADOS

Minha alma se reparte em pensamentos
Todos escuros, todos pavorosos;
Pondero quão terríveis, quão penosos
São, existência minha, os teus momentos:

Dos males que sofri, cruéis, violentos,
A Amor, e aos Fados contra mim teimosos,
Outros inda mais tristes, mas custosos,
Deduzo com fatais pressentimentos.

Rasgo o véu do fruto, e lá diviso
Novos danos urdindo Amor, e os Fados,
Para roubar-me a vida após do siso.

Ah! Vem, Manilha, vem com teus agrados,
Com teu sereno olhar, teu brando riso,
Furtar-me a fantasia a mil cuidados.

LXXIX

QUEIXANDO-SE DOS DESDÉNS DE UMA INGRATA

Por indústria de uns olhos, mais brilhantes
Que o refulgente Sol dos céus no cume,
Jaz preso entre os grilhões do idálio nume
O mais terno e sensível dos amantes:

Uma ingrata, exemplar das inconstantes,
Por génio, por sistema, ou por costume,
Todo o fel da tristeza e do ciúme
Lhe verte sobre os míseros instantes:

Se com piedoso afago lhe suaviza,
Lhe engana alguma vez a dor, que o mata,
Mil vezes com desdéns o tiraniza:

O laço aperta, e súbito o desata...
Ah, doce encanto meu, gentil Felisa,
O desgraçado eu sou, tu és a ingrata.

LXXX

O CIÚME E FILENA CONJURADOS EM DANO DO POETA

Em sonhos na escaldada fantasia
Vi, que torvo dragão de olhos fogosos
Com afiados dentes sanguinosos
As tépidas entranhas me rompia:

Alva ninfa louçã, que parecia
A mãe dos Amorinhos melindrosos,
Raivosa contra mim, cos pés mimosos
Mais o drago faminto embravecia:

De mármore a meu pranto, a meu queixume,
Deste mal, deste horror sem dá, sem pena,
Via dos olhos meus sumir-se o lume:

Ah! Não foi ilusão tão triste cena:
O monstro devorante era o Ciúme,
A cruel que o pungia era Filena.

LXXXI

ANELANDO VER A IMAGEM DA AMADA A USENTE

Doce nume de amor, se à bela Armia
Consagrei por teu mando a liberdade,
Doce nume de amor, se tens piedade
Do coração, que Elmano em ais te envia:

Entre o calado horror da noite fria
A minha amada, a minha divindade
(Com seus olhos dourando a escuridade)
Pinta-me em ledó sonho à fantasia:

Assome tão risonha, e tão brilhante
Como a rósea manhã no céu jucundo,
E as lágrimas enxugue ao triste amante.

Contarei ao meu bem meu mal profundo
E que vivo sem ela absorto, errante,
Perdido, amargurado, e só no mundo.

LXXXII

A PAIXÃO TRIUNFANTE APESAR DO RACIOCÍNIO

O Céu não te dotou de formosura,
De atractivo exterior, e a Natureza
Teu peito inficionou coa vil torpeza
De ingrata condição, falaz e impura:

Influiu-me os extremos da ternura
A constância, o fervor e a singeleza,
Esses dons mais gentis que a gentileza,
Dons que o tempo fugaz não desfigura:

Apesar da traição, do fingimento
Que te infama, e desluz, se enleva e pára
Em ti, alma infiel, meu pensamento:

Nas paixões a razão nos desampara;
Se a razão presidisse ao sentimento,
Tu morrerias por mim, eu não te amara.

LXXXIII

NA AUSÊNCIA DE TIRSEIA

Às margens do Regaça cristalino
Nos olhos de Tirseia ardi contente,
Brandos olhos gentis, dos quais pendente
Estava o meu prazer e o meu destino:

O tenro deus, o cândido menino,
Pagava meu fervor puro, inocente;
Mas cedo me impeliu sorte inclemente
Para vás, tristes margens, que abomino:

Aqui desde que aponta a luz febeia
De lugar em lugar deliro, e corro
Com suspeitas nutrindo a turva ideia.

Não posso contra Amor achar socorro;
Perdi todo o meu bem, perdi Tirseia,
Ela vive sem mim, sem ela eu morro.

LXXXIV

INSUFICIÊNCIA DOS DITAMES DA RAZÃO
CONTRA O PODER DE AMOR

Sobre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vai carcomendo,
Me estão negras paixões na alma fervendo
Como fervem no pego as crespas vagas:

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás nele (ai de mim!) palpando, e vendo
De agudas ânsias venenosas chagas:

Cego a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objectos de horror coa ideia eu corro,
Solto gemidos, lágrimas derramo:

Razão, de que me serve o teu socorro?
Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;
Dizes-me que sossegue, eu peno, eu morro.

LXXXV

*Como é no mundo Amor quinto elemento,
Que tem dos gostos uma e outra chave,*

Pereira, Ulisseia

Debalde contra Amor seu fel derrama
Génio feroz à natureza oposto;
Crua esfinge infernal de humano rosto,
Ou fúria acesa na tartárea flama.

Esse, a que astuto engano um vício chama,
Benigno sentimento em nós disposto,
Brota o desejo precursor do gosto,
Cria o preciso ardor, que a tudo inflama:

Doura a negra existência ao desgraçado,
Do peito arranca as serpes da tristeza,
A que inda o mais feliz não foi vedado:

Ventura, ao doce Amor tu andas presa,
E de todo o vivente instinto, e fado,
É teu quinto elemento, ó Natureza!

LXXXVI

AMOR TRIUNFANDO DA AUSÊNCIA E DO TEMPO

Tu, que na fouce de sanguíneo gume
Tens fera, estragadora onipotência,
Como sofres de Amor a resistência,
O tempo devorante, ó ímpio nume?

E tu, que apagas da ternura o lume,
Que tornas o desvelo em sonolência,
Filha do Letes, esquecida Ausência,
Onde está teu poder e o teu costume?

Nos outros co prazer morre a firmeza,
Arrefece a paixão de dia em dia,
Longe dos olhos por que fora acesa:

Mas em mim terno ardor jamais esfria;
Por glória da constância, ou da beleza,
Triunfam no meu peito Amor e Armia.

LXXXVII

INSENSATEZ DOS CIÚMES

Que ideia horrenda te possui, Elmano?
Que ardente frenesi teu peito inflama,
A razão te alumie, apaga a chama,
Reprime a raiva do ciúme insano:

Esperanças consome, ou vive ufano,
Ah! Foge, ou cinge da vitória a rama;
Ama-te a bela Armia, ou te não ama?
Seus ais são da ternura, ou são do engano?

Se te ama, não consternem teus queixumes
Os olhos de que estás enfeitiçado,
Do puro céu de Amor benignos lumes:

Se outro na alma de Armia anda gravado,
Que fruto hás-de colher dos vãos ciúmes?
Ser odioso, além de desgraçado.

LXXXVIII

DITADO PARA A CAMPA

Sobranceiro ao poder, e às leis da sorte,
Amor ouviu meus ais, cumpriu meu gosto:
Já, já sinto nos olhos, peito e rosto
A névoa, as ânsias, o suor da morte:

À terra mão piedosa me transporte,
E depois que em sepulcro mal composto
Der ao frio cadáver frio encosto,
Estes versos por dá na pedra corte:

«Aqui se esconde Elmano; alegre estado
Algum tempo deveu à amiga estreia,
Foi de Armia amator, de Armia amado:

Desuniu duro caso o triste, e a bela;
Viver sem ela lhe ordenava o fado;
Quis antes o infeliz morrer por ela.»

LXXXIX

À MEMÓRIA DE MARÍLIA

Áureo fio subtil, que teve unida
A corpo imaculado uma alma pura,
De mimoso estalou, e a sepultura
Ficou do teu despojo enriquecida:

De mil graças lustrosa a doce vida
Subiu ao cume da imortal ventura;
Dois numes – Inocência, e Formosura –
Vão dando ao mundo eterna despedida:

Lá onde a morte, e a terra te devoram,
Na estância do silêncio, e da tristeza,
Inda, Marília, corações te adoram:

Longe da tua divinal beleza
Aos olhos que te viram, que te choram,
Um túmulo parece a natureza.

XC

A ARMIA A USENTE

Vem, suspirada, carinhosa Armia,
Remir o escravo, consolar o amante,
Que aflito, que saudoso a cada instante,
Te envia um pensamentos um ai te envia.

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
E flores mais gentis em teu semblante
Que a flor de citereia, a flor brilhante,
Que o mesmo Abril prefere a quantas cria:

Inimiga de Amor é a tardança:
Não tardes, não, meu bem, que me flagelas
Em prolongar-me a sôfrega esperança:

Vem olhar neste rio as faces belas,
Vem, por doce ilusão da semelhança,
Ver enganar-se os Zéfiros com elas.

XCI

POETA ENCADEADO A SEU PESAR EM NOVOS LAÇOS

Do cárcere materno em hora escura,
Em momento infeliz, triste, agourado,
Me desferrolhou terrível Fado,
Meus dias cometendo à Desventura:

Perigosas sementes de ternura
Havia o deus feroz em mim lançado;
Que mil azedos frutos tem brotado,
Regadas pelos prantos da amargura.

Escravo da despótica beleza,
Remir-me de ímpia lei, que me domina,
Tento, e desmaio ao começar a empresa:

Ó poder da paixão, que me alucina!
O cego Amor! Ó frágil Natureza!
Na alma busco a razão, e encontro Alcina.

XCII

EXPROBRANDO A ALCINA A SUA INGRA TIDÃO

Igual ingratidão e igual vileza
Poucos hão-de encontrar entre as ruínas
Que Amor prepara: pródiga de Alcinas
Não é (graças aos Céus!) a natureza:

Génio de fúria, monstro de torpeza,
Que o pejo afogas, que a traição refinas,
São as Júlias, as Lais, as Messalinas,
A par de ti modelos de pureza.

Não temas, infiel, que à terra chame
O raio, que reluz na mão do Eterno,
Para que em negras cinzas te derrame:

Rasguem-te as garras do remorso interno
O coração corrupto, o peito infame;
Lá tenho um vingador, lá tens o Inferno.

XCIII

A ESTÂNCIA DO CIÚME

Há um medonho abismo, onde baqueia
A impulsos das paixões a humanidade;
Impera ali terrível divindade,
Que de torvos ministros se rodeia;

Rubro facho a Discórdia ali meneia,
Que a mil cenas de horror dá claridade;
Com seus sócios, Traição, Mordacidade,
Range os dentes a Inveja escura e feia:

Vê-se a Morte cruel no punho alçando
O ferro de sanguento ervado gume,
E a toda a natureza ameaçando:

Vê-se arder, fumegar sulfúreo lume...
Que estrondo! Que pavor! Que abismo infando!...
Mortais, não é o Inferno, é o Ciúme!

XCIV

QUEIXAS CONTRA ISMENE NA SOLIDÃO

Às águas e às areis deste rio,
As flores e aos Favónios deste prado,
Meus danos conto, minhas mágoas fio,
Dou queixas contra Ismene, Amor e o Fado:

A paz do coração posta em desvio,
O gosto em desenganos sufocado,
Lágrimas com lembranças desafio,
E pela tarda morte às vezes brado:

Tão maviosos são meus ais mesquinhos,
Tanto pode a paixão que em mim suspira,
Que se esquecem das mães os cordeirinhos:

O vento não se mexe, nem respira;
Deixam de namorar-se os passarinhos,
Para me ouvir chorar ao som da lira.

XCV

O SUSPIRO

Voai, brandos meninos tentadores,
Filhos de Vénus, deuses da ternura,
Adoçai-me a saudade amarga e dura,
Levai-me este suspiro aos meus amores:

Dizei-lhe que nasceu dos dissabores
Que influi nos corações a formosura;
Dizei-lhe que é penhor da fé mais pura,
Porção do mais leal dos amadores:

Se o fado para mim sempre mesquinho,
A outro oferece o bem de que me afasta,
E em ais lhe envia Uliana o seu carinho:

Quando um deles soltar na esfera vasta,
Trazei-o a mim, torcendo-lhe o caminho;
Eu sou tão infeliz, que isso me basta.

XCVI

PERSUADINDO ARMIA A QUE RECOMPENSE A SUA TERNURA

Não dê, encanto meu, não dê, Armia,
Ternas lamentações ao surdo vento;
Se amorosa impaciência é um tormento,
Com ledas esperanças se alivia:

A rigorosa mãe, que te vigia,
Em vão nos prende o lúcido momento
Em que solto, adejando o pensamento,
Sobe ao cume da glória e da alegria:

As fadigas de Amor não valem tanto
Como a doce, a furtiva recompensa
Que outorga, inda que tarde, aos ais e ao pranto:

Amantes estorvar, que astúcia pensa?
Tem asas o desejo, a noite um manto,
Obstáculos não há que Amor não vença.

XCVII

LUTANDO EM VÃO COM AS MEMÓRIAS DUMA INGRATA

Fatais memórias da traidora Alcina,
Daquela que encantou meu pensamento;
Se vos quero sumir no esquecimento,
Não o consente Amor, que me domina.

Que é da razão, que as almas ilumina?
Porque não põe limite a meu tormento?
Ah!, que mal que a definem, se exp'rimento
Que não pode evitar-nos a ruína!

Do que estorvar não sabe ela murmura;
Deixando-me os efeitos perigosos
De amorosa, frenética amargura:

E inda são para mim menos penosos
Os horrores da minha desventura
Que a vista, que o prazer dos venturosos.

XCVIII

DESCREVENDO UMA NOITE TEMPESTUOSA

O céu, de opacas sombras abafado,
Tornando mais medonha a noite feia;
Mugindo sobre as rochas, que salteia,
O mar, em crespos montes levantado:

Desfeito em furacões o vento irado,
Pelos ares zunindo a solta areia,
O pássaro nocturno, que vozeia
No agoureiro cipreste além pousado;

Formam quadro terrível, mas aceito,
Mas grato aos olhos meus, grato à fereza
Do ciúme, e saudade, a que ando afeito:

Quer no horror igualar-me a natureza;
Porém cansa-se em vão, que no meu peito
Há mais escuridade, há mais tristeza.

XCIX

À MEMÓRIA DE ULINA

Sonho, ou velo? Que imagem luminosa,
Esclarecendo o manto à noite escura,
A meus olhos pasmados se afigura?
Sopeia a tua dor, alma saudosa!

De mais vistoso objecto o Céu não goza,
A clareza do Sol não é mais pura...
Que encanto! Que esplendor! Que formosura!...
Caiu-te um astro, abóbada lustrosa!...

Sorrisos da purpúrea madrugada,
Vós tão gratos não sois... Ah! Como inclina
A face para mim branda, apiedada!

Refulgente visão tu és de Ulina;
Tu és cópia fiel da minha amada,
Ou reflexo talvez da luz divina.

C

RECEANDO SER SUPLANTADO POR UM RIVAL

Em verso torneado ao som da lira
Eu canto amor, a formosura eu canto;
Por teus olhos gentis, que podem tanto,
Arde meu coração, treme, suspira:

Audaz competidor, esse que aspira
De teus carinhos ao celeste encanto,
Grosseiro e carrancudo infunde espanto,
Da bruta estupidez nas sombras gira.

Ao vê-lo assim, e ao ver minha amargura,
Mal que ele a ti dirige a vista acesa,
Todos ao meu temor chamam loucura:

Ah! Vem da alta razão minha tristeza;
Não receio o rival, temo a ventura,
Porque o pode vingar da Natureza.

CI

O CIÚME REINANDO AINDA NO SEPULCRO

Se, vítima da ingrata e do tirano
Que fazem lastimosa a tua sorte,
Ao peso do frenético transporte
Ceder teu coração, mísero Elmano:

Se àquele que o teu mal contempla ufano
Quiser teu fado que o prazer lhe aborte;
Se nas garras também da turva morte
Conhecer que a ventura é doce engano:

Se o seu despojo enfim se unir contigo,
Para que nem, ó triste, a paz possuas
Entre as eternas sombras do jazigo;

Zelosas despertando as cinzas tuas,
Revoltas pelo horror, pelo ódio antigo,
Hão-de em negro montão fugir das suas.

CII

À MEMÓRIA DE ANARDA

Voaste, alma inocente, alma querida,
Foste ver outro Sol de luz mais pura,
Falsos bens desta vida, que não dura,
Trocaste pelos bens da eterna vida:

Por Deus chamada, para Deus nascida,
Já de vãs ilusões vives segura:
Feliz a fé te crê; mas a ternura
Co punhal da saudade está ferida.

Desgraçado o mortal, insano, insano
Em dar seu pranto aos fados de quem mora
No palácio do eterno soberano!

Perdoa, Anarda, ao triste que te adora:
Tal é a condição do peito humano;
Se a Razão se está rindo, Amor te chora.

CIII

CONSEGUINDO LIBERTAR-SE DUMA PAIXÃO
MAL CORRESPONDIDA

Já de novo a meus olhos aparecem
A graça, o riso, as flores da alegria;
Já na minha teimosa fantasia
Cuidados que velavam adormecem:

Coa verdade ilusões se desvanecem,
Qual foge o triste mocho à luz do dia;
Providente Razão, porém tardia,
Já sobre esta alma teus auxílios descem.

Como, cega paixão, nos persuades!
Quando em Márcia não vi senão beleza
Julguei que dava glória às divindades:

Mas de sacro fulgor coa mente acesa
Noto-lhe o coração, e as falsidades,
Vejo que faz injúria à Natureza.

CV

VARIEDADE DOS EFEITOS DE AMOR

Nascemos para amar; a humanidade
Vai tarde, ou cedo, aos laços da ternura:
Tu és doce atractivo, ó formosura,
Que encanta, que seduz, que persuade:

Enleia-se por gosto a liberdade;
E depois que a paixão na alma se apura,
Alguns então lhe chamam desventura,
Chamam-lhe alguns então felicidade:

Qual se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil na ideia acesas:

Amor ou desfalece, ou pára, ou corre;
E, segundo as diversas naturezas,
Um porfia, este esquece, aquele morre.

CV

NOTANDO INSENSIBILIDADE NA SUA AMADA

A frouxidão no amor é uma ofensa,
Ofensa que se eleva a grau supremo;
Paixão requer paixão, fervor, e extremo
Com extremo e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que diferença!
Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo;
Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo;
Em sombras a razão se me condensa:

Tu só tens gratidão, só tens brandura,
E antes que um coração pouco amoroso
Quisera ver-te uma alma ingrata e dura:

Talvez me enfadaria aspecto iroso;
Mas de teu peito a lânguida ternura
Tem-me cativo e não me faz ditoso.

CVI

VENDO-SE PRESO NOS BRAÇOS DUMA DAMA VENAL

Nos torpes laços da beleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento;
E forçada ao servil abatimento
Contra os sentidos a razão murmura;

Eu que outrora incensava a formosura
Das que enfeita o pudor gentil, e isento,
A já corrupta ideia hoje apascento
Nos falsos mimos de venal ternura:

Se a vejo repartir prazer, e agrado
Aquele, a este, coa fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado;

Céus! Quem me reduziu a tal baixeza?
Quem tão cego me pôs?... Ah! Foi meu fado,
Que tanto não podia a natureza.

CVII

DISPOSTO A ACOMPANHAR AO JAZIGO A SUA AMADA

Perdi tudo (ai de mim!), perdi Marfida,
Marfida, a glória minha, a minha amada;
Tenra flor, a esperança malograda
Do mimoso matiz caiu despida:

Pede meu coração mortal ferida,
Só aos ditosos a existência agrada;
Vida entre angústias equivale ao nada,
No risonho prazer consiste a vida.

Eia, amante infeliz, teu fim procura!
Fantástico terror não te reporte,
Nos túmulos não reina a formosura.

Diga triste letreiro a minha sorte;
Dai-me piedosa sombra à sepultura
Teixos, ciprestes, árvores da morte.

CVIII

À MORTE DE ARMIA

Da rama escura de letal cipreste
Em sonhos vi c'roadada a bela Armia;
Alvas, mimosas carnes, lhe envolvia
Da negra morte a lutuosa veste:

Vagueava o meu bem num ermo agreste,
Onde o mocho agoureiro se carpia,
Não tão meiga e gentil como algum dia,
Mas inda conservava um ar celeste:

«Esta que vês» (me disse em tom magoado),
«Que não creste mortal, mas divindade,
E sombra vã, fantasma inanimado.»

Eis ferido de amor, e de saudade,
Grito, acordo, e seguiu-se (oh, duro fado!)
A funesta visão fatal verdade.

CIX

A MARÍLIA, EM SEU DIA NATALÍCIO

Lá onde o Fado impenetrável mora,
Voa o menino Amor entre os Amores;
Loureja a trança, que matizam flores,
Cintila o facho, que a Razão devora:

Entra, saúda o nume, ao nume implora
Que de Manha os olhos tentadores
Vejam sempre entre as Graças e os Louvores
De seus anos gentis surgir a aurora:

Fronte rugosa vezes três sacode
O deus, cujo poder tudo atropela,
E às súplicas de Amor destarte acode:

«Escape às minhas leis Manilha bela,
Seja, seja imortal: durar não pode
O mundo sem amor, amor sem ela.»

CX

REFLECTINDO SOBRE A INSTABILIDADE
DA CONDIÇÃO HUMANA

Quantas vezes, Amor, me tens ferido?
Quantas vezes, Razão, me tens curado?
Quão fácil de um estado a outro estado
O mortal sem querer é conduzido!

Tal, que em grau venerando, alto e luzido,
Como que até regia a mão do fado,
Onde o Sol, bem de todos, lhe é vedado,
Depois com ferros vis se vê cingido:

Para que o nosso orgulho as asas corte,
Que variedade inclui esta medida,
Este intervalo da existência à morte!

Travam-se gosto, e dor; sossego, e lida;
É lei da natureza, é lei da sorte,
Que seja o mal e o bem matiz da vida.

CXI

AO SONO, PARA QUE LHE REPRESENTE
A IMAGEM DA AMADA

Ó tu, consolador dos malfadados,
Ó tu, benigno dom da mão divina,
Das mágoas saborosa medicina,
Tranquilo esquecimento dos cuidados:

Aos olhos meus, de prantear cansados,
Cansados de velar, teu voo inclina;
E vós, sonhos de amor, trazei-me Alcina,
Dai-me a doce visão de seus agrados:

Filha das trevas, frouxa sonolência,
Dos gostos entre o fêrvido transporte
Quanto me foi suave a tua ausência!

Ah!, findou para mim tão leda sorte;
Agora é só feliz minha existência
No mudo estado, que arremeda a morte.

CXII

À INCONSTÂNCIA DE INÁLIA

Quando à que me rendeu jurava ufano
Gostar por ela do funéreo instante,
Dizia a doce amada ao terno amante:
«Inália morrerá se morre Elmano!»

O Tempo, das paixões, dos bens tirano,
Tornou ferino o divinal semblante,
E nos lábios gentis voz fulminante
Vibrou, vibrou-me um raio – o desengano!

Esperanças, murchai; tu, lisonjeiro
Sonho adorável, com que o ser mantive;
Desfaze-te em meu ponto derradeiro:

Mas as cinzas do amante Amor não prive
Dos ais de escravos seus: triste letreiro
Diga: «Elmano morreu e Inália vive.»

CXIII

A UMA DAMA QUE LHE PEDIA QUISESSE RETRATÁ-LA

(Improvisado)

Pode o tosco pincel, que mal sustento,
Pintar ousado divinal beleza?
Oh! Quanto fora temerária empresa!
Pagara icária sorte o louco intento.

Não pinta humana pena um tal portento,
Milagre da sublime Natureza;
Tens mais alto pintor, que não despreza
Pintar-te... a mão, que fez o firmamento:

Tanto não posso, ó dentre as belas bela;
E baixará dos Céus fiel socorro
P'ra traçar-te a paixão que me flagela?

Deliro, amável Jónia, em vão discorro;
Confunde-me a aflição que me atropela,
Mal sei balbuciar que por ti morro.

CXIV

GLOSANDO O MOTE:

DA LEMBRANÇA RISCAR-TE, AH, QUEM PUDERA!

Em frágil lenho o pélago cruzando,
Nos turbilhões das vagas envolvido,
A razão se me esvai, perco o sentido,
Na triste vida minha imaginando:

Cedo a Morfeu: a mente flutuando
Põe ante mim o deus, que impera em Gnido,
Do arco aguda seta enfurecido
Vai ao peito de Anália disparando:

Trémulo, insano, exausto, delirante,
Brado ao númen feroz: «Espera, espera,
Não firas, poupa um coração constante.»

Nisto o deus mostra o coração da fera;
Vi-te, pérfida, e disse agonizante:
Da lembrança riscar-te, ah, quem pudera!

CXV

A MARÍLIA, NO SEU DIA NATALÍCIO

Quis, Manha gentil, cantar teu dia,
Teu dia grato a Amor, grato à ventura,
Pintar-te a graça, o riso, a formosura,
Princípios de inefável simpatia:

Ao pai da claridade e da harmonia
Roguei canções de singular brandura;
Mas sempre mais e mais a mente escura
Num túmulo de ideias se perdia:

Eis o deus, que da aurora aviva os lumes,
Me diz: «Porque tens nome entre os humanos,
Objectos divinais cantar presumes?

Subjuga dentro da alma os sons profanos;
Muda em culto o louvor; celebrem numes,
Mortais adorem de Marília os anos.»

CXVI

A MÁRCIA, PEDINDO-LHE A CONFIRMAÇÃO DO SEU AMOR

Tu és meu coração, tu és meu nome;
Não vive para mim do mundo o resto;
A morte, a vida, os Céus, meu fado atesto,
Meu fado, que em teus olhos se resume.

Mas com frequente, ríspido queixume,
Os mimosos ouvidos te molesto;
Dias de ouro, e de amor (ah!), toldo, empesto,
Coas trevas mais que horríveis do ciúme.

Olho-te as graças, olho-te a beleza,
E cuido que enfeitiças por meu dano
Quantos entes abrange a natureza!

Socorre, doce Márcia, o triste Elmano;
Oh! Que infernal tormento o da incerteza!
Ao menos é só morte o desengano.

CXVII

À MEMÓRIA DE ARMIA

Quando meu coração de Amor vivia
(Ufana a liberdade em ver-se escrava),
E quando para mim se variava
O céu num riso, o céu num ai de Armia:

Das escuras irmãs a mais sombria,
E que mais com seu peso o mundo agrava,
Na vista divinal, que me encantava,
Roubou luz à minha alma e luz ao dia:

Não mais, Dor, fado meu, Dor, meu costume;
Cedo a paz gozarei, que o peito anela,
Nós olhos do meu bem, do céu já lume:

Junto à ninfa imortal na estância bela
Os dias perenais, que vive um nume,
Irei (nume em ser seu) viver com ela.

CXVIII

AGUARDANDO UMA ENTREVISTA PROMETIDA

Noite, amiga de Amor, calada, escura,
Eia, engrossa os teus véus, os teus horrores:
Enquanto vou gozar de mil favores
Sobre o doce teatro da ternura:

Marília, mais gentil, e até mais puna,
Que as ledas Graças, que as mimosas flores,
Velando às mudas horas dos Amores
Receia o casto pejo, que murmura:

Em deleitoso e tácito retiro,
Suspensa entre o temor, entre o desejo,
Flutua a bela, a cuja posse aspiro:

Ah!, já nos braços meus a aperto e beijo!
Já, desprendendo um lânguido suspiro,
No seio do prazer se absorve o pejo.

CXIX

A UMA DONZELA DE EXTREMA BELEZA, E DE RARA
VIRTUDE, MORTA NA FLOR DOS ANOS

De homens e numes suspirado encanto,
Lília, inocente como virgem rosa,
Lília mais branda, Lília mais formosa
Que a ninfa etérea, de puníceo manto;

Eu, e os Amores, que perderam tanto,
Damos-te às cinzas oblação mimosa:
Curva goteje minha dor saudosa
Na mole ofrenda, que requer meu pranto:

Em teu sagrado, perenal retiro,
Disponho ao som de lânguidas querelas
A rosa, o cravo, a tília, o suspiro:

Medrai no chão de amor, florinhas belas...
Ah! Lília, eu gozo o Céu!... Lília, eu respiro
Tua alma puna na fragrância delas!

CXX

NOS FAUSTOS ANOS DO SR. ANTÓNIO JOSÉ
BERNARDO DA GAMA FARIA E BARROS, EM SETÚBAL

Da fria habitação, da vítrea gruta,
Alça o Calipo a frente salitrosa;
E risonho penteia a nunca enxuta
Alva melena, ríspida e limosa:

Em torno dele a modular se escuta
Chusma de ninfas cândida e formosa;
Dos ventos o tropel bramindo luta
Lá na eólia masmorra cavernosa:

Dando lascivos ósculos nas flores
Gratos eflúvios Zéfiro derrama,
Desfaz do Inverno os mádidos vapores:

Almo prazer os corações inflama,
Tudo respira amor, tudo louvores
Ao festivo natal do ilustre Gama.

CXXI

A LAMENTÁVEL CATÁSTROFE DE D. INÊS DE CASTRO

Da triste, bela Inês, inda os clamores
Andas, Eco chorosa, repetindo;
Inda aos piedosos Céus andas pedindo
Justiça contra os ímpios matadores;

Ouvem-se inda na Fonte dos Amores
De quando em quando as náíades carpindo;
E o Mondego, no caso reflectindo,
Rompe irado a barreira, alaga as flores:

Inda altos hinos o universo entoa
A Pedro, que da morta formosura
Convosco, Amores, ao sepulcro voa:

Milagre da beleza e da ternura!
Abre, desce, olha, geme, abraça e c'roa
A malfadada Inês na sepultura.

CXXII

À MORTE DE SUA IRMÃ D. MARIA EUGÉNIA BARBOSA
DU BOCAGE, FALECIDA NA FLOR DA IDADE

De radiosas virtudes escoltada
Deste imaturo adeus ao mundo triste,
Coa mente no almo pólo, aonde existe
Bem, que sempre se goza e nunca enfada:

À fouce, a segar vidas destinada,
Mansíssima cordeira o colo uniste;
O que é do Céu ao Céu restituíste,
Restituíste ao nada o que é do nada:

E inda gemo, inda choro, alma querida,
Teu fado amigo, tua dita imensa,
Que em vez de pranto a júbilo convida!

Ah! Pio acordo minha mágoa vença;
E cativoiro para o justo a vida,
A morte para o justo é recompensa.

CXXIII

A UM VELHO MALDIZENTE

Tu, maligno ladrão, cruel harpia,
Monstro dos monstros, fúria dos Infernos,
Que em vil murmuração, ralhos eternos
Estragas sem descanso a noite e o dia:

Tu, que nas horas em que o mocho pia
Caluniaste meus suspiros ternos,
Sacode a carga de noventa Invernos
Nas descarnadas mãos da morte fria:

Cai de chofre no bátrato profundo,
Cai nas entranhas da voraz fornalha,
Deixa em sossego o miserável mundo;

E entre a maldita, réproba canalha,
Lá bem longe de nós, lá bem no fundo,
Arde, murmura, amaldiçoa e ralha.

CXXIV

A G... P... S... M..., APONTADOR NO ARSENAL DA MARINHA

Aquele que ali vês, rosto maldito,
No sexto camarote vinculado,
E novo apontador, novo morgado,
Sacerdote fiel do hebraico rito:

A bazófia entre a crença o põe aflito
Pela insígnia, que traz ao peito inchado;
Por fora quer mostrar-se homem honrado,
Em casa pisa a cruz e o sambenito:

Agora ele aspirava a nova graça
Dum tal príncipe herdar de preto couro,
Por ter parte a mulher na fusca raça:

Mas indo ao Alentejo alçar o louro,
Sem valer-lhe da usura o foro e a traça,
Foi expulso do paço com desdouro.

CXXV

AO MESMO

Com pena de latão atrás da orelha,
No sovaco chapéu, na mão tinteiro,
Passeia ufano em torno do estaleiro
Um novo apontador de origem velha:

Ora altivo, arqueando a sobrancelha,
Marca a falta do pobre carpinteiro;
Ora submisso às ordens do porteiro,
Dá revista à mestrança, que aparelha:

Acaba o exercício baixo, e sujo,
E sai do arsenal o Dom Quixote
Com mais pingos de breu do que um marujo:

Eis que é tempo de vir o paquebote;
Aparecem Dona A ires co sabujo,
Vinculados em certo camarote.

PERIODO DE EXPATRIAÇÃO

(1788 a 1790)

CXXVI

O POETA DISTANTE DA SUA AMADA

Olhos suaves, que em suaves dias
Vi nos meus tantas vezes empregados;
Vista, que sobre esta alma despedias
Deleitosos farpões, no Céu forjados:

Santuários de amor, luzes sombrias,
Olhos, olhos da cor de meus cuidados,
Que podeis inflamar as pedras frias,
Animar os cadáveres mirrados:

Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,
Cuja verde arrogância as nuvens toca,
Cuja horríssonas voz perturba os ares:

Troquei-vos pelo mal, que me sufoca;
Troquei-vos pelos ais, pelos pesares:
Oh, câmbio triste!, oh, deplorável troca!

CXXVII

RECORDANDO-SE DA INCONSTÂNCIA DE GERTRÚRIA

Da pérfida Gertrúria o juramento
Parece-me que estou inda escutando,
E que inda ao som da voz suave e brando
Encolhe as asas, de encantado, o vento:

No vasto, infatigável pensamento
Os mimos da perjura estou notando...
Eis Amor, eis as Graças festejando
Dos ternos votos o feliz momento.

Mas ah!... Da minha rápida alegria
Para que acendes mais as vivas cores,
Lisonjeiro pincel da fantasia?

Basta, cega paixão, loucos amores;
Esqueçam-se os prazeres de algum dia,
Tão belos, tão duráveis como as flores.

CXXVIII

A GERTRÚRIA A USENTE

Por fofos escarcéus arremessado
Ora aos abismos, ora ao firmamento,
Escutando o furor e o som violento
Do ríspido Aquilão, de Noto irado:

Aberto o peito, o coração rasgado
Pelo agudo punhal do apartamento,
Qual pombinho, que foi de açor cruento
Pelas garras mortais atravessado;

Assim num cego amor já cego e louco,
Envio, alma querida, envio aos ares
De quando em quando um ai trémulo e rouco

Mas tantas aflições, tantos pesares
Tudo é pouco, Gertrúria, tudo é pouco,
Se inda eu vir os teus olhos singulares.

CXXIX

À MESMA, RECEOSO DA SUA CONSTÂNCIA

Qual o avaro infeliz, que não descansa,
Volvendo os olhos dum para o outro lado,
Por cuidar que ao tesouro idolatrado
Cobiçosa vontade as mãos lhe lança:

Tal eu, meu doce amor, minha esperança,
De suspeitas cruéis atormentado,
Receio que a distância, o tempo, o fado,
Te arranquem meus carinhos da lembrança:

Receio que, por minha adversidade,
Novo amante sagaz, e lisonjeiro,
Macule de teus votos a lealdade;

Ah!, crê, bela Gertrúria, que o primeiro
Dia em que eu chore a tua variedade
Será da minha vida o derradeiro.

CXXX

A GERTRÚRIA, ESCRITO DURANTE UMA VIAGEM

Enquanto os bravos, formidáveis Notos,
Por entre os cabos trémulos zunindo,
O fendente baixel vão sacudindo
A climas do meu clima tão remotos:

Enquanto de Nereu contínuos motos
Na vacilante popa estou sentindo,
Ao meu ídolo amado, ausente, e lindo,
Formo nas mãos de Amor sagrados votos:

Mordaz tristeza o coração me corte,
Sofra tudo, ó Gertrúria, por amar-te,
Farte-se embora a cólera da Sorte:

Mas talvez (ai de mim!) que se não farte,
Que ou tua variedade, ou minha morte,
Me roube as esperanças de lograr-te.

CXXXI

PRESSÁGIOS DE DESVENTURA PROPÍNQUA

Usurpando um minuto a meu lamento,
Amigo sono os olhos me ocupava,
E enquanto o débil corpo descansava,
Velava amor, velava o pensamento:

Eis que em deserto e lúgubre aposento,

Que semimorta luz mais afeava,
Cri, Gertrúria (ai de mim!), que te avistava
Já sem cor, já sem voz, já sem alento:

Súbito acordo em lágrimas banhado,
E, das trevas palpando o véu medonho,
Em vão busco o teu corpo delicado:

Mas inda em ânsias trémulo suponho
Que me vaticinou meu negro fado
Dos males o pior no horrível sonho.

CXXXII

ORÁCULO DE AMOR

Alva Gertrúria minha, a quem saudoso
Mando trémulos ais enternecidos;
Gertrúria, que encantaste os meus sentidos
Cum meigo riso, c'um olhar piedoso:

Amor, o injusto Amor, nume doloso,
Insensível penedo a meus gemidos,
Me exala sobre os tímidos ouvidos
Estas vozes cruéis em tom raivoso:

«Tu, que já desfrutaste os meus favores,
Tu, que na face de Gertrúria bela
Néctar bebeste, mitigaste ardores,

Não tornarás, não tornarás a vê-la:
Lamenta, desgraçado, os teus amores,
Acusa, desgraçado, a tua estrela.»

CXXXIII

VISÃO NOCTURNA

Feito na Índia

Meia-noite seria; eu passeando
No meu palmar chorava o meu destino;
Eis que ao som de um gemido repentino
Olho, e vejo uma sombra no ar girando:

Quem és, Guirá? (pergunto-lhe arquejando);
Quem és, quem és, ó Lémure maligno?... –
«Sou o espírito» (diz) «de Saladino,
De quem já leste o caso miserando:

De Grisalda as traições inda lamento
Da solitária noite entre os horrores,
E os olhos, mortal cego, abrir-te intento:

Não soltes por Natércia mais clamores;
Sepulta a desleal no esquecimento:
Olha o trágico fim de meus amores!»

CXXXIV

VENTURA SONHADA

Sonhei que nos meus braços inclinado
Teu rosto encantador, Gertrúria, via;
Que mil ávidos beijos me sofria
Teu níveo colo, para os mais sagrado:

Sonhei que era feliz por ser ousado,
Que o siso, a força, a voz, a cor, perdia
Num êxtase suave, em que bebia
O néctar nem por Jove inda libado:

Mas no mais doce, no melhor momento,
Exalando um suspiro de ternura,
Acordo, acho-te só no pensamento:

Oh, destino cruel! Oh, sorte escura!
Que nem me dure um vão contentamento!
Que nem me dure em sonhos a ventura!

CXXXV

DESPEDINDO-SE DA PÁTRIA, AO PARTIR PARA A ÍNDIA

Eu me ausento de ti, meu pátrio Sado,
Mansa corrente deleitosa, amena,
Em cuja praia o nome de Filena
Mil vezes tenho escrito e mil beijado:

Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena,
A cujo som descia mais serena,
Mais vagarosa, para o mar salgado:

Devo enfim manejar por lei da sorte
Cajados não, mortíferos alfanges,
Nos campos do colérico Mavorte;

E talvez entre impávidas falanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

CXXXVI

DESCREVE AS SUAS DES VENTURAS,
LONGE DA PÁTRIA E DE GERTRÚRIA

Do Mandovi na margem reclinado
Chorei de balde minha negra sina,
Qual o mísero vate de Corina
Nas tomitanas praias desterrado:

Mais duro fez ali meu duro fado
Da vil calúnia a língua viperina;
Até que aos mares da longínqua China
Fui por bravos tufões arremessado:

Atassalhou-me a serpe, que devora
Tantos mil, perseguiu-me o grã gigante
Que no terrível promontório mora:

Por bárbaros sertões gemi vagante;
Falta-me inda o pior, falta-me agora
Ver Gertrúnia nos braços doutro amante!

CXXXVII

ACHANDO-SE PRESTES A AUSENTAR-SE DA SUA AMADA

Praias de Sacavém, que Lemnoria
Orna cos pés nevados e mimosos,
Gotejantes penedos cavernosos,
Que do Tejo cobris a margem fria:

De vós me desarreiga a tirania
Dos ásperos Destinos poderosos;
Que não querem que eu logre os amorosos
Olhos aonde jaz minha alegria:

Ó funesto, ó penoso apartamento!
Objecto encantador de meus sentidos,
A sorte o manda assim, de ti me ausento:

Mas inda lá de longe os meus gemidos
Guiados por Amor, cortando o vento,
Virão, ninfa querida, a teus ouvidos.

CXXX VIII

A CAMÕES, COMPARANDO COM OS DELE
OS SEUS PRÓPRIOS INFORTÚNIOS

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu quando os cotejo!
Igual causa nos fez perdendo o Tejo
Arrostar co sacrílego gigante:

Como tu, junto ao Ganges sussurrante
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Também carpindo estou, saudoso amante:

Ludíbrio, como tu, da sorte dura,
Meu fim demando ao Céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:

Modelo meu tu és... Mas, ó tristeza!...
Se te imito nos transe da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

CXXXIX

SAUDADES DE GERTRÚRIA

Adeja, coração, vai ter aos lares,
Ditosos lares, que Gertrúria pisa:
Olha, se inda te guarda a fé mais lisa,
Vê se inda tem pesar dos teus pesares:

No fulgor dos seus olhos singulares
Crestando as asas, tua dor suaviza,
Amor de lá te chama, te divisa,
Interpostos em vão tão longos mares:

Dize-lhe que do tempo o leve giro
Não faz abalo em ti, não faz mudança,
Que ainda lhe és fiel neste retiro:

Sim, pinta-lhe imortal minha lembrança;
Dá-lhe teus ais e pede-lhe um suspiro
Que alente, coração, tua esperança.

CXL

AO PARTIR PARA A ÍNDIA, DEIXANDO EM LISBOA A SUA AMADA

Ah!, que fazes, Elmano? Ah! Não te ausentes
Dos braços de Gertrúria carinhosa:
Trocas do Tejo a margem deleitosa
Por bárbaro país, bárbaras gentes?

Um tigre te gerou, se dó não sentes
Vendo tão consternada e tão saudosa
A tágide mais linda e mais mimosa;
Ah!, que fazes, Elmano? Ah! Não te ausentes.

Teme os duros cachopos, treme, insano,
Do enorme Adamastor, que sempre vela
Entre as fúrias e os monstros do Oceano:

Olha nos lábios de Gertrúria bela
Como suspira Amor!... Vê, vê, tirano,
As Graças a chorar nos olhos dela!

CXLI

AO PARTIR DA PÁTRIA PARA LISBOA, NO INTENTO
DE AUSENTAR-SE PARA TERRAS LONGÍNQUAS

Deixar, amado bem, teu rosto lindo,
Teus afagos deixar, tua candura,
Tanto me oprime, que da morte escura
Sobre mim negras sombras vêm caindo:

Eu parto, e vou teu nome repetindo,
Porque dê desafogo à mágoa dura;
Meus tristes ais, suspiros de amargura
Aquém dos mares ficarás ouvindo:

Mas se me cercam no cruel transporte
Quantas fúrias o báratro vomita,
Se meu mal é pior que a mesma morte:

O fado em me aterrar em vão cogita!
Com todo o seu poder não pode a sorte
Tua imagem riscar desta alma aflita!

CXLII

DESPEDIDAS AO TEJO

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando,
A margem fértil de gentis verdes,
Terás da alta Ulisseia um dos cantores
Suspiros no áureo metro modulando:

Rindo não mais verá, não mais brincando
Por entre as ninfas, e por entre as flores,
O coro divinal dos nus Amores,
Dos Zéfiros azuis o afável bando:

Coa fronte já sem mirto, e já sem louro,
O arrebatada de roxo a mão da Sorte
Ao clima salutar, e à margem de ouro:

Ei-lo em fragas de horror, sem luz, sem norte,
Soa daqui, dali, piado agouro;
Sois vós, desterro eterno, ermos da morte!

CXLIII

VENDO-SE LONGE DA PÁTRIA
E PERSEGUIDO PELA FORTUNA

Já por bárbaros climas entranhado,
Já por mares inóspitos vagante,
Vítima triste da fortuna errante,
‘Té dos mais desprezíveis desprezado:

Da fagueira esperança abandonado,
Lassas as forças, pálido o semblante,
Sinto rasgar meu peito a cada instante
A mágoa de morrer expatriado:

Mas ah! Que bem maior, se contra a sorte
Lá do sepulcro no sagrado hospício
Refúgio me promete a amiga Morte!

Vem pois, ó nume aos míseros propício,
Vem livrar-me da mão pesada e forte,
Que de rastos me leva ao precipício!

CXLIV

TENTATIVA DE SUICÍDIO, COMBATIDA
PELAS LEMBRANÇAS DA ETERNIDADE

Aquele a quem mil bens outorga o Fado
Deseje com razão da vida amigo
Nos anos igualar Nestor, o antigo,
De trezentos Invernos carregado:

Porém eu sempre triste, eu desgraçado,
Que só nesta caverna encontro abrigo,
Porque não busco as sombras do jazigo,
Refúgio perdurável e sagrado?

Ah!, bebe o sangue meu, tosca morada;
Alma, quebra as prisões da humanidade,
Despe o vil manto, que pertence ao nada!

Mas eu tremo!... Que escuto?... É a verdade,
E ela, é ela que do Céu me brada:
Oh, terrível pregão da eternidade!

CXLV

CONTRADIÇÕES DO A TEÍSMO

Qual novo Orestes entre as Fúrias brada,
Infeliz, que não crês no Omnipotente;
Com sistema sacrílego desmente
A razão luminosa, a fé sagrada:

Tua bárbara voz iguale ao nada
O que em todas as coisas tens presente;
Basta que o sábio, o justo, o pio, o crente,
Louve a mão, contra os maus do raio armada.

Mas vê, blasfemo ateu, vê, monstro horrendo,
Que a bruta Opinião, que cego expressas,
A si mesma se está contradizendo:

Pois quando de negar um Deus não cessas,
De tudo o inerte Acaso autor fazendo,
No Acaso, a teu pesar, um Deus confessas!

CXLVI

ABANDONANDOSE AOS AZARES DA FORTUNA

Se a minha lastimosa desventura
Irreparável é, se trago escrito
No rosto cor da morte o meu delito,
Que louca ideia os passas me segura?

Ah! Some-te, infeliz, fuge, e procura
Margens quais as do lívido Cocito,
Brenhas matos, sertões, errante, aflito,
Até que vás parar na sepultura:

Ó nume enganador, nume falsário!
O lúbrica Fortuna de quem rego
Em vão com triste pranto o santuário!

Já sem violência em tuas mãos me entrego;
Sim, vária, aqui me tens inda mais vário,
Cega, a ti me abandono, inda mais cego!

CXLVII

DEPRECAÇÃO FEITA DURANTE UMA TEMPESTADE

Ó Deus, ó rei do Céu, do mar, da Terra
(Pois só me restam lágrimas, clamores),
Suspende os teus horríssonos furores,
O corisco, o trovão, que a tudo aterra:

Nos subterrâneos cárceres encerra
Os procelosos monstros berradores,
Que enchendo os ares de infernais vapores
Parece que entre si travaram guerra.

Para nós compassivo os olhos lança,
Perdoa ao fraco lenho, atende ao pranto
Dos tristes, que em ti põem sua esperança!

Às densas trevas despedaça o manto,
Faze, em sinal de próxima bonança,
Brilhar no etéreo tope o lume santo!

CXLVIII

O POETA LUTANDO CONTRA O INFORTÚNIO

Apenas vi do dia a luz brilhante
Lá de Túbal no empório celebrado,
Em sanguíneo carácter foi marcado
Pelos Destinos meu primeiro instante:

Aos dois lustros a morte devorante
Me roubou, terna mãe, teu doce agrado;
Segui Marte depois, e enfim meu fado
Dos irmãos e do pai me pôs distante:

Vagando a curva terra, o mar profundo,
Longe da Pátria, longe da ventura,
Minhas faces com lágrimas inundo:

E enquanto insana multidão procura
Essas quimeras, esses bens do mundo,
Suspiro pela paz da sepultura.

CXLIX

FEITO NA ÍNDIA

No etéreo prado a Lua apascentava
Das estrelas o nítido rebanho,
Quando o mísero Almeno em clima estranho
De negro bosque as sombras penetrava:

«Silêncio, em cujo horror, que a vista agrava,
Qual fantasma noctívago me entranho!
Sofre» (dizia) «os prantos, com que banho
De um crime a nódoa, que o chorar não lava.

»Sofre os gritos..., mas ai!, que sem piedade
Por entre folha e folha a luz procura
Furtar-me o triste bem da escuridade!

Onde te hei-de escapar, ó sorte dura,
O cruel, insofrível claridade?
Já sei onde, já sei – na sepultura!»

CL

À RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL EM 1640

Cesarões, Viriatos, Apimanos,
Vós, que, brandindo vingadora espada,
Tentastes sacudir da Pátria amada
O vil, o férreo jugo dos Romanos:

Surgi, vede-a no sangue de tiranos
Inda piores outra vez banhada,
E a nossa liberdade edificada
Nos estrago dos intrusos Castelhanos:

Aos senhores do mundo armipotentes
Arrancastes em bélica porfia
Parte do louro que lhe honrava as frentes:

Porém, com milagrosa valentia
Os vossos memoráveis descendentes
Fizeram mais – livraram-se num dia!

CLI

OFERECIDO EM MACAU À EX.^{ma} SR^a D. MARIA
SALDANHA NORONHA E MENESES E SUAS FILHAS

Musa chorosa, que por terra estranha
Tão longe de teu pátrio ninho amado
Andas errante, suspirando ao lado
Da Saudade fiel, que te acompanha:

Do chão, onde a lançaste, a lira apanha,
E seja em brando som por ti cantado
Um peito de virtudes adornado,
A piedosa, a magnânima Saldanha:

Louva os dons daquela alma excelsa e pura,
Que as tuas gastará mágoas penosas,
Como a aurora desfaz a noite escura:

Depois às lindas filhas melindrosas,
Rivais da mãe de Amor na formosura,
Tece capelas e festões de rosas.

CLII

EM LOUVOR DO GRANDE CAMÕES

Sobre os contrários o terror e a morte
Dardeje embora Aquiles denodado,
Ou no rápido carro ensanguentado
Leve arrastos sem vida o Teucro forte:

Embora o bravo Macedónio corte
Coa fulminante espada o nó fadado,
Que eu de mais nobre estímulo tocado,
Nem lhe amo a glória, nem lhe invejo a sorte:

Invejo-te, Camões, o nome honroso;
Da mente criadora o sacro lume,
Que exprime as fúrias de Lieu raivoso:

Os ais de Inês, de Vénus o queixume,
As pragas do gigante proceloso,
O céu de Amor, o inferno do Ciúme.

CLIII

GLOSANDO O MOTE:

DAS ALMAS GRANDES, A NOBREZA É ESTA

Ser prole de varões assinalados,
Que nas asas da fama e da vitória
Ao templo foram da imortal Memória
Pendurar mil troféus ensanguentados:

Ler seus nomes nas páginas gravados
Da alta epopeia, da elegante história,
Não, não vos serve de esplendor, de glória,
Almas soberbas, corações inchados!

Ouvir com dor o miserável grito
De inocentes que um bárbaro molesta,
Prezar o sábio, consolar o aflito;

Prender teus voos, ambição funesta,
Ter amor à virtude, ódio ao delito,
Das almas grandes, a nobreza é esta.

CLIV

AO GRANDE AFONSO DE ALBUQUERQUE

Tomando Malaca em vingança da perfidia do rei do país para com os Portugueses

Em bando espesso, em número infinito,
Defende a ponte o bárbaro malaio;
Eis que entre horrores, émulo do raio,
Albuquerque imortal voa ao conflito:

Assim que assoma o claro chefe invicto,
Terror da prole do feroz sabaio,
Gela os netos de Agar frio desmaio,
Os Lusos soltam da vitória o grito:

Vítima são do português Mavorte
Inda aqueles que, mal na fuga alcança,
Leva no ferro transmigrada a morte:

Mas já sobre troféus o herói descansa,
Havendo por seu braço ilustre, e forte,
A Pátria, a Natureza, os Céus vingança.

CLV

A D. JOÃO DE CASTRO, SOCORRENDO
E SALVANDO A FORTALEZA DE DIU

Blasfema Rumeção, jura vingança
Aos manes infernais, ao pai maldito,
E contra Diu em pertinaz conflito
As indústrias esgota, as forças cansa:

Munido de magnânima esperança,
O portentoso chefe, o luso invicto,
Dos veneráveis muros infinito
E bárbaro tropel mil vezes lança:

Feminina caterva as armas mede;
Encurtando às do Ródope a memória
Sobre hostil multidão raios despede:

E quando finalmente a líbia glória
Vê o extremo fatal, e inda não cede,
Eis Castro, eis a virtude, eis a vitória!

CLVI

NA MORTE DO SENHOR D. JOSÉ, PRÍNCIPE DO BRASIL

Louca, cega, iludida Humanidade,
Miserável de ti! Não consideras
Que o barro te gerou, como que esperas
Evadir-te à geral fatalidade!

Pó, que levanta o sopro da vaidade,
Homem caduco e frágil, não ponderas
Que teus bens, teus brasões, tuas quimeras,
Nenhum valor terão na eternidade?

Ah! Volta, volta os olhos mais sisudo;
Ali na majestade aniquilada
Te faz o desengano aviso mudo:

Atenta de José na cinza amada:
Que serás, se ele é já, se há-de ser tudo,
Pasto da Morte, vítima do nada?

CLVII

SOBRE O MESMO ASSUNTO

José, sangue de heróis, príncipe amado,
Nosso bem, nosso pai, nossa alegria,
Tu pela negra mão da Morte fria,
Da truculenta Morte em flor cortado!

Tu de nós para sempre desterrado!
Nós sem ti para sempre! Horrível dia!
Mísero povo! Infausta monarquia!
Rígida lei do inexorável Fado!

Áureas, vás esperanças concebemos...
Ei-las, ei-las em cinzas no jazigo
Com teu rosto adorável, que perdemos.

Ah! Que é do nosso generoso abrigo?
Que fazemos no mundo, ah!, que fazemos,
Que nos não vamos sepultar contigo?

CLVIII

À DECADÊNCIA DO IMPÉRIO PORTUGUÊS NA ÁSIA

Por terra jaz o empório do Oriente,
Que do rígido Afonso o ferro, o raio,
Ao grã filho ganhou do grã sabaio,
Envergonhando o deus armipotente;

Caiu Goa, terror antigamente
Do naire vão, do pérfido malaio,
De bárbaras nações!... Ah! Que desmaio
Apaga o márcio ardor da lusa gente?

Ó séculos de heróis! Dias de glória!
Varões excelsos, que apesar da morte
Viveis na tradição, viveis na história!

Albuquerque terrível, Castro forte,
Meneses e outros mil, vossa memória
Vinga as injúrias que nos faz a sorte.

CLIX

AO GUARDA-MARINHA PRUDÊNCIO REBELO PALHARES
MORTO NO COMBATE DE ARGEL

Rompe os ares pelouro sibilante
Da guerra iníqua pelas mãos forjado,
E para te prostrar, Pireno amado,
Voa com ele a Parca devorante:

Cerra teus olhos, despe o teu semblante
Aquele viva cor de que era ornado,
E sobes, da matéria desatado,
Espírito feliz, ao céu brilhante:

Na dura, marcial, honrosa lida,
Entre os braços da Glória heróico, e forte,
Recebeste a cruel, mortal ferida:

Ah!, que inveja me faz a tua sorte!...
E viver como eu vivo infausta vida,
E morrer como tu ditosa morte!

CLX

AS PREDIÇÕES DE ADAMASTOR
REALIZADAS CONTRA OS PORTUGUESES

Adamastor cruel! De teus furores
Quantas vezes me lembro horrorizado!
O monstro! Quantas vezes tens tragado
Do soberbo Oriente os domadores!

Parece-me que entregue a vis traidores
Estou vendo Sepúlveda afamado,
Coa esposa, e cos filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Vénus e os Amores:

Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole, e a bela dama,
As garras dos leões correr furioso:

Bem te vingaste em nós do afouto Gama!
Pelos nossos desastres és famoso;
Maldito Adamastor! Maldita fama!

CLXI

À ENFATUAÇÃO QUE PREDOMINAVA
EM CERTOS NATURAIS DE GOA

Cala a boca, satírico poeta,
Não te metas no rol dos maldizentes;
Não tragas os mestiços entre dentes,
Restitui ao carcás a ervada seta;

Dizes que é má nação, que é casta abjecta,
Fruto de enxertos vis? Irra! Tu mentes;
Vai ver-lhe os seus papéis; são descendentes
Do solar de Hidalcão por linha recta:

Vem d'heróis, quais não viu Cartago ou Roma;
De seus avós andantes cavaleiros,
A chusma de brasões não cabe em soma:

E (se não mentem certos noveleiros)
A muitos deles concedeu Mafoma
O foro de fidalgos-escudeiros,

CLXII

AO MESMO ASSUNTO

Tu, Goa, *in illo tempore* cidade,
Sempre tens habitantes de bom lote!
Não receiam que a cor se lhes desbote,
Privilégio da mista qualidade:

Nenhum há que não conte, e sem vaidade,
Que seu primeiro avô, brutal Quixote,
Dera no padre Adão com um chicote
Por lhe haver disputado a antiguidade:

Diz-nos esta república de loucos
Que o cofre do Marata é ninharia,
Que do Grã-Turco os réditos são poucos:

Mas em casando as filhas, quem diria
Que o dote consistisse em quatro cocos,
Um cafre, dez bajus e a senhoria!

CLXIII

AO MESMO

Lusos heróis, cadáveres cediços,
Erguei-vos dentre o pó, sombras honradas,
Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
Nestes vis, nestes cães, nestes mestiços:

Vinde salvar destes pardais castiços
As cearas de arroz, por vós ganhadas;
Mas ah! Poupai-lhe as filhas delicadas,
Que elas culpa não têm, têm mil feitiços:

De pavor ante vós no chão se deite
Tanto fusco rajá, tanto nababo,
E as vossas ordens trémulo respeite:

Vão para as várzeas, leve-os o Diabo;
Andem como os avós, sem mais enfeite
Que o langotim, diâmetro do rabo.

CLXIV

AO MESMO

Das terras a pior tu és, ó Goa,
Tu pareces mais ermo que cidade;
Mas alojas em ti maior vaidade
Que Londres, que Paris, ou que Lisboa:

A chusma de teus íncolas pregoa
Que excede o Grã-Senhor na qualidade;
Tudo quer senhoria: o próprio frade
Alega, para tê-la, o jus da c'roa!

De timbres preenhe estás, mas ouro e prata
Em cruces, com que dantes te benzias,
Foge a teus infanções de bolsa chata:

Oh, que feliz e esplêndida serias
Se algum fusco Merlim, que faz bagata,
Te alborcasse a pardaus as senhorias!

CLXV

AO MESMO

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,
Bem como Ovídio mísero entre os Getas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças:

Tens filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir-nos vêm, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças:

Tens várias casas, armazéns de ratos,
Tens febres, mordexins em demasia,
De que escapamos a poder de tratos:

Mas a tua pior epidemia,
O mal, que em todos dá que produz flatos,
E a vã, negregada senhoria.

CLXVI

ENCARECENDO A DIFICULDADE DE CONCILIAR
EM GOA A AMIZADE DE SEUS NATURAIIS

Quer ver uma perdiz chocar um rato,
Quer ensinar a um burro anatomia,
Exterminar de Goa a senhoria,
Ouvir miar um cão, ladrar um gato:

Quer ir pescar um tubarão no mato,
Namorar os serralhos da Turquia,
Escaldar uma perna em água fria,
Ver uma cobra castiçar c'um pato:

Quer ir num dia de Surrate a Roma,
Lograr saúde sem comer dois anos,
Salvar-se por milagre de Mafoma:

Quer despir a bazófia aos castelhanos,
Das penas infernais fazer a soma,
Quem procura amizade em vis gafanos.

PERÍODO DE LUTAS LITERÁRIAS E PRISÃO

(1791 a 1797)

CLXVII

A UM RICAÇO TIDO NA CONTA DE CRISTÃO-NOVO

A certo genealógico de tretas
Suplicou um Lúculo entusiasmado
Para pôr num feliz aveludado
Armas com prosa, timbre com caretas:

«Sim, senhor» (diz-lhe o mestre de altas petas
Folheando volume remendado),
«Neste livro aqui só tenho encerrado
Judias raças e famílias pretas.»

Disse; toma nas mãos a horrível brocha,
Pinta um rabo de fogo em mãos sombrias,
E por timbre de escudo uma carocha:

Põe-lhe em roda com letras rebranquias:
«Honor de Abraão, à tribo acende a tocha,
Celebra a Páscoa, espera inda o Messias.»

CLXVIII

A UM BACHAREL QUE CASOU COM UMA VELHA,
PARA LHE EMPOLGAR SEISCENTOS MIL
QUE A MESMA TINHA DE TENÇA

Pilha aqui, pilha ali, vozeia autores,
Montesquieu, Mirabeau, Voltaire, e vários;
Propõe sistemas, tira corolários,
E usurpa o tom de enfáticos doutores:

Ciência de livreiros e impressores
Traz da vasta memória nos armários;
E tratando os cristãos de visionários,
Só rende culto a Vénus e aos Amores:

A mulher, que a barriga lhe tem forra
Do jugo da vital necessidade,
Deixa em casa gemer, como em masmorra:

Este biltre, labéu da humanidade,
E um tal zote, um bacharel de borra;
Tem de um burro o juízo e a castidade.

CLXIX

A CERTO SUJEITO QUE, MAL SABENDO LER,
DIZIA TER FEITO TRINTA TRAGÉDIAS, QUE NINGUÉM VIU

Tragédia de Tancreu, rei de Disúria,
Original em plano, atroz no enredo;
Tem actos dez, o herói morre de medo,
Depois de onze minutos de lamúria:

Tragédia de Runrum, sultão da Incúria,
Que honrar a Pátria há-de ir um dia cedo;
Pregão, barço, açoutes e degredo
Pilha o protagonista e lambe a injúria:

Peça de gorgorão, rei de Bioco,
Terra ao norte da Líbia, ao sul do mapa,
A acção vem nos *Anais de Manel Coco*:

Eis com que ao Letes o aranhão escapa:
Tem mais sete em borrão, que dentro em pouco
Aos zângãos do café irão dar papa.

CLXX

A LIÇÃO AO PÉ DA LETRA

Feito na ocasião em que andava em cena a tragédia "Elaine", de Miguel António de Barros

Gritava mestre Brás: «Filha traidora!...
Hei-de arrancar-te os olhos, vil cadela!
Vou pregar fêrreas trancas na janela,
Porque a não veja o biltre que a namora.»

Nisto a moça infeliz suspira, e chora,
Suspiram Graças, chora Amor com ela;
Tão mimosa não é, não é tão bela,
Quando pérolas verte a linda Aurora!

«Ser sapateiro, ou grande, o fado ordena;
Sou um pai que da honra os lares trilha,
Tragédias nunca viu quem me condena:

O pregar-lhe as janelas não me humilha;
Que há pouco o grã Miguel mostrou na cena
Que fez o rei da Trácia o mesmo à filha.»

CLXXI

ESTANDO EM CENA OUTRA COMÉDIA
CUJA TRADUÇÃO SE ATRIBUÍA
A BELCHIOR MANUEL CURVO SEMEDO

CARTAZ

Quarta-feira catorze do corrente
Se apresenta outra vez com bom cenário
No Salitre a comédia do Antiquário,
A que tem concorrido imensa gente.

É obra traduzida novamente
Por um poeta, amigo do empresário,
Memorião, que engole um dicionário
E orna de verdes pâmpanos a frente:

Em lugar de entremez se há-de seguir
Do Franco a grande peça curiosa,
Tragédia de Sesóstris que faz rir:

Tem versos naturais; parecem prosa!
Que venha o nobre público aplaudir
Espera a companhia obsequiosa.

CLXXII

ACHANDO-SE EM CENA UMA TRAGÉDIA
DE FELISBERTO INÁCIO JANUÁRIO CORDEIRO

Em vermelho cartaz propôs-se à cena
Lusa tragédia, que a nação gloria;
Do grã Nuno Gonçalves de Faria,
Produção singular de uma hábil pena:

No acto primeiro Elvira, em não pequena
Fala, maldiz da guerra a sanha impia:
Amante, irmão e pai vêm à porfia
Tudo zangar coa mesma cantilena:

Heroicidade em versos cento e cento;
Engana o herói o hispano, morre a espada,
Lúgubre afinal lê-se um testamento:

De núpcias houve certa misturada;
Findou-se o drama, pôs-se em movimento
Na boca o riso, o pé com pateada.

CLXXIII

A TOMÉ BARBOSA DE FIGUEIREDO DE ALMEIDA CARDOSO

Oficial de línguas na Secretaria dos Negócios Estrangeiros

Dos tórridos sertões, pejados de ouro,
Saiu um sabichão de escassa fama,
Que os livros preza, os cartapácios ama,
Que das línguas repartem o tesouro:

Arranha o persiano, arranha o mouro,
Sabe que Deus em turco Má se chama;
Que no grego alfabeto o G é gama,
Que *taurus* em latim quer dizer touro:

Para papaguear saiu do mato:
Abocanha talentos, que não goza;
É mono, e prega unhas como gato:

É nada em verso, quase nada em prosa:
Não conheces, leitor, neste retrato
O guapo charlatão Tomé Barbosa?

CLXXIV

ESTANDO O AUTOR NA CELA DE FR. JOÃO
DE POUSAFÓLES, E ACONTECENDO
APAGAR-SE-LHE UM CIGARRO,
PEDIU LUME, QUE ESTE LHE RECUSOU

Amigo Frei João, cuidas que é barro
O fumoso tabaco por que berro?
Um nigromante me transforme em perro
Se há coisa para mim como o cigarro!

Ele me arranca pegajoso escarro,
Que nas fomalhas deste peito encerro:
O frio, as aflições de mim desterro,
Quando lhe lanço a mão, quando lhe agarro:

De vício tal, se é vício, não me corro,
E só tomo rapé, simonte ou esturro,
Quando quero zangar algum cachorro.

Amigo Frei João, não sejas burro;
Dize bem do cigarro, senão morro:
Traz-me lume já, ou dou-te um murro!

CLXXV

A UM CÉLEBRE MULATO JOAQUIM MANUEL,
GRANDE TOCADOR DE VIOLA
E IMPROVISADOR DE MODINHAS

Esse cabra, ou cabrão, que anda na berra,
Que mamou no Brasil surra e mais surra,
O vil estafador da vil bandurra,
O perro, que nas cordas nunca emperra:

O monstro vil, que produziste, ó Terra,
Onde narizes natureza esmurra,
Que os seus nadas harmónicos empurra,
Com parda voz, das paciências guerra:

O que sai no focinho à mãe cachorra,
O que néscias aplaudem mais que a Mirra,
O que nem veio da prosápia forra:

O que afina inda mais quando se espirra,
Merece à filosófica pachorra
Um corno, um passa-fora, um arre, um irra.

CLXXVI

AO MESMO

Vivem por i alguns de várias tretas,
Com uns eu esbravejo, em outros mango;
Que ópio dás ao machete orangotango,
Tu, glória das carrancas semipretas!

Quando acompanhas de infernais caretas
Insípido londum, ou vil fandango,
Não posso tal sofrer: eu ardo, eu zango,
Que no auge do assombro te intrometas:

Crespo Aríon, Orfeu de carapinha,
Já de sobejo tens fartado a gana
No seio da formosa pátria minha:

Com faro de chulice americana
Para o cálido sul cortando a linha
Vai cevar-te no coco e na banana.

CLXX VII

AO DR. MANUEL BERNARDO DE SOUSA E MELO

Em ermo cemitério, em hora escura,
Bernardo sepulcral no chão jazia,
Onde epicédio fúnebre tecia
Ao bem que lhe arrancaste, ó Parca dura!

Era *Igénia de Tal* a formosura
Que temporã descera à terra fria;
E o carrancudo vate assim carpia
Junto da triste, amada sepultura:

«Mochos, sócios de um mísero que chora,
Africanos leões, tigres de Arménia,
Dai lágrimas ao mal, que me devora:

»Acode ao lasso amante, acode, Igénia!...»
Eis a campa rebenta, e surgem fora
Dois vampiros bailando ao som da nénia.

CLXXVIII

AO MESMO

Correndo fama de que o coveiro do Cemitério da Esperança vendia iscas de defunto a um pasteleiro vizinho do mesmo sítio)

É mentira, não foi o vil coveiro
Quem com manha, maldade, ou tudo junto,
Impingiu várias iscas de defunto
A mascarrado e gírio pasteleiro:

Foi Bernardes (o Nénias), que em mau cheiro
Enfrascando o nariz, e as mãos em unto,
Impingia também o seu presunto,
Dalgum com que esbarrava ainda inteiro:

Hoje atreve-se a mais: quer ver se apanha
Este, que é dos cadáveres Herodes,
Ao descarnado França um seco chispe:

Se lhe caís, Melizeu, na mão grifanha,
Lá vão filhos, mulher, sonetos, odes;
Ah, pobre!, queira Deus que te não bispe!

CLXXIX

AO PADRE JOAQUIM FRANCO DE ARAÚJO FREIRE BARBOSA

Vigário da igreja de Almoester

Conhecem um vigário de chorina,
De insulta frase, de ralé maruja?
Sapo imundo, que bebe, ou que babuja,
No que deita por fora a Cabalina?

Este é um tal Franco, um tal sovina,
Que orelhas mil e mil com trovas suja,
Digno rival do mocho, e da coruja,
Quando a voz desenfreia, a banza afina:

Faz versos em francês, francês antigo,
Em gíria de Veneza, e finalmente
Em corrupto espanhol; leve o castigo:

Ele diz que são bons, e os mais que mente;
Põe mãos à obra, faze o que te digo,
Chicoteia esse bruto, e crê na gente.

CLXXX

AO MESMO

O mundo a porfiar que o Franco é tolo,
O Franco a porfiar que o mundo mente!
Irra!, o padre-vigário é insolente,
Raspem-lhe as mãos e ferva-lhe o carolo:

Da brilhante razão jamais o rolo
Lhe entrou no casco, lhe raiou na mente;
Mas como a natureza é providente,
Com a bazófia supre-lhe o miolo.

Ora, vão trovador do Herói do Egipto,
Tu não ouves, não vês o que se passa
Acerca dos papéis que tens escrito?

A cópia de Gessner deu-se de graça;
Psique jaz de capela e de palmito;
Sesóstris infeliz morreu de traça.

CLXXXI

AO MESMO

Havia mais de um mês que o bom Lizeno
Fechar sequer um olho não podia;
Submetido à fatal sabedoria
Do respeitável médico pequeno:

Hipócrates daqui, dali Galeno,
Revolvia o tacho na livraria;
Remédios contra a insónia requeria,
Porém cada receita era um veneno:

Eis do Franco lhe lembra em continente
Cada verso, mais duro do que um tronco,
E récipe de alguns forma ao doente:

Em curta dose aplica o metro bronco;
Receitou-lhe um terceto; eis de repente
Começa a bocejar, e prega um ronco.

CLXXXII

POR OCASIÃO DUM SONETO COMPOSTO PELO MESMO

Li as catorze regras aos penachos,
A trova, que as orelhas nos magoa;
Viva a maruja frase – Estou na proa...–,
Modelo singular de termos baixos!

A lembrança dos bois, burros e machos
E lembrança feliz, é coisa boa!
Pois o palheiro, que sem peso voa!
Isso dá jus à cilha e berbicachos:

O lugar onde a mão findou seis linhas
Podia muito bem ficar em branco,
Sem fazer falta às pobres das vizinhas:

O quinto indigno verso é quase manco;
A ideia tem mais sal que três marinhas;
E a córnea conclusão laureia o Franco!

CLXXXIII

AO MESMO

Volve a Peniche, ó zanga de Lisboa,
O testa capataz das ocas testas!
Vive entre os teus iguais, vive entre as bestas,
E entre as bestas vivendo abate a proa:

Quem versos sem-sabor produz à toa
Só nos pode brindar com obras destas;
Deixa brilhar nas procissões, nas festas,
Ninfas de quem Cupido em torno voa:

Mais bruto do que os bois, burros e machos,
Ao lindo sexo amável dás batalha,
Porque talvez te ornou de alguns penachos!

No amor da esperta Nise achaste falha,
Ou antes o fervor, que vem dos cachos,
Te fez, toско palheiro, arder a palha.

CLXXXIV

VERA EFÍGIE DO DR. LUÍS CORREIA DA FRANÇA E AMARAL

*Que poderá servir de busca a toda a pessoa que nesta cidade o queira procurar,
etc.*

Rapada, amareleta cabeleira;
Vesgos olhos, que o chá e o doce engoda;
Boca que à parte esquerda se acomoda
(Uns afirmam que fede, outros que cheira);

Japona, que da ladra andou na feira;
Ferrugento faim, que já foi moda
No tempo em que Albuquerque fez a poda
Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira;

Russo calção, que *espipa* no joelho,
Meia e sapato, com que ao lodo avança,
Vindo a encontrar-se co esburgado artelho;

Jarra, com apetites de criança;
Cara com semelhança de besbelho;
Eis o bedel do Pindo, o Doutor França.

CLXXXV

AO MESMO

Melizeu, o menor entre os nascidos,
De face cadavérica e nojosa,
Tísico em verso, apoquentado em prosa,
Hórrido aos olhos, hórrido aos ouvidos:

Soltando dissonantes alaridos
Da boca transversal erma, e gulosa,
Insulta a quem de Febo os mimos goza,
Estafa-se em preceitos não cumpridos:

Ao vate Elmano plagiário chama,
Sendo o mais desprezível plagiário,
Que o que pilha desluz, corrompe, infama;

Profanador do Aónio santuário,
Lobisomem do Pindo, orneia, ou brama,
Até findar no Inferno o teu fadário!

CLXXXVI

AO DR. JOSÉ TOMÁS QUINTANILHA

Esse cantor de chá, manteiga e queijo,
Rato que rói do Caldas a substância,
Pigmeu de insuportável arrogância,
Que morde mais que pulga, ou percevejo:

Aceso no frenético desejo
De exceder dos Quixotes a constância,
A frondosa Funchal mandou com ânsia
Atado em verde fita um triste beijo:

Pendia em tiracolo ao deus frecheiro
A terna ofrenda: eis Zéfiro ladino
O beijinho impeliu para o traseiro:

Quintanilha! Que opróbrio! Que destino!
Mimo, que ia ao teu bem, tocou primeiro
O nédio... do trêfego menino!

CLXXXVII

A BELCHIOR MANUEL CURVO SEMEDO

Intruso no Apolíneo santuário,
Dar leis a cegos, iludir pedantes,
Uivar entre as frenéticas bacantes,
Qual vago lobisomem em seu fadário:

Voar de dicionário em dicionário,
Pilhando aqui e ali porções brilhantes,
Aguarentar com mãos surripiantes
Pigmeu de Sintra, teu verboso erário:

Por fofos versos compassar trejeitos,
Converter em trovão qualquer suspiro,
Em tarda prosa chã roncar preceitos:

Com remendadas púrpuras de Tiro
Vestir absurdos, embuçar defeitos;
Eis os progressos do pavão Belmiro.

CLXXXVIII

AO MESMO

Belmiro, que entre os pâmpanos farfalha,
Afectando entoar canções divinas,
Fez, cansado de asneiras pequeninas,
Uma que até percebe a vil gentalha:

Nesse idílio, em que Fauno irado ralha,
O divino amador das frases finas
Pôs o cornudo Pã, deus das campinas,
De bruços a beber na vénea talha:

Um nume, que apesar do pé caprino
Teve altar, teve incenso, e reverência,
Jaz na classe das bestas? Irra!, afino!

Que mesquinhez do vate, e que insolência!
Tudo por cinco réis, quando o mofino
C'um púcaro poupava esta indecência!

CLXXXIX

AO MESMO

Junto ao Tejo, entre os tenros Amorzinhos,
As belmíricas musas pequeninas,
Para agradar a estúpidas meninas
Haviam fabricado uns bonequinhos:

Com eles os travessos rapazinhos,
Que são mui folgazões, e mui traquinas,
Armaram mil subtis alicantinas,
E os lançaram depois nuns bispotinhos:

Eis tágide louçã de ebúrneo colo,
A quem não vencerá, por mais que lute,
O nosso Belmirinho, anão de Apolo,

Surge da água, e lhe diz: «Filhinho, escute;
Olhe com que notícia hoje o consolo!
É poeta do rei de Lilipute!»

CXC

DESCREVE UMA SESSÃO DA ACADEMIA
DE BELAS-LERAS DE LISBOA, MAIS CONHECIDA
PELA DENOMINAÇÃO DE «NOVA ARCÁDIA»

Preside o neto da rainha Ginga
À corja vil, aduladora, insana:
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos desiguais se esgota a pinga:

Vem pão, manteiga e chá, tudo à catinga;
Masca farinha a turba americana;
E o orangotango a corda à banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga;

Um bando de comparsas logo acode
Do fofo Conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode:

Aplaudem de contínuo as frioleiras,
Belmiro em ditrambo, o ex-frade em ode;
Eis aqui de Lerenó as quartas-feiras.

CXCI

AOS SÓCIOS DA NOVA ARCÁDIA

Vós, ó França, Semedos, Quintanilhas,
Macedos e outras pestes condenadas;
Vós, de cujas buzinas penduradas
Tremem de Jove as melindrosas filhas;

Vós, néscios que mamais das vis quadrilhas
Do baixo vulgo insonsas gargalhadas,
Por versos maus, por trovas aleijadas,
De que engenhais as vossas maravilhas:

Deixai Elmano, que inocente e honrado
Nunca de vós se lembra, meditando
Em coisas sérios, de mais alto estado:

E se quereis, os olhos alongando,
Ei-lo! Vede-o no Pindo recostado.
De perna erguida sobre vós

CXCII

AOS MESMOS

Não tendo que fazer, Apoio um dia
As Musas disse: «Irmãs, é benefício
Vadios empregar; dêmos ofício
Aos sócios vãos da magra Academia:

O Caldas satisfaça a padaria;
O França de enjoar tenha exercício,
E o autor do entremez do rei egípcio
O Pégaso veloz conduza à pia:

Vá na Ulisseia tasquinhar o ex-frade;
Da saia o Quintanilha acenda as veias,
Em se juntando alguma sociedade:

Bernardes nébias faça e roa nelas;
E Belmiro, por ter habilidade,
Como dantes, trabalhe em bagatelas.»

CXCIII

AOS MESMOS

Contra Elmano Sadino urrando avança
O estéril Coridon, o vão Belmiro,
Bernardo, o Nénias, lúgubre vampiro
Que do extinto Miguei possui a herança:

O curto Quintanilha, o torpe França,
O tonsurado retumbante Elmiro,
Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
Mais frouxo que pedrada de criança:

Elmano solta um eis foge tudo;
Eis os sócios ganindo ao som do traque,
Quais do funil apenso os cães no entrudo:

Mas se ainda a corja renovar o ataque,
Bocage que fará? Pôr-se de escudo,
Perder doze vinténs num Almanaque.

CXCIV

AOS MESMOS

De insípida sessão no inútil dia,
Juntou-se do Parnaso a galeage;
Em frase hirsuta, em gótica language,
Belmiro um ditirambo principia:

Taful, que o português não lhe entendia,
Nem ao resto da cómica salsage,
Saca o soneto que lhe fez Bocage,
E conheceu-se nele a Academia:

Dos sócios o pior silvou qual cobra,
Desatou-se em trovões, desfez-se em raios,
Dando ao triste Bocage o que lhe sobra:

Fez na calúnia vil cruéis ensaios,
E jaz com grandes créditos a obra
Entre mãos de marujos e lacaios.

CXCV

AOS MESMOS

Tu, França, que nó ode és mar em calma;
Tu, mocho da piéria soledade,
Bernardo, a quem no horror da escuridade
Com dois versos à morte o estro acalma;

Quintanilha, pigmeu no corpo e na alma;
Da matriz de Almoater tu, calvo abade;
Belmiro, anão de Apolo, e tu ex-frade,
Que em trovas de bumbum levas a palma:

Vates, que mereceis do cardo a rama;
Turba, que as setas da calúnia afias;
Momentâneo borrão da alheia fama:

Dá cabo das sessões, com que enfastias;
Por mão do secretário entrega à chama
Papelada servil de ninharias!

CXCVI

À NOVA ARCÁDIA

Ó triste malfadada Academia!
O vate Elmano em sátiras se espraia;
Fervem correios ao loquaz Talaia,
Que a todos teu descrédito anuncia:

Apoio exulta, o povo te assobia;
A glória tua em convulsões desmaia;
Ah!, primeiro que a pobre em terra caia,
Corte-se o voo da fatal porfia:

Ao satírico audaz põe duro freio,
Pune o declamador, que te flagela;
Dá-lhe assento outra vez no magro seio:

Bem como a quem profana uma donzela,
Que em pena do afrontoso estupro feio
Fazem próvidas leis casar com eia.

CXCVII

AO PADRE DOMINGOS CALDAS BARBOSA

Sátira em louvor

Deixa, insigne Bocage, insulsos vates,
Que o zelo teu à guerra desafia;
Brutos são, desconhecem poesia
Com as armas de Apoio em vão combates:

Por mais que em corrigi-los te dilates,
Fruto só tirarás dessa porfia
Conduzindo-os à alta enfermaria
Da piedosa casa dos orates:

A Lerenó, que é homem de juízo,
Por muitos versos, cheios de beleza,
Perdoa se não gostas de improviso:

O egípcio entremez ele despreza;
Nos outros, sócio Elmano, é que é preciso,
Palitas, dieta e vergalhada tesa.

CXCVIII

AO MESMO

Por casa Febo entrou c'um vil bugio;
As Musas o animal não conheciam,
E fugindo assustadas do que viam
Foi de ventas a terra a pobre Clio:

«Não fujam! Venha cá!..., Não é bravio» –
Gritava o deus; e as manas, que tremiam,
Todas por uma voz lhe respondiam:
«Ai! Que bicho tão feio!... Ai! Não me fio!...»

«Qual feio!» (acode Apoio); «é mui galante;
E na figura, e gestos, dá mil provas
De ser em parte aos homens semelhante:

Caldas o nomeei; com graças novas
Faz-me estalar de riso a cada instante,
E em prémio lhe concedo o dom das trovas.»

CXCIX

AO TROVISTA CALDAS, PARDO DE FEIÇÕES
E GRENHA CRESPA E REVOLTA

Metamorfose

Lembrou-se no Brasil bruxa insolente
De armar ao pobre mundo estranha peta;
Procura um mono, que infernal careta
Lhe faz de longe e lhe arreganha o dente:

Pilhando-o por mercê do averno ardente,
Conserva-lhe as feições na face preta;
Corta-lhe a cauda, veste-o de roupeta,
E os guinchos lhe converte em voz de gente:

Deixa-lhe os calos, deixa-lhe a catinga;
Eis entre os Lusos o animal sem rabo
Prole se aclama da rainha Ginga:

Dos versistas se diz modelo, e cabo;
A sua alta ciência é a mandinga,
O seu benigno Apoio é o Diabo.

CC

AO MACHUCHO POETARRÃO
JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA

«Não presta Coridon, não presta Elpino,
Filinto é ninharia, é lixo Alfeno;
Albano faia só do Tejo ameno,
Só tardes e manhãs descreve Alcino:

Trescala aos seiscentistas o Paulino;
Pois Bocage! Isso é peste, isso é veneno!»,
Roncava charlatão rolho e pequeno,
Pequeno em corpo, em alma pequenino:

«Quem acha vossemecê» (lhe sai dum lado
Taful do sério rancho das lunetas)
«Quem acha para versos estremado?»

«Quem!» (diz o tal) «não façam lá caretas:
Um, que dos seus papéis anda pejado,
O aguazil Daniel, cantor de petas.»

CCI

AO MESMO, PUBLICANDO O «ALMOCREVE DAS PETAS»

Das Petas o Almocreve é obra tua,
Bem se vê, Daniel, na frase e gosto;
Adiça três de Abril, ou seis de Agosto,
E de quem vendo as rimas pela rua:

Cheira a teu nome o roubo da perua,
E entre o tostado arroz o gato posto;
Eis a obra melhor que tens composto,
Inda que de artifício e graça nua:

A gente por Lisboa anda pasmada,
Vendo-te farto, e cheio como um ovo
Dos alvos pintos, que te deu por nada:

E frio de terror murmura o povo
Que a tua estupidez anda pejada
E que cedo se espera um parto novo.

CCII

AO MESMO, DANDO À LUZ O SEGUNDO VOLUME
DAS SUAS «RIMAS»

Tomo segundo à luz saiu das Rimas
De José Daniel Rodrigues Costa,
Obra mui de vagar, mui bem composta,
E sujeita depois a doudas limas:

Fala em ópios, em manas, faia em primas,
Diz coisas de que a plebe não desgosta,
Morde em peraltas, na ralé disposta
A saltos, macaquices, pantomimas:

Por estas e por outras que tem feito
Verá qualquer leitor nas obras suas
Que ele para versar nasceu com jeito:

Acham-se em tendas, acham-se em comuas;
E para lhe aumentar honra e proveito,
As vende o próprio autor por essas ruas.

CCIII

CONTRA O DESPOTISMO

Sanhudo, inexorável Despotismo,
Monstro que em pranto, em sangue a fúria cevas,
Que em mil quadros horríficos te enlevas,
Obra da Iniquidade e do Ateísmo:

Assanhas o danado Fanatismo
Porque te escore o trono onde te enlevas;
Porque o sol da Verdade envolva em trevas
E sepulte a Razão num denso abismo:

Da sagrada Virtude o colo pisas,
E aos satélites vis da prepotência
De crimes infernais o plano gizas:

Mas, apesar da bárbara insolência,
Reinas só no ext'rior, não tiranizas
Do livre coração independência.

CCIV

ASPIRAÇÕES DO LIBERALISMO,
EXCITADAS PELA REVOLUÇÃO FRANCESA,
E CONSOLIDAÇÃO DA REPÚBLICA EM 1797

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!), porque não raia
Já na esfera de Lísia a tua aurora?

Da santa redenção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia:
Oh! Venha... Oh! Venha, e trémulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
Oculta o pátrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo:

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso númen tu és, e glória, e tudo,
Mãe do génio e prazer, ó Liberdade!

CCV

REPRODUÇÃO DO ANTECEDENTE,
ESTANDO O AUTOR PRESO

Liberdade querida, e suspirada,
Que o Despotismo acérrimo condena;
Liberdade, a meus olhos mais serena
Que o sereno clarão da madrugada!

Atende à minha voz, que geme e brada
Por ver-te, por gozar-te a face amena;
Liberdade gentil, desterra a pena
Em que esta alma infeliz jaz sepultada:

Vem, ó deusa imortal, vem, maravilha,
Vem, ó consolação da humanidade,
Cujo semblante mais que os astros brilha:

Vem, solta-me o grilhão da adversidade;
Dos céus, descende, pois dos céus és filha,
Mãe dos prazeres, doce Liberdade!

CCVI

POR OCASIÃO DOS FAVORÁVEIS SUCESSOS
OBTIDOS NA ITÁLIA PELAS TROPAS FRANCESAS,
SOB O COMANDO DE BONAPARTE, EM 1797

A prole de Antenor degenerada,
O débil resto dos heróis troianos,
Em jugo vil de aspérrimos tiranos,
Tinha a curva cerviz já calejada:

Era triste sinónimo do nada
A morta liberdade envolta em danos;
Mas eis que irracionais vão sendo humanos,
Graças, ó Corso excelso, à tua espada!

Tu, purpúreo reitor; vós, membros graves,
Tremei na cúria da sagaz Veneza:
Trocem-se as agras leis em leis suaves:

Restaura-se a razão, cai a grandeza,
E o feroz despotismo entrega as chaves
Ao novo redentor da natureza.

CCVII

FEITO NA PRISÃO

Não sinto me arrojasse o duro fado
Nesta abóbada feia, horrenda, escura,
Nesta dos vivos negra sepultura,
Onde a luz nunca entrou do Sol dourado:

Não me consterna o ver-me traspassado
Com mil golpes cruéis da desventura,
Porque bem sei que a frágil criatura
Raramente é feliz no mundo errado:

Não choro a liberdade, que enleada
Tenho em férreas prisões, e a paz ditosa,
Que voou da minha alma atribulada:

Só sinto que Manilha rigorosa
Entre os braços de Aónio reclinada
Zombe da minha sorte lastimosa.

CCVIII

RECORDAÇÕES DA AMADA, JAZENDO NO CÁRCERE

Nesta, do feio opróbrio estância feia,
Que abafas, mãe das trevas, com teu manto,
Muda tristeza, carrancudo espanto,
O amotinado espírito me anseia:

Nas sombras abrigada a frágil teia
Urde Aracne sagaz de canto em canto,
Minha imaginação faz outro tanto,
Mil tristes pensamentos forma, enleia:

Minha imaginação de algoz me serve,
Forçando-me a que os gostos dalgum dia
Submersos deste horror no abismo observe:

De encontradas visões na fantasia
Baralhado tropel me cai, me ferve,
E nesta confusão reluz Armia.

CCIX

NA SOLIDÃO DO CÁRCERE

Quando na rósea nuvem sobe o dia
De risos esmaltando a natureza,
Bem que me aclare as sombras da tristeza
Um tempo sem-sabor me principia:

Quando por entre os véus da noite fria
A máquina celeste observo acesa,
De angústia, de terror, a imagens presa
Começa a devorar-me a fantasia.

Por mais ardentes preces, que lhe faço,
Meus ais não ouve o númen sonolento,
Nem prende a minha dor com ténue laço:

No Inferno se me troca o pensamento;
Céus! Porque hei-de existir, porque, se passo
Dias de enjoo e noites de tormento?

CCX

GLOSANDO O MOTE:

REFINADO VENENO EM TAÇA DE OURO

Folheando os anais da antiguidade,
Lendo neles, ó Píramo, o teu fado,
Vendo o peito de Elsa atravessado
Do ferro, que empunhou cruel saudade:

Chamado pela voz da Liberdade,
Do Desengano pela mão guiado,
Fui jurar da Razão no altar sagrado
Rancor eterno à cega divindade:

Mas o traidor, que aos mesmos céus se atreve
Notando no meu voto o seu desdouro,
De fazer-me perjuro astúcias teve:

Mostrou-me de mil graças um tesouro
E obrigou-me a beber por mãos de neve
Refinado veneno em taça de ouro.

CCXI

GLOSANDO O MOTE

O DESMENTIDO ORÁCULO TERRÍVEL

Idosa fada, que nos astros lia,
Mil males me agourou com turvo aspecto;
Mil males me agourou, mas, indiscreto,
Tratei de falsa a negra profecia:

Depois daquele brusco, infausto dia,
Sempre velando as noites inquieto,
Grasnar sinistro corvo sobre o tecto,
Piar aflito mocho à porta ouvia:

Vi dum loureiro o tronco fulminado,
Vi dum cometa o resplendor temível,
Vi feias sombras voltejar-me ao lado:

E vejo-te nas mãos da morte horrível,
O minha Fílis! – Eis verificado
O desmentido oráculo terrível.

CCXII

GLOSANDO O MOTE:

A MORTE PARA OS TRISTES É VENTURA

Quem se vê maltratado e combatido
Pelas cruéis angústias da indigência,
Quem sofre de inimigos a violência,
Quem geme de tiranos oprimido:

Quem não pode, ultrajado e perseguido,
Achar nos Céus, ou nos mortais, demência,
Quem chora finalmente a dura ausência
De um bem que para sempre está perdido:

Folgará de viver, quando não passa
Nem um momento em paz, quando a amargura
O coração lhe arranca e despedaça?

Ah! Só deve agradar-lhe a sepultura,
Que a vida para os tristes é desgraça,
A morte para os tristes é ventura.

CCXIII

GLOSANDO O MOTE:

O LIVRO ANOSO DO FATAL DESTINO

Do velho Ertílio, mágico afamado,
Meus passos dirigi ao antro escuro,
Bradei-lhe: «O semideus, que em teu conjuro
Tens dom, que força o báratro inflamado!

Se hei-se ser com Tirsália desgraçado,
Me dize; pois que lendo no éter puro,
Alças o véu do túrbido futuro,
Sopras a névoa, que rodeia o fado.»

Eis nisto o mago vezes três meneia
A venerável fronte, e em tom divino
Desta arte as esperanças me cerceia:

«Pesquisar o vindouro é desatino:
Rogas-me em vão: só Júpiter folheia
O livro anoso do fatal destino.

CCXIV

DESEJO AMANTE

Elmano, de teus mimos anelante,
Elmano em te admirar, meu bem, não erra;
Incomparáveis dons tua alma encerra,
Ornam mil perfeições o teu semblante:

Granjeias sem vontade a cada instante
Claros triunfos na amorosa guerra:
Tesouro que do Céu vieste à Terra,
Não precisas dos olhos de um amante.

Oh!, se eu pudesse, Amor, oh!, se eu pudesse
Cumprir meu gosto! Se em altar sublime
Os incensos de Jove a Lília desse!

Folgara o coração quanto se oprime;
E a Razão, que os excessos aborrece,
Notando a causa, relevara o crime.

CCXV

À INFIDELIDADE DE NISE

De nocturno, horroroso pesadelo,
Fui na mente sombria atormentado;
Inda palpito, da visão lembrado,
Esfria o sangue, eriça-se o cabelo:

E' dum lado a Desgraça impondo o selo
As leis, que em dano meu criara o Fado;
Meus Males em tropel vi doutro lado
Ais dirigindo a corações de gelo.

Coa Pátria, mundo e Céu me vi malquisto,
Ao longe a Glória laureada, e bela,
Ouvi dizer-me: «De te honrar desisto!»

Tive a Morte ante mim torva, amarela;
Fúrias, Manes: – O horror não parou nisto,
Vi Nise, e o meu rival nos braços dela.

CCXVI

A NISE, ESCRITO DO CÁRCERE

Nise mimosa, como as Graças pura,
Amável Nise, como as Graças bela,
Se inda em teus olhos me pertence aquela
Maviosa afeição, que fere e cura:

Um ai, penhor de cândida ternura,
Envia ao triste, que esmorece, anela;
Que em ti cuidando solitário vela
No seio antigo de masmorra escura:

Manda-lhe um ai, meu bem; com ele afaga
Do ansioso amante o coração ferido,
A quem mordaz saudade assanha a chaga:

Das minhas aflições compadecido
Nas asas cor de neve Amor o traga;
Pago será com mil um só gemido.

CCXVII

A MORTE ÚNICO REFÚGIO CONTRA
AS PERSEGUIÇÕES DA SORTE

Nas horas de Morfeu vi a meu lado
Pavoroso gigante, enorme vulto:
Tinha na mão sinistra, e quase oculto,
Volume em férrea pasta encadernado;

«Ah! Quem és» (lhe pergunto arrepiado)
«Mereces o meu ódio, ou o meu culto?»
«Sou» (me diz) «o que em sombras te sepulto,
Sou teu perseguidor, teu mal, teu Fado.

Corres, triste mortal, por minha conta;
Mas há-de a meu despeito haver quem corte
A série de tormentos que te afronta:

Poder vem perto que te mude a sorte:
Lá tens o teu regresso...» E nisto aponta.
Olho rapidamente, e vejo a Morte.

CCXVIII

ESCRITO NO CÁRCERE

Aceso no almo ardor, que a mente inflama,
Vivo de Amor, de Amor suspiro e canto;
Na face agora o riso, agora o pranto,
D árvore tua, ó Febo, eu cinjo a rama:

Prezo a doce moral, na voz da fama
Meu nome pouco a pouco aos Céus levanto,
Mas turba vil, que abato, anseio e espanto,
Urde em meu dano abominável trama;

Réu me delata de hórrida maldade,
Projecta aniquilar-me o bando rude,
Envolto na leiteia escuridade:

Que falsa ideia, ó zoilos, vos ilude?
Furtais-me a paz? Furtais-me a liberdade?
Fica-me a glória, fica-me a virtude.

CCXIX

AGRADECENDO A MORFEU UM SONHO FELIZ

Bem hajas, ó Morfeu! À fantasia
Que cena divinal me deste agora!
Nise, qual sai da noite a grata aurora,
Surgiu-me dentre as sombras da agonia,

Mais bela inda a saudade me fingia
O gesto encantador, que os Céus namora;
Cuido que inda me afaga, que inda chora
Pranto, que morta flor viver faria.

Graças, ó nume, de meus ais magoado!
Alta mercê meu coração te deve,
Por este acinte que fizeste ao fado:

Só tua divindade a tal se atreve:
Mas ah! Que eras prazer de um desgraçado
Sempre mostraste, ó sonho, em ser tão breve.

CCXX

RECORDAÇÕES DA SUA AMADA NO CÁRCERE

Na acesa fantasia estou medindo
Os passos e as acções da minha amada;
Noto-lhe o puro, colo, a mão nevada,
Os olhos divirtais, o gesto lindo:

Vejo-a com doces lágrimas sentindo
Minha acerba opressão de horror cercada,
E em torno da beleza amargurada
As Graças soluçando, Amor carpindo:

A tudo quanto a vê, quanto a rodeia,
‘Té mesmo irracional e inanimado,
Obriga a suspirar, comove, anseia:

E de a ter com meus males consternado
Talvez lá na profunda estância feia
Dê também algum ai meu duro fado.

CCXXI

DEPLORANDO A CRUELDADE DE NISE

Excedo lustros seis por mais três anos,
Mas bem que juvenis meus anos sejam,
Já murcham de agonia, e já me alvejam
Não raros na cabeça os desenganos.

Os fados, meus verdugos, meus tiranos,
Que de Pandora o cofre em mim despejam,
Folgam de que os mortais nas cãs me vejam
Tristes amostras de frequentes danos.

Parece que devia a formosura
Vingar-me dos cruéis comigo irados,
E da ternura o prémio ser ternura:

Mas Nise (ó vãos extremos desgraçados!)
Na trança infausta branquear procura
O resto escuro, que escapou aos fados.

CCXXII

CONSTÂNCIA DO SÁBIO SUPERIOR AOS INFORTÚNIOS

Em sórdida masmorra aferrolhado,
De cadeias aspérrimas cingido,
Por ferozes contrários perseguido,
Por línguas impostoras criminado:

Os membros quase nus, o aspecto honrado
Por vil boca, e vil mão roto, e cuspidos,
Sem ver um só mortal compadecido
De seu funesto, rigoroso estado:

O penetrante, o bárbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitável morte
Olhando já na mão do algoz cruento:

Inda assim não maldiz a iníqua sorte,
Inda assim tem prazer, sossego, alento,
O sábio verdadeiro, o justo, o forte.

CCXXIII

DESENGANO AOS VICIOSOS

Tu, que em torpes desejos atolado
Vergonhosos prostíbulo frequentas:
Tu, que os olhos famintos alimentas
No cofre, de tesouros atulhado:

Tu, que do ouro e da púrpura adornado
Quase de igual a Júpiter ostentas,
Bebendo as frases vis e peçonhentas
De bando adulator, que tens ao lado:

Monstros, que desonrais a humanidade,
Desprezando a pobreza atribulada,
E transgredindo a lei da caridade:

O Desengano ouvi, que assim vos brada:
« Tremei da pavorosa eternidade,
Tremei, filhos do pó, filhos do nada! »

CCXXIV

A EXISTÊNCIA DE DEUS
PROVADA PELAS OBRAS DA CRIAÇÃO

Os milhões de áureos lustres coruscantes
Que estão da azul abóbada pendendo:
O Sol, e a que ilumina o trono horrendo
Dessa, que anima os ávidos amantes:

As vastíssimas ondas arrogantes,
Serras de espuma contra os céus erguendo,
A leda fonte humilde o chão lambendo,
Lourejando as searas flutuantes:

O vil mosquito, a pró vida formiga,
A rama chocalheira, o tronco mudo,
Tudo que há Deus a confessar me obriga:

E para crer num braço, autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da fé, mas da razão me ajudo.

CCXXV

DEPRECATÓRIO EM OCASIÃO DE TEMPESTADE

Filho, Espírito e Pai, três e um somente,
Que extraíste do caos, do pó, do nada,
O Sol dourado, a Lua prateada,
O racional e irracional vivente:

Eterno, justo, imenso, onnipotente,
Que ocupas essa abóbada estrelada,
Grã Ser, de cuja força ilimitada
A máquina do inundo está pendente:

Tu, que, se queres, furacão violento,
Sumatra feia, tempestade escura
Desatas, e subjugas num momento:

Criador, que remiste a criatura,
Quebra o furor do tímido elemento,
Que nos abre no Inferno a sepultura!

CCXXVI

AFFECTOS DUM CORAÇÃO CONTRITO

Ó rei dos reis, ó árbitro do mundo,
Cuja mão sacrossanta os maus fulmina
E a cuja voz terrífica, e divina,
Lúcifer treme no seu caos profundo!

Lava-me as nódoas do pecado imundo,
Que as almas cega, as almas contamina:
O rosto para mim piedoso inclina,
Do eterno império teu, do céu rotundo:

Estende o braço, a lágrimas propício,
Solta-me os ferros, em que choro e gemo
Na extremidade já do precipício;

De mim próprio me livra, ó Deus supremo!
Porque o meu coração propenso ao vício
E, Senhor, o contrário que mais temo.

CCXXVII

CONSELHOS A UM PRECEPTOR AUSTERO

Se te adornas de sã filosofia,
E pio coração, porque o desmentes,
Mantendo contra as lindas inocentes
Perante a séria mãe tenaz porfia?

Se um carácter ingénuo desafia
Tua voz a dizer tudo o que sentes,
Considera também que tens presentes
A virtude, a beleza, a fidalguia.

Despindo a magistral severidade,
Confessa que de uns olhos a brandura
É carta de favor, que persuade:

Sê digno preceptor, mas com doçura:
Mil desculpas merece a tenra idade,
E mil adorações a formosura.

CCXXVIII

À PAIXÃO DE JESUS CRISTO

O filho do grã rei, que a monarquia
Tem lá nos Céus, e que de si procede,
Hoje mudo e submisso à fúria cede
De um povo, que foi seu, que à morte o guia:

De trevas, de pavor, se veste o dia,
Inchado o mar, o seu limite excede,
Convulsa a Terra, por mil bocas pede
Vingança de tão nova tirania:

Sacrílego mortal, que espanto ordenas,
Que ignoto horror, que lúgubre aparato!...
Tu julgas teu juiz!... Teu Deus condenas!

Ah! Castigai, Senhor, o mundo ingrato:
Caíam-lhe as maldições, chovam-lhe as penas,
Também eu morra, que também vos mato.

CCXXIX

SENTIMENTOS DE CONFORMIDADE,
COLHIDOS NA RELIGIÃO

Se considero o triste abatimento
Em que me faz jazer minha desgraça,
A desesperação me despedaça
No mesmo instante o frágil sofrimento:

Mas súbito me diz o pensamento
Para aplacar-me a dor, que me trespassa,
Que este, que trouxe ao mundo a lei da graça,
Teve num vil presepe o nascimento:

Vejo na palha o redentor chorando,
Ao lado a mãe, prostrados os pastores,
A milagrosa estrela os reis guiando:

Vejo-o morrer depois, ó pecadores,
Por nós, e fecho os olhos adorando
Os castigos do Céu como favores.

CCXXX

CONTRASTE ENTRE A VIDA CAMPESTRE
E A DAS CIDADES

Nos campos o vilão sem sustos passa,
Inquieto na cone o nobre mora;
O que é ser infeliz aquele ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça:

Aquele canta e ri; não se embaraça
Com essas coisas vás que o mundo adora:
Este (oh, cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça:

Aquele dorme em paz no chão deitado,
Este no ebúrneo leito precioso
Nutre, exaspera, velador cuidado:

Triste, sai do palácio majestoso;
Se hás-de ser cortesão, mas desgraçado,
Antes ser camponês, e venturoso!

CCXXXI

CONTRA A INVEJA

Tu de quantos dragões o Inferno encerra
És o pior, inveja pestilente!
Morde a virtude, ao mérito faz guerra
Teu detestável, teu maligno dente:

Atenas por teu mando iniquamente
O defensor Temístocles desterra;
O grã Pacheco, o raio do Oriente,
Por ti, cruel, sem funerais se enterra.

Lívidas gotas de infernal peçonha
Cuspiste sobre o néctar, que a ventura
Por mãos de neve me ofereceu risonha:

E depois de tragar-me a parca dura,
Há-de ir ainda a tua voz medonha
Minha cinza afrontar na sepultura.

CCXXXII

INVOCANDO O AMPARO DA VIRGEM SANTÍSSIMA

Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das virgens, tu, que do assanhado
Tartáreo monstro com o teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entumecida:

Doce abrigo, santíssima guarida,
De quem te busca em lágrimas banhado,
Corrente com que as nódoas do pecado
Lava uma alma, que geme arrependida:

Virgem, de estrelas nítidas c'roadada,
Do Espírito, do Pai, do Filho eterno
Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:

Valha-me o teu poder, e amor materno;
Guia este cego, arranca-me da estrada
Que vai parar ao tenebroso Inferno!

CCXXXIII

GLOSANDO O MOTE:

MORTE, JUÍZO, INFERNO E PARAÍSO

Senhor, que estás no Céu, que vês na Terra
Meu frágil coração desfeito em pranto,
Pelas ânsias mortais, o ardor, o encanto
Com que lhe move Amor terrível guerra:

Já que poder imenso em ti se encerra,
Já que aos ingénuos ais atendes tanto,
Socorre-me, entre os santos sacrossanto,
Criminosas paixões de mim desterra:

Fugir aos laços de um gentil semblante
Não posso eu só: da tua mão preciso,
Com que prostrou David o atroz gigante:

Fira-me a contrição, torne-me o siso,
Acorde-me, Senhor, põe-me diante
Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

CCXXXIV

CONTANDO-SE POR VÍTIMA
DE ACUSAÇÕES CALUNIOSAS

Miseranda Inocência, és nome abstracto,
És um título vão da humanidade;
Quando se envolve em sombras a verdade,
Quando sofres do crime o duro trato:

Que importa que eu conserve o peito intacto
Das peçonhentas fezes da maldade;
Que em cumprir tuas leis, ó proibidade,
Fosse meu coração fiel e exacto?

Que importa, se a calúnia mo desmente,
Se o ser do parecer é tão diverso,
E em vão se opõe o interno ao aparente?

Opinião, rainha do universo,
Ante o teu tribunal omnipotente
Sócrates ímpio foi, e eu sou perverso!

CCXXXV

DEPLORANDO A SOLIDÃO DO CÁRCERE

Neste horrível sepulcro da existência
O triste coração de dor se parte;
A mesquinha razão se vê sem arte
Com que dome a frenética impaciência:

Aqui pela opressão, pela violência,
Que em todos os sentidos se reparte,
Transitório poder quer imitar-te,
Eterna, vingadora onnipotência!

Aqui onde o que o»eito abrange, e sente,
Na mais ampla expressão acha estreiteza,
Negra ideia do abismo assombra a mente.

Difere acaso da infernal tristeza
Não ver terra, nem céu, nem mar, nem gente,
Ser vivo, e não gozar da natureza?

CCXXXVI

AO DESPERTAR DUM SONHO TERRÍVEL

Sonho cruel o espírito inquieto
Me arrebatou a incógnita morada;
Era de bronze a temerosa entrada,
De bronze o pavimento, o muro, o tecto:

Ente disforme, de rugoso aspecto,
De alto assento me diz com voz pesada:
«Té que do meu furor te abrigue o nada,
Fulminei contra ti este decreto:

Os foros perderás da humanidade,
Teus flagelos serão teus semelhantes,
Hão-de extorquir-te a glória e a liberdade.»

Nisto acordo cos membros titubantes:
Assim temeste, ouvindo, ó férrea Idade,
A queda horrenda, que esmagou gigantes.

CCXXXVII

CONTENDA ENTRE A DESESPERAÇÃO E O SOFRIMENTO

Minha alma quer lutar com meu tormento;
Contenda inútil! É por ele o Fado:
Apenas de oprimir-me está cansado,
Eterna força lhe refaz o alento:

Mais vale que delire o pensamento
‘Té agora coa Razão debalde armado;
E menos triste, menos duro estado
A Desesperação, que o Sofrimento.

A Desesperação soluça e chora,
A Desesperação mil ais desata,
Parte do mal nas queixas se evapora:

O Sofrimento azeda o que recata:
Prende suspiros, lágrimas devora,
Tiraniza, consome, e às vezes mata.

CCXXXVIII

CONTRA OS QUE NEGAM O LIVRE ARBÍTRIO
NAS ACÇÕES HUMANAS

Vós, crédulos mortais, alucinados
De sonhos, de quimeras, de aparências,
Colheis por uso erradas consequências
Dos acontecimentos desastrados:

Se à perdição correis precipitados
Por cegas, por fogosas impaciências,
Indo a cair, gritais que são violências
De inexoráveis Céus, de negros fados:

Se um celeste poder tirano, e duro,
Às vezes extorquisse as liberdades,
Que prestava, ó Razão, teu lume puro?

Não forcem corações as divindades;
Fado amigo não há, nem fado escuro:
Fados são as paixões, são as vontades.

CCXXXIX

A FILOSOFIA PRESTES A CEDER
AOS GOLPES DA ADVERSIDADE

Tenho assaz conservado o rosto enxuto
Contra as iras do Fado omnipotente;
Assaz contigo, ó Sócrates, na mente
À dor neguei das queixas o tributo:

Sinto engelhar-se da constância o fruto,
Cai no meu coração nova semente;
Já me não vale um ânimo inocente;
Gritos da Natureza! Eu vos escuto.

Jazer mudo entre as garras da Amargura,
De alma estóica aspirar à vã grandeza,
Quando orgulho não for, será loucura.

No espírito maior sempre há fraqueza,
E, abafada no horror da desventura,
Cede a Filosofia à Natureza.

CCXL

VENDO-SE EXPOSTO A TRIBULAÇÕES IMERECIDAS

Não sou vil delator, vil assassino,
Ímpio, cruel, sacrílego, blasfemo;
Um Deus adoro, a eternidade temo,
Conheço que há vontade, e não destino:

Ao saber e à virtude a frente inclino;
Se chora e geme o triste, eu choro, eu gemo:
Chamo à beneficência um dom supremo;
Julgo a doce amizade um bem divino:

Amo a Pátria, amo as leis, precisos laços
Que mantêm dos mortais a convivência,
E de infames grilhões ouço ameaços!

Vejo-me exposto à rígida violência,
Mas folgo, e canto, e durmo nos teus braços,
Amiga da Razão, pura Inocência.

CCXLI

ALUDINDO À PROFECIA DE ISAÍAS
NOS CAPÍTULOS VII E XI, ETC.

Queimando o véu dos séculos futuros
O vate, aceso em divinais luzeiros,
Assim cantou (e aos ecos pregoeiros
Exultaram, Sião teus sacros muros):

«O justo descera dos astros puros
Em deleitosos, cândidos chuveiros,
As feras dormirão com os cordeiros,
Suarão doce mel carvalhos duros;

A virgem será mãe; vós dareis flores,
Brenhas intonsas, em remotos dias;
Porás fim, torva guerra, a teus horrores.»

Não, não sonhou o altíssimo Isaiás;
O reis, ajoelhai, correi, pastores!
Eis a prole do Eterno, eis o Messias!

CCXLII

O REMORSO

Escrito na prisão

Aquele que domina os céus brilhantes,
Artífice da máquina estrelada,
Ante cuja grandeza os reis são nada,
A tomo a Terra, os séculos instantes:

O Deus, que contra os vícios negrejantes
Pela voz dos trovões ao homem brada,
Da mísera virtude atropelada
Vinga os tristes suspiros penetrantes:

Sem que o mortal com lágrimas o peça,
Juiz imparcial, juiz superno,
Na causa do inocente se interessa:

Manda-te ressurgir do horror eterno,
Devorante remorso! Em ti começa
O suplício dos maus, dos maus o Inferno.

CCXLIII

CONFORMIDADE COM OS DECRETOS DA PROVIDÊNCIA

A frente, que de louro ergui cingida,
Ufana de louvor, e da inocência,
Jaz por efeito de hórrida aparência,
Curvada pelo opróbrio, e denegrada:

De mil gratos objectos guarnecida
Rutilava a meus olhos a existência;
Hoje, amável Prazer, na tua ausência
Parece aos olhos meus um ermo a vida.

De quantas cores se matiza o Fado!
Nem sempre o homem ri, nem sempre chora,
Mal com bem, bem com mal é temperado;

Os estados variam de hora em hora;
Sábio o mortal, que em um, que em outro estado
(Disposto a tudo), a Providência adora!

CCXLIV

VENDO-SE ENCARCERADO E SOLITÁRIO

Aqui, onde arquejando estou curvado
À lei, pesada lei, que me agrilhoa,
De lúgubres ideias se povoa
Meu triste pensamento horrorizado:

Aqui não brama o Noto anuviado,
O Zéfiro macio aqui não voa,
Nem zune insecto alígero, nem soa
Ave de canto alegre, ou agourado;

Expeliu-me de si a humanidade,
Tu, astro benfeitor da redondeza,
Não despendes comigo a claridade:

Só me cercam fantasmas da tristeza:
Que silêncio! Que horror! Que escuridade!
Parece muda, ou mona, a natureza.

CCXLV

AO MESMO ASSUNTO

Tão negro como a turba que vagueia
Na margem do Cocito à luz odioso,
O bando de meus males espantoso
No sepulcro dos vivos me rodeia.

Qual me abala os fuzis da vil cadeia,
Qual me afigura um rótulo afrontoso,
Qual me diz (ai de mim!) que fui ditoso;
Eis deles todos o que mais me anseia.

Tomara reforçar pela amargura
Meu ser, que anda cos fados tão malquisto,
Tomara costumar-me à desventura:

Esquecer-me do bem gozado, e visto,
Pensar que a natureza é sempre escura,
Que é geral este horror, que o mundo é isto.

CCXLVI

AOS AMIGOS, DANDO-LHES A SABER QUE AINDA VIVE

Ó vós que lamentais de Elmano a sorte,
Crendo na escura terra o corpo frio,
E os manes já sulcando o mudo rio,
Na barca imensa de geral transporte:

Sabei que o doce, inevitável corte,
Lhe foge da existência ao ténue fio;
E que seria em vós dever mais pio
Chorar-lhe a vida que chorar-lhe a morte:

Existindo agoniza um desgraçado;
Quem lágrimas nas cinzas lhe derrama
Parece que o queria atormentado:

Vive, mas pela morte Elmano chama,
Com suspiros Elmano implora ao fado
Que seja a voz de agouro a voz da fama.

CCXLVII

DESCREVE OS SEUS TORMENTOS NO CÁRCERE

Meus dias, que já foram tão luzentes,
Hoje da noite opaca irmãos parecem;
Meus dias miseráveis emurhecem
Longe do gosto e longe dos viventes:

Horror das trevas, peso das correntes,
Olhos, forças me abatem, me entorpecem:
E apenas por momentos me aparecem
Rostos sombrios de intratáveis entes:

Pagam-se da rugosa austeridade;
Antolha-se-lhe um crime, um atentado,
Sofrer nos corações a humanidade:

Voai, voai do Céu para meu lado,
Ah! Vinde, doce Amor, doce amizade,
Sou tão digno de vós quão desgraçado.

CCXL VIII

LENITIVOS DO SOFRIMENTO CONTRA
AS PERSEGUIÇÕES DA DESVENTURA

Vítima do rigor e da tristeza,
Em negra estância, em cárcere profundo,
O mundo habito sem saber do mundo,
Como que não pertenço ó natureza:

Enquanto pela vasta redondeza
Vai solto o crime infesto, o vício imundo,
Eu (não perverso) em pranto a face inundo,
Do grilhão suportando a vil dureza:

Mas no bojo voraz da desventura,
Monstro por cujas faces fui tragado,
Em parte um pensamento a dor me cura:

O infeliz (não por culpa, só por fado)
Naqueles corações em que há ternura
E mais interessante, é mais amado.

CCXLIX

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Para as sombras da morte aqui me ensaio
Na habitação da culpa e do desdouro;
Lendo no mal presente o mal vindouro,
Aqui choro, aqui tremo, aqui desmaio:

Por imagens fatais a ideia espraio,
Negreja numa, e noutra infausto agouro;
Febo! Ó Febo! Ai de mim! Teu sacro louro
A fronte não me escuda contra o raio.

Sou vítima de aspérrima violência,
Sem ter quem dos meus males se lastime
Neste horrível sepulcro da existência:

Mas peso dos remorsos não me oprime:
A sussurrante, a vil Maledicência,
De erros dispersos me organiza o crime.

CCL

NO SEU DIA NATALÍCIO

Do Tempo sobre as asas volve o dia,
O ponto de meu triste nascimento;
Vedado à luz do Sol este momento,
Fúrias, com vossos fachos se alumia!

Nascido apenas, pavorosa harpia
Ao berço me voou de imundo alento:
Empestando o misérrimo aposento,
Eis me roga esta praga horrenda, impia:

«Esteja sempre o bem de ti remoto,
Vivas sempre choroso, amargurado,
Dane teus dias o destino imoto.»

Caiu-me a imprecação do monstro alado,
Curto mil males, e entre sombras noto
Outros com que me espera ao longe o fado.

CCLI

PROTESTA PELA SUA INOCÊNCIA,
AGREDIDA POR DETRACTORES INVEJOSOS

Néscia, vil ignorância, injuriada
Dos vivos, que meu estro me granjeia,
Desce aos Infernos e a calúnia fria
Bramindo extrai da lôbrega morada:

Do monstro de cem bocas escoltada,
Por aqui, por ali corre, vagueia,
Em meu nome de lar em lar semeia
Agro dictério, sátira danada:

Em cínico furor me finge aceso,
Venenoso, mordaz, ímpio me chama,
Diz que o jugo de um rei, de um Deus, desprezo.

Mas sempre, sobranceiro à baixa trama,
Das pátrias justas íeis me é doce o peso,
Amo a religião, e aspiro à fama.

CCLII

HINO A DEUS

Pela voz do trovão corisco intenso
Clama, que à natureza impera um ente,
Que cinge do áureo dia o véu ridente,
Que veste de atra noite o manto denso,

Pasmar na imensidade é crer o imenso,
Tudo em nós o requer, o adora, o sente;
Provam-te olhos, ouvidos, peito e mente?
Nume, eu ouço, eu olho, eu sinto, eu penso!

Tua ideia, ó grã Ser, ó Ser divino,
Me é vida, se me dão mortal desmaio
Males que sofro e males que imagino:

Nunca impiedade em mim fez bruto ensaio;
Sempre (até das paixões no desatino)
Tua demência amei, temi teu raio.

CCLIII

CONFIANÇA NA MISERICÓRDIA DIVINA

Lá quando a tua voz deu ser ao nada,
Frágil criaste, ó Deus, a natureza;
Quiseste que aos encantos da beleza
Amorosa paixão fosse ligada:

Às vezes em seus gostos desmandada,
Nos excessos desliza-se a fraqueza:
Fingem-te então com ímpeto, e braveza
Erguendo contra nós a dextra armada:

Ó almas sem acordo e sem brandura,
Falsos órgãos do Eterno! Ah!... Profanai-o,
Dando-lhe condição tirana e dura!

Trovejai, que eu não tremo e não desmaio;
Se um Deus fulmina os erros da ternura,
Uma lágrima só lhe apaga o raio.

CCLIV

O RETRATO DE DEUS DESFIGURADO
POR MINISTROS EMBUSTEIROS

Um Ente, dos mais entes soberano,
Que abrange a Terra, os Céus, a eternidade;
Que difunde anual fertilidade,
E aplanas as altas serras do oceano:

Um nume só terrível ao tirano,
Não à triste mortal fragilidade;
Eis o Deus, que consola a humanidade,
Eis o Deus da razão, o Deus de Elmano:

Um déspota de enorme fortaleza,
Pronto sempre o rigor para a ternura,
Raio sempre na mão para a fraqueza:

Um criador funesto à criatura;
Eis o Deus, que horroriza a natureza,
O Deus do fanatismo, ou da impostura.

CCLV

AO DR. JOSÉ TOMÁS QUINTANILHA

Que descrevera na excelente glosa duma quadra o desastre de Leandro e Hero

Eurindo, caro às Musas, e aos Amores,
Das tágides louçãs cantor mimoso,
Não danes o almo verso deleitoso;
Não soe o lasso Elmano em teus louvores:

Exprime de Hero as lágrimas, as dores,
Do audaz de Abido o trânsito afanoso,
E em fofos escarcéus Neptuno iroso
Mugindo, sufocando-lhe os clamores:

Pinta os males de Amor, de Inês os fados,
Canta as glórias de Amor, canta de Alzira
Os olhos, as madeixas, e os agrados:

Em vez de aviventar coa maga lira
Musa infeliz, que em ânsias, em cuidados,
Em soluços, em ais arqueja, expira.

CCLVI

GLOSANDO O MOTE:

EXTRAI DA GLÓRIA ALHEIA O SEU DESDOURO

Eis da virtude o templo rutilante;
Sacerdote ancião, de rubra veste,
Compassa pelo cântico celeste
Meneado turíbulo fumante:

Do pio aroma, do vapor fragrante,
O giro salutar consome a peste
Do vício, que debalde encara, investe
Turba de heróis às aras circunstante:

No sólio majestoso a deusa abrindo
Aos alunos fiéis almo tesouro,
Dobra o preço a seus dons em dar sorrindo:

E à porta, que volteia em quícios de ouro,
A inveja preenhe de áspides, bramindo,
Extrai da glória alheia o seu desdouro.

CCLVII

AO SR. DESEMBARGADOR INÁCIO JOSÉ
DE MORAIS E BRITO

De férreo julgador não vem contigo
Rugosa catadura, acções austeras
Antes de ser juiz já homem eras,
E achas mais glorioso o nome antigo;

O amargor, a tristeza do castigo,
Que impõem ao curvo crime as leis severas,
Coa benigna demência tu temperas,
Dos réus, que gemem, benfeitor e amigo:

Se árdua rocha imitando, ou rijo muro,
Reprovar, detrair tua piedade,
Tirano coração, carácter duro:

Dele te vingue a doce Humanidade,
Que de agravos do Tempo estás seguro;
Meus versos te darão a eternidade.

CCLVIII

AO SR. MANUEL DE FIGUEIREDO

Oficial-maior da Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra

Musa, não cantes bárbara proeza
De um braço audaz, de um coração tirano:
Não celebres o undívago troiano,
Pérfido à tíria, mísera princesa:

Esses de Marte heróis, cuja grandeza
Os incensos do vulgo atraí ufano,
São Tântalos cruéis de sangue humano,
Escândalo feroz da natureza:

Louva somente um ânimo benigno,
Que a nuvem de teus males tem desfeito,
Que já teu fado serenou maligno:

Louva de Figueiredo o nobre peito;
Conduze às plantas de varão tão digno
Amor, verdade, gratidão, respeito.

CCLIX

AO SR. DESEMBARGADOR SEBASTIÃO
JOSÉ FERREIRA BARROCO

Acompanhando à Índia o Ex.^{mo} Francisco da Cunha e Meneses

Geme Barroco, a fraca humanidade
Nem nos peitos heróicos se desmente;
Mirra-lhe as faces aflição veemente,
Furta-lhe o riso a baça enfermidade:

Eis deixa os céus envolto em claridade
Alto núncio de Júpiter clemente;
Eis vem calar-lhe os ais, corar-lhe a frente
A Saúde, benéfica deidade:

«Achates do varão, que em paz e em guerra
Vai do Gange emular na margem nua
Mil semideuses, cujo sangue encerra!

Em vão» (diz) «te acomete a morte crua;
És necessário cá; precisa a terra
Almas sublimes, almas como a tua.»

CCLX

AO CONSÓRCIO DUNS PARENTES

Filhas do Tejo, as águas transparentes
Cortai da funda e límpida morada,
Trazendo cada qual na mão nevada
Roxos corais, aljôfares luzentes:

Vinde, vinde trinar mil sons cadentes
Nesta areia subtil, de ouro bordada;
União tão feliz, tão suspirada,
Cantai gostosas, celebrai contentes:

Márcia, vossa rival na gentileza,
Hoje com puro voto suspirado,
Paga de Almeno as ânsias e a firmeza:

A virtude os ajunta, o sangue, o fado;
E os laços, que lhe urdira a Natureza,
Tu lhe reforças, Himeneu sagrado.

CCLXI

LOUVANDO ALGUNS POETAS LÍRICOS
SEUS CONTEMPORÂNEOS

Encantador Garção, tu me arrebatas
Audaz vibrando o plectro venusino;
Suave Albano, dedicado Alcino,
Musas do terno Amor, vós me sois gratas;

Adoro altos prodígios, que relatas,
Cantor da Glória, majestoso Elpino,
Tu, que agitado de ímpeto divino
Acesos turbilhões na voz desatas:

Ó cisnes imortais do Tejo ameno!
A carrancuda Inveja em mim não cria
Víboras prenhes de infernal veneno:

O clarão, que esparzis, me acende e guia:
Culto, incenso vos dou, quando condeno
Delírios que Belmiro ao prelo envia.

CCLXII

AO RÉU QUE FOI CONDUZIDO AO PATÍBULO
NO DIA 11 DE JULHO DE 1797

Ao crebo som do lúgubre instrumento
Com tardo pé caminha o delinquente;
Um Deus consolador, um Deus clemente,
Lhe inspira, lhe vigora o sofrimento:

Duro nó pelas mãos do algoz cruento
Estreitar-se no colo o réu já sente;
Multiplicada a morte anseia a mente,
Bate horror sobre horror no pensamento:

Olhos e ais dirigindo à Divindade,
Sobe, envolto nas sombras da tristeza,
Ao termo expiador da iniquidade:

Das leis se cumpre a salutar dureza;
Sai a alma dentre o véu da humanidade;
Folga a Justiça e geme a Natureza.

CCLXIII

AO MESMO ASSUNTO

Sobre o degrau terrível assomava
O réu cingido do funéreo manto,
A vezada ao terror, aos ais, ao pranto,
Da intrepidez a Morte se assombrava:

No firme coração não palpitava
O precursor da Parca, o mudo espanto;
E, ufana de subir no esforço a tanto,
Um ai a Humanidade apenas dava:

Mortal, que foste herói no extremo dia,
De ideias carrancudas e opressoras
Não sofreste o pavor na fantasia:

Coas vozes divinais, consoladoras,
Só a religião te embrandecia:
Foras de ferro, se cristão não foras!

CCLXIV

AO SR. DR. AGOSTINHO GOMES DA SILVEIRA,
ADVOGADO EM ÓBIDOS

Mil poetas enfáticos e ufanos,
Pintando em verso natalício dia,
Fazem voar nas asas da harmonia
Áurea chuva de hipérboles e enganos:

Dizem que sobrepondo-se aos humanos
O objecto, que o furor lhes desafia,
Há-de ver entre os risos da alegria
Sua glória sem fim, sem fim seus anos:

Desça a mentira ao último terceto
Nos outros; – que eu desejo-te saúde,
Mas seres imortal não te prometo!

Só rogo a Deus que em prémio da virtude
Cada verso que vai neste soneto
A teu favor num século se mude.

CCLXV

INVOCANDO A SEU FAVOR O VALIMENTO
DUMA ALTA PERSONAGEM

Escrito na prisão

Qual o itálico herói, o audaz Tancredo,
Pondo o apóstata infame em vil fugida,
Caiu no laço da falaz Armida,
Na confusa prisão de mago enredo:

Tal eu, depois que enchi de opróbrio e medo
Os zoilos, a caterva embravecida,
Fui abismado por calúnia infida
Nas ermas sombras de hórrido segredo:

Nem só nisto ao herói sou semelhante;
Nise e o voado Tempo na memória
São a minha Clorinda, o meu Argante:

Ah! Tu, que inda hás-de honrar a lusa história,
O meu Reinaldo sê, varão prestante;
Torna-me a liberdade, o mundo, a glória!

CCLXVI

AO SR. ANDRÉ DA PONTE QUENTAL E CÂMARA
QUANDO PRESO COM O AUTOR

O pesado rigor de dia em dia
Se apure contra nós, opresso amigo;
Tolere, arraste vis grilhões contigo
Quem contigo altos bens gozar devia:

Da nossa amarga sorte escura, impia,
Colha triunfos tácito inimigo;
Sombra como a do lúgubre jazigo
Nos cubra de mortal melancolia:

Custam fadigas a virtude, a glória;
Por entre abrolhos se caminha ao monte,
Ao templo da honorífica Memória:

Posto que hoje a calúnia nos afronte,
Inda serão talvez na longa história
Dois nomes imortais – Bocage e Ponte!

CCLXVII

AO SR. ANTÓNIO JOSÉ ÁLVARES,
EM AGRADECIMENTO DE BENEFÍCIOS RECEBIDOS

Neste horrendo lugar, onde comigo
Geme a consternação desanimada,
E parece que volta o ser ao nada,
Equivocados, cárcere e jazigo:

Aqui, onde o fantasma do castigo
Assusta a liberdade agrilhoadada,
Tornam minha opressão menos pesada
Mãos providentes de piedoso amigo:

No templo infando, na corrupta idade
Em que após o egoísmo as almas correm,
E em que se crê fenómeno a amizade;

Ouro, fervor, desvelos, me socorrem
De um génio raro... O doce humanidade,
Tuas virtudes, tuas leis, não morrem!

CCLXVIII

AO SR. JOSÉ BARRETO GOMES, DIRECTOR
DO CORREIO GERAL E POSTAS DO REINO

Embora torpes gralhas esvoacem
Em torno à glória minha em bando impuro;
De eterna sombra e tácito futuro
Meu nome, os versos meus, embora ameacem:

Contra os anos, que morrem, que renascem,
Deu-me Febo em seu dom penhor seguro,
Com que do esquecimento o pego escuro
Meus versos e meu nome afoutos passem:

Pleno tesouro de moral riqueza,
Barreto benfeitor, Barreto amigo,
Não temas ser do nada infausta presa:

Além dos tempos viverás Comigo;
Sou vate e sobranceiro à natureza
Nos arcanos do Céu leio o que digo.

CCLXIX

AO SR. JOAQUIM MANUEL DE MOURA LEITÃO,
ESCRIVÃO DO CRIME DA CORTE E CASA

Os princípios morais por que governo
Meu dócil coração, meu livre estado,
Prendem-me a ti com vínculo sagrado
De amor que passa o grau do amor fraterno:

És doce, és puro, és generoso, és terno,
Brilhas, campeias de virtude ornado
Num mundo de paixões contaminado,
Tão mau, tão feio, que parece inferno:

De teus, de meus costumes, a pureza
Sem poder profanar com vil maldade
Escume do invejoso a língua presa:

Sãos existimos na corrupta idade;
Ele nem segue a voz da natureza,
Nós cumprimos as leis da humanidade.

CCLXX

À SR^a D. TERESA DE JESUS PEREIRA E AZEVEDO,
NA MORTE DE SUA IRMÃ

Dos negros mausoléus a deusa escura,
Que o véu desdobra do funéreo dia,
Já Marília sumiu na estância fria,
Deu mais um triste exemplo à formosura:

Soltou-se alma gentil, vida imatura,
De corpo, que em mil graças florescia;
Saudade perenal geme, e avalia
Tesouro, de que é cofre a sepultura:

Chora, doce Tirseia, encanto amado!
Feliz essa corrente maviosa,
Se lágrimas pudessem mais que o fado!

Se aos choros te surgisse a irmã formosa,
Qual em ermo jardim desamparado
Aos prantos da manhã revive a rosa!

CCLXXI

AO SR. ANTÓNIO BERSANE LEITE,
NA MORTE DE SUA ESPOSA

Tributo em ais no coração gerados
Não dêis à cara cinza, aflito esposo;
Roçam da vida o círculo afanoso
Caminhos florescentes e estrelados:

Espíritos gentis, por Jove amados,
Volvendo a seu princípio luminoso,
Olham sol não crestante, e mais formoso,
Vagueiam sem temor por entre os fados.

Com alta fantasia e rosto enxuto,
Vê nos elísios a imortal consorte,
Vê da virtude a flor tornar-se em fruto;

Doce, augusta Verdade, Amor conforto;
Em vós, ó ímpios, a existência é luto,
É nos eleitos um sorriso a morte.

CCLXXII

À MORTE DE ANTÓNIO
TERTULIANO DA SILVA E SOUSA

Morreste, caro Aónio, puro amigo,
Génio tão doce na ferrenha idade,
Em que sermos porção da Humanidade
Talvez mais que esplendor nos é castigo:

Triste, amável despojo, em teu jazigo
Pousou meu coração, minha saudade,
E escuro como a tua escuridade
Sempre meu pensamento está contigo:

À fatal solidão levou-te a sorte,
E eu, retido por ela entre os viventes,
Como que já sofri o extremo corte;

Teu ext'rior e o meu não são dif'rentes:
Meus olhos, lábios, faces, tudo é morte:
Mas ah!, que eu sinto, Aónio, e tu não sentes!

CCLXXIII

AOS ANOS DA SR^a D. ANA EUFRÁSIA
LOBO PINHEIRO AMADO

Brandamente extraiu coa mão sagrada
Do Tempo, que não morre, hora divina
E em nuvem de áurea cor baixou Lucina,
Da estância, que é por Jove abrilhantada:

«Ofrece» (disse a deusa) «hora dourada,
Ofrece ao globo divinal menina,
A quem destina o fado, o Céu destina
Glória sem par no mérito apurada.»

Nasceste, Anália, riu-se a natureza;
Cresceste, Anália, riram-se os Amores;
Eis alongado o império da beleza:

C'roam-se os anos teus de elísias flores,
E de honrá-los tentando a suma empresa,
Honram-se as liras de imortais cantores.

CCLXXIV

AO SR. DOUTOR FRANCISCO JOSÉ DE ALMEIDA

Da glória, que não morde, à roda zune
De insectos nuvem torpe, escuro enxame:
Peçonha embora dos farpões derrame,
Embora, caro Almeida, te importune:

Filosofal pavês, que o sábio mune,
Rechaça os golpes da calúnia infame;
Quem possui altos dons com que se afame,
Canina, rouca voz desmente, e pune:

Intérprete subtil da Natureza,
Entra seus penetrais, vê seus arcanos,
De apolíneo fulgor tua alma acesa:

Os zoilos que te ladram, vis e insanos,
Sorve-os o lodo, sorve-os a baixeza:
Tu brilhas necessário entre os humanos.

CCLXXV

AO SR. GREGÓRIO FREIRE CARNEIRO

Com ampla mão, benéfica largueza,
Mil vezes me hás dourado a vida escura;
Aos fados meus, de horrível catadura,
Mil vezes tens despido a atroz dureza:

Blasone embora a tímida nobreza
Dos timbres, que lhe engole a sepultura;
Esse esplendor dos grandes é ventura;
Teu esplendor, ó Freire, é natureza:

Ante a luz, que do céu mil raios lança,
Dignidade sem mérito é desdouro,
Mérito estreme a eternidade alcança:

Teu génio benfeitor supre um tesouro;
E eu, que obtive das Musas farta herança,
Pago-te em verso o que te devo em ouro.

CCLXXVI

POR OCASIÃO DUM NOTÁVEL INCÊNDIO

*Que na Calçada de Santo André queimou um prédio de casas próximo às do
conselheiro José de Andrade Carvalho*

Lambendo a região dos ares puros
Língua voraz de labareda ardente,
Na baixa terra com furor veemente
De alto edifício precipita os muros:

Espesso fumo em turbilhões escuros
O rosto mancha a Febo refulgente:
Zune das prenhes bombas a corrente,
Que agitam da mestrança os braços duros:

Mas quando universal gemido soa,
E parece que quer a sorte injusta
A moles cinzas reduzir Lisboa:

Rápida chama, que os mortais assusta,
Nobre Carvalho, a teu solar perdoa,
Por ser o asilo da virtude augusta.

CCLXXVII

POR OCASIÃO DO ATROZ PARRICÍDIO
QUE HORRORIZA LISBOA:
«UM FILHO QUE MATOU SEU PAI!»

Lançando pela dextra onnipotente
O Sol na cristalina imensidade,
Reflectindo o clarão da divindade,
A Terra, como o Céu, viu inocente:

Delícias era o mundo... Eis de repente
Crespa de serpes, hórrida Maldade
Rebenta da profunda Eternidade,
E a Natureza em si o Inferno sente:

Lavrando os crimes, tornam-se costumes:
De horror, Argos e Roma, exemplo destes,
Que enegrece, ó Memória, os teus volumes!

Tu mesma, eterno dó, tu, Lísia, vestes;
Que em teu seio (credor de em si ter numes)
Se uniu a alma de Nero à mão de Orestes.

CCLXXVIII

AO MESMO ASSUNTO

Em deserta masmorra, ao sol odiosa,
O monstro jaz, que a natureza infama;
Na alma estígios vapores lhe derrama
A implacável Tesífone horrorosa:

Do pai sem vida a imagem sanguinosa
Lhe geme em torno ao leito, o abala, e chama;
Do ímpio na mente a consciência brama,
Tem sobre o coração mão espinhosa:

Ah!, despejando ao crime a vil caverna,
Talvez, talvez não saia em débil passo
A saciar-te as leis, Justiça eterna!

Mas nem assim do algoz evita o braço;
Remorso aterrorador, visão paterna,
Vós sereis seu cutelo, ou vós seu laço!

CCLXXIX

AO MESMO ASSUNTO

Havendo sobre a Terra derramado
Dos estígios dragões fel, e veneno,
Nume feroz de carrancudo aceno
Isto em bronze imprimiu, coa morte ao lado:

«Novo, cruento, horrífico atentado,
O torpe enlute universal terreno;
Sê Fúria, ó Morte! – o parricídio ordeno.»
(Ao pôr ordeno a mão tremeu ao Fado!)

Jove escuta o decreto e diz ao nume:
«Ímpio filho espargir sangue paterno!
Ah! Poupa à natureza esse queixume!»

«Não» (Ihe torna o tirano Fado eterno)
Quero excitar no abismo atroz ciúme;
Tenha horror que invejar ao mundo o Inferno!»

CCLXXX

AO EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO
SR. D. FR. JOSÉ MARIA DE ARAÚJO

Por ocasião da sua eleição para bispo de Pernambuco

Precisa o globo, exige a natureza,
Mais heróis da Razão que heróis da Glória,
Daquela, digo, que em feroz vitória
Enluta, despoeva a redondeza:

Precisa da tua alma, absorta, acesa
Nos dons credores de imortal memória;
Dons que trocam a vida transitória
Na que anda à eternidade unida e presa:

Reflexo da radiosa divindade,
Com cujo auxilio em estro a mente inundo,
Da virtude és troféu na férrea idade!

Grande em carácter, em saber profundo,
Até que vás luzir na eternidade
Levarás nova luz ao Novo Mundo.

CCLXXXI

À INTREPIDEZ DO CAPITÃO LUNARDI

Fazendo em 24 de Agosto de 1794, em Lisboa, a sua ascensão aerostática

Tous frissonent pour lui, lui seul est intrépide.

L'Abbé Monti, *Ode a la Navig. Aérienne*

Ó lira festival, por mim votada
As aras do Prazer e da Ternura,
Nega-te um dia às graças, à brandura,
De Manilha gentil, da minha amada!

A suave harmonia efeminada
Grata ao mimoso Amor, e à Formosura,
Os moldes sons, de que a Razão murmura,
Converte em sons de que a Razão se agrada:

Ainda que te atroe o negro bando
De torpes gralhas, e a feroz coorte
De inexoráveis zoilos, escumando:

Ressoa, aplaude, exalta o sábio, o forte,
Que além das altas nuvens assomando
Colheu no Olimpo o antídoto da morte!

CCLXXXII

AO SR. JOÃO PEDRO MANESCHI

Por ocasião do incêndio em que perdeu todos os seus bens

Nos puros lares teus assoma irado
Vulcano em ondas de indomável chama;
Impetuoso cresce, horrível brama,
Parece aceso pela mão do fado!

Em ferventes voragens desmandado
Tudo afeia, enegrece, abrasa, inflama;
E em cinza inútil súbito derrama
Teus merecidos bens, Maneschi honrado:

Mas tu, dessa fatal, visível peste,
Dessa do Inferno imagem devorante,
O dano, estrago, horror, baldar pudeste:

Rico de um alma singular, constante,
Tens, tens tudo: Amizade, que te preste,
Dó, que te chore, e Musa, que te cante.

CCLXXXIII

AO SR. FRANCISCO JOSÉ DA PAZ,
NA MORTE DE SUA ESPOSA

Deploro, caro amigo, o que deploras
Com porfiosa dor, com dor interna;
Perdeste a doce esposa, a sócia terna,
Que presente adoraste e longe adoras:

Mas pensa, quando gemes, quando choras,
Que por alto poder, que nos governa,
Ela habita do bem na estância eterna,
E na estância do mal tu inda moras:

Revê no coração, na fantasia,
A índole gentil, suave e pura,
Com que menos que o Céu não merecia:

Olha cultos gozando a cinza escura:
Do corpo, em que brilhava uma alma pia,
É quase, é quase altar a sepultura!

CCLXXXIV

AO EX.^{mo} SR. JOSÉ DE SEABRA DA SILVA,
NO DIA NATALÍCIO DE SUA ESPOSA

*Oh mihi iam longae maneat pars ultima vitae.
Spiritus, et quantum sat erit tua dicere facta!*

Virgílio., Éclog. IV

Egrégio benfeitor de um desgraçado,
Remido enfim por ti, por ti ditoso;
Ó tu, de esposa excelsa excelso esposo,
Dos mortais esplendor, dos Céus cuidado!

Na lira, em que chorei meu duro fado,
Mudando em som festivo o som piedoso,
Dispus cantar um dia almo, e lustroso,
Às graças e às virtudes consagrado:

Versos, que a Musa genial te oferece,
Acolhe, anima com risonho aspecto,
Com teus altos influxos enobrece:

A voz de um grato, de um submisso affecto,
Minha pura oblação de ti carece,
Para ousar sublimar-se ao grande objecto.

CCLXXXV

IMPLORAÇÃO A DEUS

Ó tu, que tens no seio a eternidade,
E em cujo resplendor o Sol se acende,
Grande, imutável ser, de quem depende
A harmonia da etérea imensidade!

Amigo e benfeitor da humanidade,
Da mesma que te nega, e que te ofende,
Manda ao meu coração, que à dor se rende,
Manda o reforço de eficaz piedade.

Opressa, consternada a natureza
Em mim com vozes lânguidas te implora,
Órgãos do sentimento e da tristeza:

A tua inteligência nada ignora;
Sabes que, de alta fé minha alma acesa,
‘Té nas angústias o teu braço adora.

CCLXXXVI

DEPLORANDO A FRAGILIDADE HUMANA

Tudo acaba: esse monstro carrancudo,
Prole do Averno, efeito do pecado,
Tudo a cinza reduz, brandindo irado,
Com sanguinosas mãos o ferro agudo:

Ó fatal desengano, horrendo e mudo,
Em pavorosos mármore gravado!
Ó letreiros da morte! Ó lei do fado!
E verdade, é verdade: acaba tudo.

Eis o nosso misérrimo destino;
Assim o ordena quem nos Céus impera:
Basta, adoremos o poder divino.

Reprime os passos, caminhante, espera;
E no epitáfio do infeliz Josino
Lê o teu nada, o que tu és pondera.

PERÍODO DE DESALENTO E MORTE

(1798 a 1805)

CCLXXXVII

INSÓNIA AMOROSA

Já com ténue clarão, já quase escura
A nocturna Diana o céu volteia,
E sobre o Tejo azul, que mal prateia,
Vai duplicando a trémula figura:

Aura subtil nas árvores murmura,
No lago adormecido a rã vozeia,
Mocho importuno agouros mil semeia,
Dentre as umbrosas moitas da espessura:

Letárgico vapor Morfeu derrama,
Com que insinua um doce desalento
No livre coração de quem não ama:

Triste de mim! Se repousar intento
Os olhos me abre Amor, Amor me inflama,
E Anália me persegue o pensamento.

CCLXXXVIII

O AUTOR AOS SEUS VERSOS

Vós, que de meus extremos sois a história,
Versos, por negro zoilo em vão roubados,
Nascidos da Ternura, e restaurados
Co pronto auxilio de fiel memória:

Da Inveja conseguindo alta vitória
Ide, meus versos, em Amor fiados,
Que dele só dependem vossos fados,
Que nele só demando a minha glória:

Não vos importe o público juízo;
Da voz, que pelo mundo se derrama,
Os vivas caprichosos não preciso.

Voai aos olhos, cuja luz me inflama;
Tereis de Anarda aprovador sorriso,
Um sorriso de Anarda é mais que a Fama.

CCLXXXIX

ASSEGURANDO ANÁLIA DA SUA FIRMEZA

Distrai, meu coração, tua amargura,
Os males que te assanha a fantasia:
Provém da formosura essa agonia?
Seja o seu lenitivo a formosura;

Por mil objectos adoçar procura
O ardor que lavra em ti de dia em dia;
Mas ó fatal poder da simpatia!
O moléstia de amor, que não tem cura!

Astúcia exercitar que te resista,
Minha Anália, meu bem, de balde intento,
Está segura em mim tua conquista.

Como hei-de minorar-te o vencimento,
Coarctar o império teu, se as mais à vista
Valem menos que tu no pensamento?

CCXC

LAMENTA UM DESENGANO INESPERADO

Tenta em vão temerária conjectura
Sondar o abismo do invisível Fado,
Que, de umbrosos mistérios enlutado,
Some aos olhos mortais a luz futura:

Presumia (ai de mim!), vendo a ternura
Daquela que me trouxe enfeitado,
Presumia que Amor tinha guardado
Nos braços do meu bem minha ventura:

Ó Terra! Ó Céu! Mentiram-me os brilhantes
Olhos seus, onde achei suave abrigo;
Quão fáceis de enganar são os amantes!

Humanos, que seguis as leis que sigo,
Vós, corações, que ao meu sois semelhantes,
Ah! Comigo aprendei, chorai comigo.

CCXCI

INCERTEZAS SOBRE A FIDELIDADE DE ANÁLIA AUSENTE

Amor, que o pensamento me salteias
Coas memórias de Anália a cada instante;
Tirano, que vaidoso e triunfante
Me apertas mais e mais servis cadeias:

Doces as aflições com que me anseias,
Se ao ver-se de meus olhos tão distante
Soltasse Anália um ai do peito amante,
E o fogo antigo lhe inflamasse as veias!

Mas é talvez o exemplo das perjuras,
Outro anima talvez, enquanto eu choro,
Morrendo de saudosas amarguras;

E pelo ardente excesso com que adoro,
Ao clarão de medonhas conjecturas
Vejo o fantasma da traição que ignoro.

CCXCII

O SORRISO DE ANÁLIA

Quando Anália, o meu bem, que o Céu namora,
Meigo sorriso de outro céu desprende,
Geme, e o que é vida num gemido aprende
Peito, que amor, e que a existência ignora:

Quando Anália, o meu bem, suspira, ou chora,
A doce mágoa, doce fogo acende;
Na estância divinal com Jove entende,
Quase tenta implorá-la o ser que implora;

Sente um Deus como sente a natureza
Aquele em cujos dons adorno o canto,
Aquele que a meus versos dá grandeza:

Mas (se posso antepor encanto a encanto)
Amo-lhe o riso, adoro-lhe a tristeza;
De Vénus a chorar tal era o pranto!

CCXCIII

À MESMA

Se é doce no recente, ameno Estio,
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores
E, lambendo as areias, e os verdores,
Mole e queixoso deslizar-se o rio:

Se é doce no inocente desafio
Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores
Dentre os aromas de pomar sombrio:

Se é doce mares, céus, ver anilados
Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que esperta os corações, floreia os prados:

Mais doce é ver-te de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor melhor que a vida.

CCXCIV

AS ILUSÕES DO DESEJO DESFEITAS PELA REALIDADE

Desejo iluso e vão! Para que traças
Quadro, que imagens divinais ofrece?
A terna ausente amada me aparece,
Em céu de amores eclipsando as Graças:

Ante a doce visão com que me enlaças,
Já murcho, estéril já, meu ser floresce:
Mas súbito fantasma eis desvanece
Chusma de encantos, que em teu sonho abraças:

C'roado de cipreste o Desengano
O meu nada me agoura... O dor mais forte
Do que em seu grau supremo o esforço humano!

Chorai, Piedade, e Amor, tão triste sorte,
Chorai: longe de Anália expira Elmano;
Os que a ternura uniu, desune a morte.

CCXCV

SOBRE O MESMO ASSUNTO DO PRECEDENTE

Planta mimosa de louções verdores,
De amorosos perfumes! Planta bela,
Fade-te o nome do meu bem, daquela
Que é céu nos olhos, néctar nos favores!

Gravado apenas, te dará mil flores,
Depois mil frutos, que o desejo anela:
Súbito irás medrando, e vós com ela,
E vós Com ela crescereis, amores!

Encantava-me assim Morfeu risonho:
Elísia, recendente amenidade,
Jardim celeste respirar suponho:

Eis desperto na dor, na escuridade:
Um relâmpago foi tão lindo sonho:
Tu só tens duração, cruel verdade.

CCXCVI

AS LÁGRIMAS DE ANÁLIA

Escrito no último período da sua final doença

De um nume aos ais de Elmano, ó dom mimoso!
Tesouros meus! Aljôfares de Amores!
Ao ver-vos deslizar, cair nas flores
De um gesto, como os deuses, milagroso;

Orvalho pareceis do céu piedoso,
Que meigo alívio influi em agras dores,
Que humedece estes áridos vapores,
Este hálito da morte infesto, ansioso:

Sentindo o coração por ti regado,
Contigo, ó néctar, a existência encanto,
E brando para mim se ri meu fado:

Amada! Jove, e tu, só podem tanto!
Meu mal dorme, repousa embriagado
Das mil delícias que me dá teu pranto.

CCXCVII

À MESMA ANÁLIA

Ó ninfa, que das graças melindrosas
Tens na face a lindeza, o riso, as cores,
Na face mimos toda, e toda flores,
Que é metade jasmins, metade é rosas!

Ninfa suave, para quem saudosas
Dou mágoas mil aos Zéfiro e Amores!
Tu gostas de meus ais, e dos louvores,
De extremado cantor, meu bem, tu gozas.

Em sons (pincéis febeus), em sons copia
Teu rosto um céu; do original o encanto
Eis na alma em túmulo a imagem cria:

Eu vate, eu amador, não logro tanto;
Amor fogo me dá, Febo harmonia,
E és mais no coração do que és no canto.

CCXCVIII

À MESMA

Contigo, alma suave, alma formosa,
Celeste imagem, de que o Céu me priva,
Que eu vivesse não quis, não quer que eu viva
Lei (sendo etérea) ao coração penosa;

Vendo sumir-se por morada umbrosa,
Ah! Não desmaies, a constância aviva,
E por artes de amor, de amor, ó diva,
Do não gozado amante os manes goza:

Mais doce orvalho de teus olhos desça,
A linda (como tu) melhor das flores
Que em torno à campa se abotoe e cresça;

Passeia entre os meninos voadores,
Une a mãe aos filhinhos, e pareça
Da morte a solidão jardim de amores.

CCXCIX

ÚLTIMOS CANTOS

Cantor, que a fronte erguia engrinaldada
Convosco, idálias c'roas, mirto e rosas,
Que viu por mão das tágides formosas
De aljôfares a lira e de ouro ornada:

Mente, de etéreos dons abrilhantada,
Que solta em produções, louçãs, pomposas,
Surgiu, voou com asas luminosas
Ante o bando, que vai de rojo ao nada:

Estro, opulento do febeu tesouro
(Já dos épicos sons talvez no ensaio)
OuvIU sair das trevas triste agouro:

Seu fado o fulminou, bateu-lhe o raio
A sombra tua (ai dor!) lá mesmo, ó louro!
Chorai-o, Amores! Tágides, chorai-o!

CCC

CONFORMANDO-SE COM OS REVESES DA SORTE

Se o Destino cruel me não consente
Que o ferro nu brandindo irado, e forte,
Lá nos horrendos campos de Mavorte
De louros imortais guarneça a frente:

Se proíbe que em sólio refulgente
Faça os povos felices, de tal sorte
Que o meu nome, apesar da negra morte,
Fique em padrões e estátuas permanente:

Se as suas ímpias leis inexoráveis
Não querem que os mortais em alto verso
Contem de mim façanhas memoráveis:

Submisso à má ventura, ao fado adverso,
Ao menos por desgraças lamentáveis
Terei perpétua fama no universo.

CCCI

VENDO-SE A COMETIDO DE GRAVE ENFERMIDADE

Pouco a pouco a letífera Doença
Dirige para mim trémulos passos;
Eis seus caídos, macilentos braços,
Eis a sua terrífica presença:

Virá pronunciar final sentença,
Em meu rosto cravando os olhos baços,
Virá romper-me à vida os ténues laços
A fouce, contra a qual não há defesa:

Oh! Vem, deidade horrenda, irmã da Morte,
Vem, que esta alma avezada a mil conflitos,
Não se assombra do teu, bem que mais forte:

Mas ah! Mandando ao Céu meus ais contritos,
Espero que primeiro que o teu corte
Me acabe viva dor dos meus delitos.

CCCII

ALENTOS DE ESPERANÇA DURANTE
O PERÍODO DA MOLÉSTIA FINAL

Se na que, morna e lúgubre, murmura,
Corrente averna, como as sombras densa,
Der queda enorme a sôfrega Doença
Que à vida quer sorver-me a fonte impura:

De eleitos vegetais sagaz mistura
Não foi rígido estorvo à morte intensa;
Só pode aos olhos meus virtude imensa
A do horror ferrolhar morada escura:

Arde, ó estro!, fulmina o monstro humano,
Que origem vil ao mundo, a si presume,
E à causa divinal repugna, insano:

Salve, princípio da alma, etéreo lume!...
Se um Deus não fora, que seria Elmano!
Existe o vate, porque existe o nume.

CCCIII

INSUFICIÊNCIA DAS DOCTRINAS DO ESTOICISMO

Dura filosofia audaz forceja
Por dar-me essência nova ao pensamento;
De bronze diz, que forre o sofrimento,
E em brasas, como em flores, manso esteja;

Diz que, ó leis de Zenão, por vós me reja;
Que sai do alto sistema alto portento;
«Os órgãos vivem, morre o sentimento,
E mudo, e frio, o coração caleja».

Mas ai! Mais sábio que Zenão, o Eterno
Fonte às lágrimas deu, deu fonte ao riso;
Coa lei das sensações meu ser governo:

Se eu folgasse entre o mal que em mim diviso,
Na mente ousara unir o horror do Inferno
Aos sóis, de que se esmalta o Paraíso.

CCCIV

POR OCASIÃO DUMA POESIA EM QUE SEU AUTOR (N. A.
P. PATO MONIZ) PROPUGNAVA OS MESMOS DITAMES

Às rígidas lições do férreo Zeno
Se torce o coração, se enruga o rosto;
Falaz sistema, e de aridez composto,
Que às fecundas paixões seca o terreno!

Por timbre em metro de ouro o doura Oleno,
E à doce natureza o nunca oposto
(Rindo entre flores, vicejando em gosto)
Génio desliza de Epicuro ameno:

Ele (bem que o difame o vulgo rude)
De almos Prazeres pela mão nevada
De espinhos despe o trilho à sã virtude;

Veste de rosas a macia estrada,
A moral formoseia, e não me ilude
Querendo que de um Deus ostente um Nada.

CCCV

Il n'est de malheureux que les coeurs déçus

Voltaire, Trag. *Méropé*

Em vão, para tecer-me um ledo engano,
Filósofo ostentoso indústrias cansa:
Diz-me em vão, que exaltando-se a esperança,
Repousa na apatia o peito humano:

O nauta a soçobrar no pego insano
Vê rir-se ao longe a cécula bonança;
A mente esperançosa enfreia, amansa
Os rancos e as bravezas do oceano:

Se nos míseros cai da mão dos fados
O negro desengano, ei-los ansiosos,
E à desesperação e à fúria dados!...

Dourai-nos o porvir, ó Céus piedosos!
Justos Céus! Dêem sequer jardins sonhados
As flores da ventura aos desditosos!

CCCVI

ABALADO POR FUNESTOS PRESENTIMENTOS,
COLHIDOS EM ALHEIOS SUCESSOS

No abismo tragador da Humanidade
(Dela, dela não só, de quanto existe)
Coa mesma rapidez, Elmano, ah!, viste
Sumir-se a florescente e a murcha idade!

Olha em muros, que veste a escuridade,
Olha a cor de teu fado, a cor mais triste:
Talvez (agora!... agora!...) ele te aliste
No volume em que lê a eternidade!

Ó tochas funerais! Clarão medonho!
Da morte ó mudas, solitárias cenas!
Em vás arrependido os olhos ponho!...

Ah! Porque tremes, louco? Ah! Porque penas?
Sonhas num ermo, e surgirás do sonho
Em climas de ouro, em regiões amenas.

CCCVII

À MORTE GLORIOSA DO INSIGNE
ALMIRANTE HORÁCIO NÉLSON

Precavendo os vaivéns da instável sorte,
E do britano herói zelando a glória,
Sem mancha, sem desar, dá-lo à memória
Pelas ondas fatais jurou Mavorte:

Nélson! Raio do sul! Raio do norte!
Crestas na lide ao galo a ovante história;
Do horror a par de ti surge a vitória,
E louros imortais te cinge a morte:

Não com dor, não com ais o trácio nume
No toro funeral te vê lançado,
Em teus olhos extinto o márcio lume;

«Vai» (diz) «folgar no Olimpo, aluno amado;
O triunfo até'qui foi teu costume,
Do que era teu costume eu fiz teu fado.»

CCCVIII

AO MESMO ASSUNTO

De peito impenetrável sempre ao susto,
Ledo entre as armas, a folgar no p' rigo,
Ó França, teu magnânimo inimigo
Por timbre teu não triunfou sem custo

Ardendo em glória o coração robusto,
Onde teve o troféu teve o jazigo;
Nélson venceu, venceu por uso antigo,
Mas da vitória foi desconto injusto;

Bem que nadante a Gália em rubro lago
(Domando a morte quem seus brios doma)
Crê reparar com isto imenso estrago:

Ah! Donde um Nélson cai, logo outro assoma;
Assim de heróis privando-te Cartago,
Heróis ferviam no teus seio, ó Roma!

CCCIX

AO MESMO ASSUNTO

Sobre as ondas do tímido oceano
Impávido guerreiro, nauta ousado,
De valor e fortuna sempre armado,
Venturoso se ostenta o herói britano:

Sem da morte temer a fúria, o dano,
Entre as águas do Nilo celebrado,
Depois do estreito Sunda ter passado,
Foi terror do Francês, do Castelhana:

Quilhas vinte rendendo ousado e forte,
Seus dias acabou, mas combatendo,
No fogo márcio, que preside à morte:

Louros ganhando, a pátria defendendo,
Cedeu da Parca horrenda ao fero corte,
Triunfando viveu, morreu vencendo.

CCCX

NÉLSON ENTRANDO NA ETERNIDADE

C'um diadema de luz no Elísio entrava
Envolto Nélon em sanguíneo manto;
Lavrou nos manes desusado espanto,
E a turba dos heróis o rodeava:

Grita Alexandre (e nele os olhos crava):
«Quem és, que entre imortais fulguras tanto?»
«Sou» (lhe diz) «quem remiu de vil quebranto
Europa curva, opressa, e quase escrava:

Deixei de sangue o pego rubicundo,
Troféus em meu sepulcro a pátria arvora,
Raio ardi sobre o galo furibundo.»

Nisto de novo o Macedónio chora,
E o que imensa extensão venceu do mundo,
Quem venceu um só povo inveja agora.

CCCXI

NA SUPOSIÇÃO DE QUE NÉLSON FOI MORTO
POR UM PRISIONEIRO FRANCÊS

O instrumento brutal da acção mais crua,
Que em sangue o louro, a Nélsón purpureia,
«C'roa-me, ó Glória!, ó Glória» (audaz vozeia
Desfeito a golpes mil, já sombra nua):

Primeiro a deusa atónita recua,
Assim depois o espectro sentencia:
«Em Carácter sanguíneo o mundo leia»
Da infâmia nos anais história tua:

»Em ti um monstro mais o averno alcança,»
De heróis, ó fero algoz!» Diz c'um gemido,
E o lémure cruento às Fúrias lança:

Cai nos Infernos com feroz bramido;
Eis sobre ele sacode Alecto a trança,
E de áspides sem conto ei-lo mordido.

CCCXII

ÀS DUAS POTÊNCIAS BELIGERANTES

Mãe de chefes heróis, de heróis soldados,
A Gália herdou de Roma o gênio, a sorte;
Seus filhos ígneo jogo de Mavorte
Viram márcios leões tremer curvados:

Mas alta lei dos penetrais sagrados
Baixou, que o fatal ímpeto reporte;
Fervendo em raios no oceano a morte
Te obedece, ó Britânia, ao mando, aos fados:

No continente o galo é deus da Terra;
O anglo audaz sobre o pélagos iracundo
Da vitória os pendões, troando, aferra:

Ah! Nutram sempre assim rancor profundo!
Um triunfa no mar, outro na terra;
Se as mãos se derem, que será do mundo!

CCCXIII

À COCHONILHA

Traduzido de outro francês

Figueira que o não é, planta não planta,
Folha sem árvore, árvore sem rama,
Me produz, qual assombro, em novo mundo,
Que o soberbo espanhol frequenta avaro:

Da figueira não sou nem flor, nem fruto,
Lenho, ou suco: e meus grãos, inda que belos,
São de purpúreos vermes só a estância,
Que na folha mordaz estão ferrados.

Do sangue, que lhes cevam, sai cor bela,
Minha fama e meu bem da morte deles,
Com que a prezada púrpura me iguala:

Vale o pardilho meu sua viveza,
E se o meu inventor não se une aos deuses,
Ao menos a Índia minha immortalizo.

CCCXIV

AO SR. MARCOS A URÉLIO RODRIGUES

Dedicando-lhe a «Colecção dos novos improvisos de Bocage»

Carminibus vives tempus in omne meis.

Ovídio

Piedoso Aurélio meu, carácter puro,
Caro às virtudes, na moral perfeito,
Que do vate arraigado em triste leito
Douras c'um sol benigno o tempo escuro:

Por ti de novo à Pátria dar procuro
Versos que a dor e a gratidão têm feito,
E versos de alto dom, de alto conceito;
No quadro sombra e luz assim misturo:

Teu ouro e (seu mor preço) o teu desvelo
Brilhe a favor de Elmano, a bem do amigo,
E alongue à Musa os sons na voz do prelo:

Que eu, da Memória já credor antigo,
Juro pagar (e a seu tesouro apelo)
A dívida em que há tanto estou contigo.

CCCXV

AO SR. JOSÉ PEDRO DA SILVA

Em agradecimento

Josino amável, que zeloso engrossas
Bens, que mesquinho Apoio aos seus permite,
Que os, não longe talvez de ermo limite,
Agros meus dias, compassivo, adoças:

Do honroso plectro meu com jus te apossas;
Folga; os fados me dão que a sombra evite,
Em que altas famas some o negro Dite,
E a que às torres fatal é, como às choças:

Febeia prepotência os tempos doma:
Com teu nome por mim, que cinjo o louro,
Alvo padrão na eternidade assoma;

Destarte, abrindo o génio o seu tesouro,
Outrora na alta Grécia e na alta Roma
Pagava em metro o que devia em ouro.

CCCXVI

AO SR. FRANCISCO DE PAULA CARDOSO
DE ALMEIDA, MORGADO DE ASSENTIZ

Por ocasião dos versos que lhe enviou

Mimo das graças te floresce o canto,
De ternas sensações inda orvalhoso;
Da alma, que em néctar inundei saudoso,
Foge a dor, foge o mal, foge o quebranto:

São melodia os ais, delícia o pranto,
Que excita o verso teu, gentil, mimoso;
Por ele jura Amor ser mais piedoso,
E sente a Natureza um novo encanto;

Estro do coração! Teus sons, teus lumes,
Dos montes de perene amenidade
Tentem no longo adejo os flóreos cumes:

Versos, não vos merece a férrea idade;
Gozai no Olimpo, ó música dos numes,
Vosso ouvinte imortal, a Eternidade!

CCCXVII

À PÁTRIA

De Elmano a Musa, que entre imagens vela,
Enquanto, ó natureza, estás calada,
Carpia do áureo Pluto abandonada,
E Pluto era de bronze aos prantos dela:

De Elmano a Musa, que a memória anela,
Conforma o plectro em dor coa voz magoada:
E dos piedosos sons tu apiedada,
Gemes, ó Lísia, ó mãe suave e bela:

Qual arde avara sede ante um tesouro,
Pátrio amor ante o metro me flameja,
E o que em verso me extrai me volve em ouro:

De alma em torno a sorrir-se a Glória adeja
E (mercê da alta Lísia) imune o louro
Entre as sombras letais inda verdeja.

CCCXVIII

AO SR. JOSÉ RODRIGUES PIMENTEL E MAIA

Em retribuição de outro que lhe enviou

Tu, que tão cedo aventurando as penas,
Ave gentil de Amor, transpões o cume
Dos montes do universo, e nos de um nume
És doce ao coro das irmãs Camenas:

Tu, que dos cisnes as canções amenas
Desatas em dulcíssimo queixume,
Sem que o letal, irresistível gume,
Talhe o fio subtil aos sons que ordenas:

Do vate, opresso de íntimo quebrantos
Colhe, ameniza o tom que em vão forceja
Por ser, qual era, delectável canto:

Já débil, túbio já, meu estro adeja;
E entenebrece a mente, e põe-lhe espanto
A morte, que no peito me rouqueja.

CCCXIX

AO SR. JOÃO SABINO DOS SANTOS RAMOS

Em retribuição de outro

Do Fado vencedor, que o prostra fero,
Não, não fora troféu de Elmano a lira,
Se infeliz entre os dons, que O globo admira,
Homero fosse em vida, em morte Homero:

Mas se às vezes furtar-me ao nada espero,
E a mente a novo ser na glória aspira,
Outras sonha o terror me não confira
(Ai!) moral existência o sábio austero:

Da fama o frenesi me torna insano;
Porém. do coração cai moribundo
Em breve o cego amor de um nome ufano.

Ó de almos bens manancial fecundo!
Ternura! Este almo bem te deva Elmano:
Se o mundo o não cantar, que O chore o mundo!

CCCXX

AO SR. NUNO ÁLVARES PEREIRA PATO MONIZ

Coa mente juvenil, sublime, alada,
Sais da térrea mansão, mansão profana;
Introduzes, Moniz, a ideia ufana
Lá na de sóis sem conto estância ornada;

Já, de Lísia cantando a história honrada,
Soas qual grega musa, ou qual romana;
Já medrando nos Céus a força humana,
Teu metro criador faz ente o nada:

Nove deusas louças, três deusas nuas,
Te abrem tesouros; cada qual te admira
No verso graças mil, que foram suas:

Assaz luziu teu estro: a mais aspira,
E estranho não será que substituas
A tuba de Marão de Flaco à lira.

CCCXXI

AOS AMIGOS

Em agradecimento

Terno Paz, bom Maneschi, Aurélio caro,
Alvares extremoso, Almeida humano,
Ferrão prestante, valedor Montano,
Moniz, que extrais teu nome ao tempo avaro!

Freire, Viana, Blancheville, ó raro
Moral tesouro, que possui Elmano;
Sócio de flora, e tu, de som tebano,
O cisne; e tu, Cardoso, em letras claro!

Monumento honrador da humanidade
(Se o fado me sumir da morte no ermo),
Grata vos deixa cordial saudade:

Ireis nos versos meus do globo ao termo,
Por serdes com benéfica piedade
Núncios, núncios de um Deus ao vate enfermo!

CCCXXII

AO NASCIMENTO DA SENHORA INFANTA
D. MARIA DE ASSUNÇÃO, EM 25 DE JULHO DE 1805

Improvisado

Quando abriste os gentis, serenos lumes,
Oh, de sagrado amor penhor sagrado,
Tais futuros te deu risonho o Fado
(Eu sei, confidente eu sou dos numes):

«De encantadores, divinais costumes,
Serás norma querida, exemplo amado;
E gozará teu ser, divinizado,
Aras, ministros, cânticos, perfumes:

Coa dextra, que milhões de mundos move,
Ser-te-ei guia, e na Terra hei-de esquivar-te
De tudo o que nos astros não se aprove.

Luz e glória contigo o Céu reparte,
Régio fruto de heróis, e nunca Jove
Tanto o que era sentiu como em criar-te.»

CCCXXIII

AO SR. ANTÓNIO XAVIER FERREIRA DE AZEVEDO

Se Elmano, a quem no plectro, ente sagrado,
Esmaltas o porvir, e a dor temperas,
Transcender inda ousasse em metro alado,
Rodantes turbilhões de azuis esferas:

Se entrando o brônzeo alvergue, onde abre o Fado
Grã código imortal de leis severas,
Atentar, como tu, lhe fosse dado
Em promíscuo tropel fervendo as eras:

O teu, do etéreo ser não mui distante
De olímpia abrilhantado amenidade,
Vira sorrir-se em flor sazão flagrante:

E lá contigo, pela extrema idade,
Firmando em muitos mil, degrau brilhante,
Ir desaparecer na eternidade.

CCCXXIV

A UM DESCONHECIDO

Na ideia e coração te brilha o nume
De que esta imensa máquina depende;
Celsa virtude a teu carácter prende,
A torna instinto em ti, e em costume:

Eflúvio de radioso e eterno lume
Flama de alta moral teu peito acende;
E às leis e às aras homenagem rende
Tua alma, que dos Céus adeja ao cume:

Quem és ignoro, e te darei meus hinos,
Piedosa imagem de invisíveis seres,
Que semelhas até nos sons divinos.

Desdouras da jactância os vãos prazeres;
E crês (dourando em parte os meus destinos)
Que os benefícios teus são teus deveres.

CCCXXV

AO SR. PEDRO INÁCIO RIBEIRO SOARES

Em agradecimento a uma ode que lhe dirigiu

Eu, esse cujos dons medraram tanto
De cultura gentil no brando esteio;
Eu, que da meiga Pátria unido ao seio
No afago maternal nutri meu canto:

Vergava ao peso de mortal quebranto,
Quando teu hino, teu milagre, veio
De harmonia, de luz, de glória cheio
Minha alma repassar de um lume santo:

Bem que das Musas docemente amado,
Se temi de uma idade a outra idade
Não poder alongar-me em nome alado:

Cresço em teu estro, sinto-me deidade;
Já, já piso os salões a Jove, ao Fado,
No pavimento azul da eternidade.

CCCXXVI

AO SR. HENRIQUE JOSÉ DA SILVA

Em agradecimento ao primoroso desempenho com que o retratou

Altas filhas do génio, irmãs formosas,
Ó Poesia? Ó Pintura! O par sagrado,
Que nos jardins de Amor colheis mil rosas,
Arcanos mil nos penetrais do Fado!

Em vós absorto, em vós extasiado,
Da sorte não me acurvo às leis penosas!
Jove, por ambas ao mortal é dado
Que logre em homem o que em nume gozas!

Forçando ao pasmo as almas sup'riores,
Transluz um ar, um estro, um ser divino
Do plectro, e do pincel nos sons, nas cores:

Honra Elmano o pincel, e o plectro Henrino:
Compete aos vates dois, aos dois pintores,
Correr na eternidade igual destino.

CCCXXVII

AO SR. DESEMBARGADOR VICENTE
JOSÉ FERREIRA CARDOSO DA COSTA

Em resposta a outro que do Porto lhe enviou

Eu cantava de Amor; eis negro agouro
Sai de ave negra em doloroso acento;
Tremi, calei-me, e no fatal momento
Baqueou-me, estalando, a ira de ouro:

O Tejo (a que era então qual és ao Douro)
Coas filhas murmurou de sentimento;
Foi-me a folha imortal vão ornamento,
Feriu-me o raio, irreverente ao louro:

Da mente, que lustrava enriquecida
O Grécia, dos teus dons, dos teus, ó Roma,
Vai-se escoando a luz coa luz da vida:

Mas inda às vezes na alma um Deus me assoma,
E o pensamento audaz forceja, e lida
Por dar-me o nome, o jus, que os tempos doma.

CCCXXVIII

AO SR. ANTÓNIO MENDES BORDALO

Em retribuição de outro

Ânsias inda teu metro, e raivas custa
A lacerante Inveja desgrenhada;
A lira soa em ti não descasada,
E a voz cadente os números lhe ajusta:

Alta razão, filosofia augusta
Troa, num digno tom por ti vibrada;
E do ígneo arremessão cai fulminada
A de inglórios mortais caterva injusta:

Teu plectro, e plectros (de que está sedenta
A mãe dos Tempos, que a Virtude enrama
Com lauro, que o verdor no Olimpo ostenta)

Elmano adora, como Délio os ama:
No som, que o ser e a glória me aviventa,
Tomo à vida o sabor e o gosto à fama.

CCCXXIX

AO PADRE FR. JOSÉ BOTELHO TORRESÃO

Em resposta

De Elmano antes da morte é morto o canto,
Do Pindo inspirações já lhe não descem;
Mas inda aos que em seus males se enternecem
O que somente é dor parece encanto.

Ah! Ditoso o que deve à Pátria tanto,
Ditoso o que altas Musas enobrecem:
Bem que afinadas opressões não cessem
De abrir-lhe mais e mais a fronte ao pranto!

Da mente, em que fervia o gás sagrado,
Um Deus, que respirei, já não respiro,
Um Deus por quem do nada estou salvado:

Nos versos que te dou talvez deliro;
Da sorte aos meus pousar foi já mandado,
E aos teus impõe seguir da fama o giro.

CCCXXX

AO SR. VICENTE PEDRO NOLASCO DA CUNHA

Tu, que do grã cantor da Natureza
De ouro em flores, ó vate, e em frutos de ouro
A Pátria deste hespérico tesouro,
De altos quilates de imortal riqueza:

Tu, que sobes coa mente em Febo acesa
Lá onde a Glória cinge eterno louro,
A teu nome em teu verso vivedouro
Contra a morte moral já tens defesa:

Inove as artes, que embelezam tanto,
Desarraigúe às ciências não mimosas
Flores, e espinhos teu plausível canto:

Não sagres a meu mal dom que amplo gozas;
Basta ao vate, que geme o som do Pranto,
A dor são néctar lágrimas piedosas.

CCCXXXI

À TERNURA CORDIAL DE SOYÉ
A CORDIAL GRA TIDÃO DE BOCAGE

Ao Sr. João Soyé Waffer e Oconnor

Bem que do eterno luto ameaçada,
Folga escura existência vacilante,
Por azares fatais a cada instante
Do mundo nas procelas soçobrada:

Vê do Pindo a caterva desolada
(Quase nele despótica imperante)
Com dor fiel, com lástima incessante
De teu mal, de teus ais sobressaltada:

Olha Jónio, o também desfalecido,
De quem fuge convulso, e trabalhado
Da filáucia o fantasma espavorido!

Piedoso implora meu destino irado;
O sábio do infeliz compadecido
É mais interessante, é mais amado.

CCCXXXII

RECONCILIAÇÃO COM BELMIRO

Agora, que a seu lôbrego retiro
Como que a baça Morte me encaminha,
E o coração, que as ânsias lhe adivinha,
Débil se ensaia no final suspiro:

Musa de Elmano, e Musa de Belmiro,
Una-se a glória sua à glória minha:
Meu nome aguarentou com voz mesquinha,
Eu justo ao seu não fui, e a sê-lo aspiro:

Nem tu esquecerás, Gastão cadente,
Lustroso a par de mim, quando de chofre
Ígneas canções brotei, c'um Deus na mente:

Abri, Verdade, abri teu áureo cofre;
Isto Elmano extraiu coa mão tremente
No sério ponto, que ilusões não sofre.

CCCXXXIII

AO SR. BELCHIOR MANUEL CURVO SEMEDO

Maga lira de Amor, que ao trácio vate
Lá na estância fatal dos ais, do luto,
Deste ameigar o enorme, horrível bruto,
Que no férreo portão braveja e late!

Lira piedosa, que apiedando Hécate
Colheste em chão da morte um doce fruto!
Revives no áureo plectro ameno, arguto,
Do letal cativo alto resgate:

Sim, divino cantor; na sonolenta
Mansão das Parcas, se a gentil consorte
Visses em flor cair, por lei cruenta:

Portas do Orco (arrancando a chave à Sorte)
Desfecharás coa mão de susto isenta,
E outro milagre sofreria a morte.

CCCXXXIV

AO SR. TOMÁS ANTÓNIO DOS SANTOS E SILVA

Indígena imortal do Pindo ingente,
A Iças na dextra o délfico estandarte;
Une-se Elmano (como ao todo a parte)
A ti, para ostentar c'roada frente:

Ígneos voos lhe dá teu estro ardente,
Quando, opulento em génio, e rico em arte,
Pintas glórias de Amor, fúrias de Marte,
E qual foi Coridon, és só demente:

Nectarizas no metro o gosto, a queixa,
E ouvindo-te, ora em riso, ora em quebranto,
Absorto o pensamento as asas fecha.

Quão várias sensações produz teu canto!
Na alma, no coração, que efeitos deixas!
Ou júbilo, ou terror, ou pasmo, ou pranto!

CCCXXXV

AO MESMO

Vapor dourando, que me afuma os lares,
Porque a morte os bafeja de contínuo,
Solto de ti relâmpago divino,
Milton de Lísia, alumiou meus ares:

O bem de ouvir-te, o bem de me chorares,
Quase que irmana desigual destino;
Tu de assombros cantor (Febo, ou Tomino),
Eu ave, eu órgão de pavor, de azares:

Níveo matiz de auríferas areias,
Cisne qual Jove outrora, e que no alado
Êxtase aos Céus a melodia alteias!

Voz de que adoro o cântico sagrado,
Voz que a dor minha, o fado meu, pranteias,
Dá-me teus sons, e cantarei meu fado!

CCCXXXVI

AO SR. PEDRO JOSÉ CONSTÂNCIO

Cisne gentil, que modulava implume
A furto, a medo, pela ismênia areia;
Cisne gentil, que da cerúlea veia
A medo, a furto, só roçava o lume:

Plumoso, os magos sons já não resume,
Os voos da harmonia espraia, alteia,
De órgão canoro inspirações gorjeia
(Que no gorjeio se lhe sente um nume!)

Gralhas da Inveja!, ó vós, que em vão danosas,
De intactos nomes extraís veneno,
Tal como a torpe Aracne extrai das rosas:

Deixai níveo cantor brilhar no Ismeno;
Deixai, filhas da Noite, aves nojosas,
Sorrir-se a Natureza ao canto ameno.

CCCXXXVII

AO MESMO

Nos elísios de Amor endeusada
Quadros tua alma esparze encantadores;
Deu-lhe as graças num riso, e deu-lhe as cores
De Adónis doce amante, e doce amada:

Sonhando atraí a ideia embelezada
Néctar dos gostos, hálito das flores;
Perde-se, esvai-se em êxtase de amores,
E um céu parece a fantasia o nada!

Por glória almo pintor, ou por piedade!...
Novos encantos do pincel risonho
Envia a dor, que geme em soledade!...

Doure-se, ó Morte, assim teu véu medonho:
Ah! Quero amaciar tua verdade,
Tua férrea verdade em áureo sonho!

CCCXXXVIII

AO SR. JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Nomen... erit indelebile nostrum.

Ovídio, *Metam.*, Lib. XV

Versos de Elmiro os tempos avassalam
(Versos que imprime em si a Eternidade!),
São novos estes sons na humanidade;
Cantas, ó génio, como os deuses falam!

Parece que as pirâmides se abalam
A agouros de terrível majestade;
Que a marmórea estupenda imensidade
Das moles do alto Nilo a terra igualam!

Meus dias, de ouro já como os primevos,
Salvas do cru Saturno, e Morte crua,
Duma e doutra existência algozes sevos:

Rivais a duração do Sol, e a sua,
Calcando a Parca, atropelando os Evos,
Elmano viverá da glória tua!

CCCXXXIX

AO SR. FRANCISCO DE PAULA MEDINA E VASCONCELOS

Em louvor do seu poema heróico intitulado "A Zargueida"

De Zargo o heróico ardor, que luz na fama,
Cantas em metro altíssimo e fervente:
Náutica, lusa glória em seu oriente
Por ti, qual no zénite, esparge a flama:

Do mísero Machim, da triste dama
Choras o infausto amor tão docemente,
Que o tronco o sabe, que o rochedo o sente,
Que a terra geme... E que fará quem ama!

A que, de Homero a par, no Elísio avulta,
Sombra de grã Camões, alta e divina,
Crê, que fala em teus sons; atende, exulta:

A face para ti sorrindo inclina,
E ao teu canto vivaz, que o Tempo insulta,
Grã, não longe do seu, já lá destina.

CCCXL

AO SR. FR. FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO

Pelos excelentes versos que lhe enviou

De Ontânio choras, e de Ontânio cantas
Teu doce e claro irmão, meu doce amigo,
Aquele de quem pousam no jazigo
Tantos ais, tanta dor, saudades tantas!

Cantando enlevas, e chorando encantas,
E acorda, e vive na alma o tempo antigo,
Quando a Quintílio no calado abrigo
Carpia o vate, cujo som levantas:

As Artes, as Ciências, enlutadas
(As delícias de Ontânio, os seus amores)
Depois que o viram mudo estão caladas!

Ah! Com ele eternizem-se os cantores;
Altos génios vos dêem, cinzas sagradas,
Versos, gemidos, lágrimas e flores!

CCCXLI

AO SR. JOSÉ NICOLAU DE MASSUELOS PINTO

Do choro arguto de febeus cantores
Josino é doce parte, é sócio amado;
Viu, cometeu, vingou com génio alado
Monte, espinhos em baixo, em cima flores;

Néctar lhe ferve (que libais, Amores)
No metro, pelas Graças torneado;
E põe na eternidade, e põe no fado,
Olhos impunes, do porvir senhores:

Do coração nos dons, ou mais, ou tanto,
A cópia minha olhou, deu-te homenagem,
Ó deusa, irmã de Amor, em verso, em pranto:

Não tremo de que os séculos me ultrajem;
Lá (mercê do pincel, mercê do canto)
Meu nome viverá, e a minha imagem.

CCCXLII

AO SR. HENRIQUE PEDRO DA COSTA

Febo no etéreo plaustro omnifulgente
(Áureas as rodas, o eixo adamantino)
Clamou do campo imenso e cristalino:
«Honrou-me, ó Natureza, ornar um ente!

No Olimpo (é tal meu jus) me foi patente
O de alta criação cofre divino;
Vi, não perfeito ainda, o ser de Henrino,
Obtive enriquecê-lo e dei-lhe a mente.»

«Eu dei-lhe o coração, melhor tesouro»
(Responde natureza ao nume ufano)
«E ao teu prefere da virtude o louro:

Transcende na ternura os graus de humano
E seu canto não só, também seu ouro
Mitiga os males do jacente Elmano.»

CCCXLIII

AO MESMO

Toldado o foco à luz da fantasia,
Turva do metro a límpida nascente,
Inércia o corpo, soledade a mente,
Em ócio, ou em letargo, a simpatia:

O Elmano outrora, o vate de algum dia,
O que sentiu, pensou, viveu, não sente,
Nem pensa, ou vive: autómato, não ente,
E mão que versos maquinais te envia:

Tu lhe enverdece c'um bafejo a palma,
Faze um prodígio mais, tu mais que humano,
A quem nunca de Cirra o vento acalma:

E Lísia julgará com doce engano,
Que em momento febeu criando-os na alma,
Eu pensava, eu sentia, eu era Elmano.

CCCXLIV

À MEMÓRIA DO FALECIDO JOÃO
BAPTISTA GOMES JÚNIOR

Dirigido ao Sr. Bento Henrique Soares

Jónio meu, ainda meu (porque o jazigo
Títulos imortais não vos devora),
Que encantador, e que encantado outrora
Luz eras dele, e tua luz o amigo!

De Elmano é grato à dor vagar contigo
Plagas fatais, onde o silêncio mora;
E doce à minha dor, que em vão te chora,
Das sombras tuas suspirar no abrigo.

Vate de Inês! Perderam-te os Amores,
Que em ti gozavam duplicado encanto,
Flores no metro, e no carácter flores:

Sopro da morte se gelar meu pranto,
Ais canoros o claro entre os cantores
Sagre os dois génios, que se amaram tanto.

CCCXLV

AO SR. D. GASTÃO FAUSTO DA CÂMARA COUTINHO

Dor, que afiada o coração golpeia,
Se não toldara o brilho à Délia flama,
E o tom do vate, que endeusa o Gama,
Inda a voz me alongasse, altiva e cheia:

Com alma solta e do vil globo alheia
(Onde Inveja o desar ao génio trama)
Nos trilhos esmaltados de áurea fama
Tentara os orbes, que imortal vagueia.

Aos ombros de Aquilão, por mim curvado,
Subira céus e céus; já nume Elmano,
Bebera sóis, e sóis, extasiado:

E, revocando à mente o grã Romano,
Pelos climas da luz, contigo ao lado,
Hinos te dera em metro mantuano.

CCCXLVI

LAMENTANDO A FALTA DE CORRESPONDÊNCIA
DE DOIS POETAS SEUS AMIGOS

Melibeu me cantou, cantou-me Oleno,
Nomes que vai dourando à Fama o giro;
Glória Anfriso me deu, me deu Belmiro,
Olivo me encantou com metro ameno:

Solto do vil, misérrimo terreno,
Aos astros fui nos êxtases d'Elmiro;
Por mim do Tempe o florido retiro
Teus sons ouviu, Piério, os teus, Almeno:

Junto a Febo, ou a si, me pôs Tomino,
E outros... Mas entre o número inspirado
Não tive Ismeno (ó dor!), não tive Alcino!

Jaz mudo aquele (e não me ignoro, ó Fado!),
Este, absorto em seu próspero destino,
Se esquece de que Elmano é desgraçado!

CCCXLVII

RETRIBUIÇÃO FINAL AOS POETAS CONTEMPORÂNEOS
QUE O TINHAM MIMOSEADO COM SEUS VERSOS

Caro a Febo, a Filinto, a Lísia, à Fama,
Na lácia fonte e argiva imerso Alfeno;
Pelas deusas irmãs fadado Ismeno,
Em que é nume Razão, Verdade é flama;

Canoro Melibeu, por quem derrama
Inveja e Glória o néctar, e o veneno;
Filósofo cantor, meu doce Oleno,
Doce ao sócio infeliz, que em ais te chama!

Elmiro, que de Sofia o grã tesouro
Revolves, possessor, com mão suprema,
E outros, que o Tejo honrais, o Vouga e o Douro:

Dai-me que o Letes sorvedor não tema;
Por vós comprado ao Tempo em versos de ouro,
Cisne talvez que soe à hora extrema.

CCCXL VIII

A UM QUE, NÃO SABENDO NEM ESCREVER O SEU NOME,
DIZIA QUE OS VERSOS DO AUTOR ERAM ERRADOS

Cara de réu; com fumos de juiz,
Figura de presepe, ou de entremez,
Mal haja quem te sofre, e quem te fez,
Já que mordeste as décimas que fiz:

Hei de pôr-te na testa um T com giz
Por mais e mais pinotes que tu dê;
E depois com dois murros, ou com três,
Acabrunhar-te os queixos e o nariz:

Quem da cachola vã te inflama o gás,
E a abocanhares sílabas te induz,
O dos brutos e alarves capataz?

Nem sabes o A B C, pobre lapuz;
E pasmo de que, sendo um Satanás,
Com tinta faças o sinal da Cruz!

CCCXLIX

A ANTÓNIO JOSÉ DE PAULA, CÓMICO
E DIRECTOR DO TEATRO DO SALITRE

Ressurge vesgo e torto o grã Fred'rico,
Mestiço nas feições, crespo em melena;
Tem gesto fanfarrão, alma pequena,
Mas o peito é flamante, o traje é rico:

Faz caretas ao povo em ar de nico,
Co retrato de um burro avilta a cena;
Pede chá, e café, tinteiro, e pena,
Temo que alguma vez peça o penico!

Estúpido tropel coas mãos o aprova,
Pé merecendo o vândalo guerreiro,
Que avesso do que foi saiu da cova!

Cómico sem-sabor, porém matreiro,
Pedra filosofal de espécie nova,
Que torna parvoíces em dinheiro!

CCCL

RETRATO DO GUARDA-MOR DA ALFÂNDEGA
DO TABACO, JOÃO DA CRUZ SANCHES VARONA

O guarda-mor da calva para baixo
E mais desagradável que um capucho;
Não tem bofe, nem fígado, nem bucho,
Mais chato me parece que capacho;

As costas são cavernas de um patacho,
Os queixos são as guelras dum cachucho,
Tem figura de mágico, ou de bruxo,
Na cabeça miolos lhe não acho:

Afecta no exterior santo de nicho,
Por dentro é mais sinistro do que um mocho,
E aloja mais peçonha do que um bicho:

O que os outros têm cheio, ele tem chocho;
O que é nos mais vassoura, nele é lixo;
E anda isto entre nós? Ah, bom arrocho!

CCCLI

AO MESMO SUJEITO

Com hábito de fora, e de capote,
O Varona, tratante sem limite,
Deixando as frescas margens de Anfitrite,
Em prática foi pôr subtil calote:

À Rua Augusta caminhou de trote
(Passo que a velha idade não permite)
E, vendo um mercador, teve apetite
De encontrar nele crédulo pexote:

Entra, curvando o trémulo gasnate,
Requer de baetão côvados sete,
Que o mercador lhe fia, anoso orate!

Pega do fardo, amigos acomete,
Em rifa o põe, aumenta-lhe o quilate,
Pilha o dinheiro e falta ao que promete.

CCCLII

AO MESMO

Com rosto guarda-mor mesto e medonho,
Vendo à porta um credor, que é seu vizinho,
«Neguem-me sempre» (disse ao Cupidinho),
«Senão, sem lhe pagar na rua o ponho.

Nunca fui de ilusões, não me envergonho,
Nem se me faz vermelho este focinho;
Chamem-me cafre, chamem-me mesquinho,
Que eu fico muito lépido e risonho:

Com as minhas astúcias cá me avenho;
E se é preciso um falso testemunho,
Da calúnia o carácter desempenho:

Não me pilham vintém Dezembro e Junho
E a favor destas cãs, e cruz que tenho,
Todo, todo em calotes me desunho.»

CCCLIII

AO MESMO

Mais que os esbirros o Varona esbirro,
Disse a dois aguazis, pregando um berro:
«Alerta, amigos meus, cordão ao perro,
Com ele quero ser pior que Pirro:

Em levá-lo à prisão inda hoje embirro.
Ele lá vem surgindo, àquele ferro
Agora, sim, contra ele mais me emperro.
Mirrem-se vocês lá, que eu cá me mirro.

Amigos, sócios meus, querem esturro?
Aqui têm do melhor, que não é barro;
Se intentar resistir, murro, e mais murro.

Ah, poeta infiel! Hoje te agarro!
Lançou-se a minha Rita como um burro;
Apesar desta cruz também o amarro.»

CCCLIV

À SR^a D. RITA, FILHA DO SOBREDITO GUARDA-MOR,
A QUAL (DIZEM) BATERA NO PAI

Cantemos todos lúgubres endechas,
Que a Rita, capataz das fêmeas chochas,
Ao descarnado pai de gâmbias frouxas
As sacrílegas mãos pôs nas bochechas:

Redobre o eco ltuosas queixas,
Piem 'té rebentar mochos e mochas,
E ao ver do amo afrontado as faces roxas
Cupidinho leal corte as madeixas:

De raiva o guarda-mor roa bolachas;
As três criadas metam-se capuchas,
E as paredes de horror abram mil rachas!

E tu, que pelas cãs paternas puxas,
Vai no centro voraz de acesas achas
Ter o trágico fim que têm as bruxas!

CCCLV

INVENTÁRIO DA CASA DO GUARDA-MOR

Diálogo entre Bersane e Bocage

«Já que grita a barriga, e a ceia tarda,
Aqui em verso brando, humilde e humano,
Vamos ambos fazer, amigo Elmano,
Leilão dos trastes que possuí o guarda.»

Casaca velha, rota, suja, parda,
Feia, ruim, de amarelado pano;
Sapatos, que solou há mais de um ano,
De que inda o remendão o importe aguarda.

Rouxinol, codorniz e dois cochichos;
Seis panelas, três trempes e dois tachos,
Dez perrucas, viúvas de rabichos:

Quatro cadelas fêmeas, dois cães machos,
Uma filha, mais feia que três bichos;
Eis aqui seus serviços e despachos!

CCCLVI

AO SR. JOSÉ VENTURA MONTANO

Rogando-lhe socorro para pagar a renda das casas em que o autor habitava

Demanda-me usurário senhorio
Do já findo semestre a soma escassa,
E enjoado de esperas, sei que traça
Pôr-me em Janeiro a passear ao frio:

Ele em tais casos para mais tem brio,
Que é homem pé de boi, vilão de raça:
Já creio que mandado extrai e o passa
A mão ganchosa de aguazil bravio:

Tu, que detestas esta corja horrenda,
Que deveu a ganância inútil sua
Primeiro ao chafariz, depois à tenda:

O avaro alegre, que um semestre amua:
Acode ao caro amigo, antes que aprenda
De cães vadios a dormir na rua.

CCCLVII

AO PADRE-MESTRE D. BERNARDO
DA SENHORA DA PORTA, GERAL
DOS CÓNEGOS REGRANTES

Que não permitia ao autor a entrada no Mosteiro de S. Vicente de Fora

Corre furioso o episcopal repolho,
No hábito branco e nas feições vermelho;
Porém mais corre o português francelho,
Com a presa carnal, que trouxe de olho:

Deita agora essas barbas de remolho,
Hipócrita falsário, hediondo velho;
Quando queiras tomar o meu conselho,
Não sejas para as aves vil trambolho:

Olha que se elas enchem o bandulho,
Vai-me cheirando a haver muito retalho,
E dás coa prelazia de mergulho:

Evita com prudência algum trabalho,
Quando não, meu Bernardo, o teu orgulho
Sobre ti descarrega um bom vergalho.

CCCLVIII

AO HEROÍSMO DUM FRADE

Dispersando com uma tocha os Irmãos Terceiros, que em uma procissão disputavam preferências

Qual tropa regular, a fradaria
Investe a sacra, estúpida ordenança:
A paz, filha do Céu, calada e mansa
Dos couces, das patadas, se desvia:

Preside alto Furor à lide impia,
De serpes infernais toucada a trança:
Pançudo frade borra a tudo avança;
O furor marcial nos sócios cria:

De um círio desenvolve heróicos feitos;
Deste rompe o nariz, daquele a capa,
Adeus, ombros; adeus, olhos e peitos!

Do sacro frenesi ninguém lhe escapa...
Oh, que bem do alcorão cumpre os preceitos
O revoltoso exército do papa!

CCCLIX

NUMA EXCURSÃO QUE FEZ A SETÚBAL
ENCONTRANDO AÍ NUMA CASA CERTOS
TRASTES QUE TINHAM SIDO DE SEUS PAIS

Trastes cediços, móveis de outra idade,
De meu primeiro avô mimo e ventura,
Eu vos saúdo, já que a desventura
Tanto respeita a vossa dignidade:

Nem tu me esquecerás, ó raridade,
Leito que cerca horrível bordadura!
Tu, que juraste pela Estige escura
Mijar na cova à mesma eternidade!

Ah!, não se atreva braço aventureiro
De incansável algoz, que o mundo arrasa,
Quebrar dos tempos o brasão primeiro!

Longe, incêndio voraz, que tudo abrasa!
Tenham meus descendentes sem dinheiro
A História Natural sempre de casa.

CCCLX

GLOSANDO O MOTE:

DAS ALMAS GRANDES A NOBREZA É ESTA

Apertando de Nise a mão nevada,
A furto lhe pergunto: «De mim gosta?»
Cala-se Nise, e manda-me resposta
Nas asas de estrondosa bofetada!

«Que é isso?», grita a mãe. «Senhora, é nada»,
Lhe responde com voz branda e composta:
Ferve sussurro aqui, e à parte oposta
Rebenta insultadora pateada:

«Calai-vos» (lhes gritei), «homens estultos!
Achei Nise, guardando o lume a Vesta,
Quando julguei que a Amor rendia cultos.

Sou nobre!, sou herói!, vamos à festa!
Amar, e por Amor sofrer insultos,
Das almas grandes a nobreza é esta.»

CCCLXI

A UM FALADOR INSOFRÍVEL

Famosa geração de faladores
Soa que foi, Riseu, a origem tua;
Que nem todos os cães ladrando à Lua
Tiveram que fazer com teus maiores:

Um a língua ensinou dos palradores,
Outro o moto contínuo achou na sua:
Outro, além de encovar toda uma rua,
Açaimou numa junta a cem doutores:

Teu avô, santanário venerando,
Soube mais orações que mil beatas,
Com reza impertinente os Céus zangando:

Teu pai foi um trovão de pataratas;
Teu tio, o bacharel, morreu falando;
Tu falando, Riseu, não morres, matas.

CCCLXII

RETRATO PRÓPRIO

Magro, de olhos azuis, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste da facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno.

Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que à ternura;
Bebendo em níveas mãos por taça escura
De zelos infernais letal veneno:

Devoto incensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) num só momento,
E somente no altar amando os frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento;
Saíram dele mesmo estas verdades
Num dia em que se achou mais pachorrento.

CCCLXIII

SEGUNDO RETRATO

De cerúleo gabão, não bem coberto,
Passeia em Santarém chuchado moço,
Mantido às vezes de sucinto almoço,
De ceia casual, jantar incerto:

Dos esburgados peitos quase aberto,
Versos impinge por miúdo e grosso;
E do que em frase vil chamam caroço,
Se o quer, é *vox clamantis in deserto*:

Pede às moças ternura, e dão-lhe motes!
Que tendo um coração como estalage,
Vão nele acomodando a mil pexotes:

Sabes, leitor, quem sofre tanto ultraje,
Cercado de um tropel de franchinotes?
E o autor do soneto – é o Bocage!

CCCLXIV

AO PADRE JOSÉ MANUEL DE ABREU E LIMA

*Que, aproveitando-se da prisão do autor, lhe tomara o primeiro acto dum drama,
«A Restauração de Lisboa», e, completando-o, o pôs em cena como seu*

Em vão, padre José, padre, ou sacrista,
De magra cachimónia, estéril pena,
Encaixas do Salitre sobre a cena
De alta Lisboa a célebre conquista:

Bocage dentre as grades pede vista
Contra um roubo, mais certo que o de Helena;
E a cómica Tália te condena
Dos plagiários vis a andar na lista:

De Afonso houveste às mãos acto primeiro,
Fruto do pobre autor encarcerado,
E deste a consciência por dinheiro:

Roubaste-o pelo ver encafuado?
Cuidas talvez que é cova o Limoeiro?
Ora treme de o ver ressuscitado!

CCCLXV

ALUDINDO À TRAGÉDIA "ZAIDA",
DE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Que fora pateada nas primeiras representações

Na cena, em quadra trágico-invernosa
Zaida se impingiu (fradesco drama!).
Apareceu depois, com sede à fama,
Tragédia mais igual, mais lastimosa:

O autor pranteia em frase aparatosa
Esfaqueado arrais, pimpão d' Alfama;
E alvar o galã, ratinha a dama;
O macho é Simeão e a mula é Rosa:

Espicha o rabo (eu tremo ao proferi-lo),
Espicha o rabo ali o herói na rua,
Qual Muratão nos areais do Nilo:

Elmiro na tarefa continua:
Já todos pela escolha, e pelo estilo,
Rosnam que a nova peça é obra sua.

CCCLX VI

TENDO APARECIDO UM SONETO
SATÍRICO CONTRA UM DRAMA
DE TOMÁS ANTÓNIO DOS SANTOS E SILVA

Contra o drama O Recife Restaurado,
De Milton português selecto drama,
Rolho verzejador seu fel derrama
Com Ignorância, Inveja e Ódio ao lado:

Presidindo a Ignorância ao parto ousado,
Lhe imprime a Inveja a raiva, em que se inflama;
O Ódio em tosca parede a massa acama
Com que fica o soneto ali colado:

Novo cartaz, que gente não apinha!
Correm todos a ler o vil critério
Exposto em frase insulsa, audaz, mesquinha;

Eis Génio velador de extenso império
O arranca, para ser em vil casinha
De fétida limpeza ministério.

CCCLXVII

FEITO EM UM INTERVALO DA SUA FINAL MOLÉSTIA

Se eu pudera ir de tralha, ir à surdina,
Por aí! Forte sede e forte gana
De zurrapa, de atum, de ti, chanfana,
De ti, que dos pingões és gulosina!

Que tempo em que eu com súcia, ou grossa ou fina,
Para a Tia Anastácia (a tal cigana)
Ia, e vinha depois coa trabuzana
A remos, no mar roxo, ou à bolina!

Quando hás-de consentir, cruel Fortuna,
o magro, de olho azul, de tez morena,
O bem de andar a flaino e de ir à tuna?...

Mas ai! Maldito som, que me condena!
Dize, ó Fado, ao besouro que não zuna...
Aí me chama algum Alma pequena!

CCCLXVIII

ANÁLOGO AO ANTECEDENTE

Chalaça minha, que chibavas tanto
Na súcia dos tafuis! És uma feia;
Deixas-me andar talvez por língua alheia,
Ou lá não sei por onde, e eu cá num canto!

Vem para casa, vem, que me ataranto
Sem te ver ao jantar, sem ver-te à ceia:
Da enferma história minha urdindo a teia,
Dê-se a folguedo o que se deve ao pranto:

Contem-se o Vai melhor e o Não é nada;
Secos Bons-dias da hiperbórea mana,
E a roda-viva da vivaz criada:

Amoleça-se o fel da vida humana,
Até que a Morte, de broquel e espada,
Nos leve à cortesia até Pantana.

CCCLXIX

AO SR. D. GASTÃO FAUSTO DA CÂMARA COUTINHO

Pelos mesmos consoantes de outro em que elogiara o autor

Ah, meu Gastão!, o Pindo senhoreia,
Riscos não temas, não periga o nada;
Franqueia a mente à Musa que avisada
Turbas rasteiras a grasnar recreia:

Narra os altos portentos de que é cheia,
No vulgo, e em botequins dá-lhe morada;
Se é pois de heróis a crítica esfaimada,
Contra asnos, charlatães golpes sopeia:

Alhos-porros, em vez de louro, amigo,
Nos mornos versos, que imprimiste, plantas
Que eternos cobrirão o teu jazigo:

Ficarás imortal por formas tantas,
Que o porvir minará no tempo antigo,
Com medo do tal cão das três gargantas.

CCCLXX

A F. GALINA

Diálogo

Perg. Quem é este boneco empertigado
De laçarrão ao peito e farda ruça?

Resp. E um que em solo – inglês escaramuça,
E arranha na bandurra o seu bocado.

Perg. É nobre? *Resp.* O seu solar e o seu morgado
Tem no gasto capote em que se embuça.

Perg. De que vive? Que faz? *Resp.* Geme, e soluça,
E de amantes paixões anda mirrado.

Perg. E há moça que o afecte? *Resp.* Olé, quarenta
E uma (de aspecto mau) tanto o cobiça,
Que cedo a mão na igreja lhe apresenta:

E para a brincadeira, em que é a noviça,
Dão-lhe lições a tia bolorenta,
A carunchosa avó e a mãe cediça.

CCCLXXI

DESAGRAVO DA INJÚRIA FEITA AO AUTOR
(ENTÃO QUASE MORIBUNDO)

Pelo editor da novela "A Espanhola Inglesa", atribuindo-lhe aquela má tradução

Mercenário pregão de cego andante
(Quixote de fantástica donzela)
Audaz impinge sem-sabor novela,
Munida de um Bocage altissonante.

Nos flóreos tempos em que fui chibante,
Ai do inglês e da moça, inda que bela,
Ai de quem ousa com venal baleia
Pôr-me em pardo papel e em vil barbante!

Deploráveis mortais! Não somos nada!
Meu nome, que esparziste, honraste,
Ó Fama, Meu nome em berraria, em assuada!

A glória me insta, a cólera me inflama;
Eu, eu brigo... O Perpétua, dê-me a espada!...
Mas ai! Hércules só brigou na cama.

CCCLXXII

VENDO-SE INDECISO ACERCA DO TERMO
DA SUA ENFERMIDADE

Se o grande, o que nos orbes diamantinos
Tem curvos a seus pés dos reis os fados,
Novamente me der ver animados
De modesta ventura os meus destinos:

Se acordarem na lira os sons divinos,
Que dormem (já da glória não lembrados)
Ao coro eterno cândidos, e alados
Honrar com ele um Deus freis, meus hinos:

Mas da humana carreira inda no meio,
Se a débil flor vital sentir murchada
Por lei que envolta na existência veio;

Coa mente pelos céus toda espraiada,
Direi, de eternidade ufano e cheio:
«Adeus, ó mundo! Ó natureza! Ó nada!»

CCCLXXIII

SENTIMENTOS DE CONTRIÇÃO
E ARREPENDIMENTO DA VIDA PASSADA

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões que me arrastava:
Ah! Cego eu cria, ah!, mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana:

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia dana.

Prazeres, sócios meus, e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos;

Deus, ó Deus!... Quando a morte à luz me roube
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.

CCCLXXIV

PRÓXIMO AOS SEUS ÚLTIMOS DIAS

Ave da morte, que piando agouros
Tinges meus ares de funéreo luto!
Ave da morte (que em teus ais a escuto),
Meus dias murcharás, mas não meus louros:

Doou-me Febo aos séculos vindouros,
Deponho a flor da vida, e guardo o fruto,
Pagando em vil matéria um vão tributo,
Retenho a posse de imortais tesouros.

Nome no tempo e ser na eternidade!
Que fado! O ponto escuro, assoma embora,
Dê-me o piedoso adeus comum saudade:

E rindo-me na campa os dons de Flora,
Mais do que eles a adorne esta verdade:
«Lísia cantava Elmano e Lísia o chora.»

CCCLXXV

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Nestóreos dias, que sonhava Elmano,
Brilhantes de almos gostos, de áurea sorte,
Pomposa fantasia, audaz transporte,
As asas cerceai do orgulho insano:

Piano de um nume contradiz meu plano,
E quer que se esvaeça, e quer que aborte;
Eis, eis palpita, precursor da morte,
No tímido aneurisma o desengano:

Adeus, ó génios que Ulisseia admira!
Cantor, que honrastes, honrareis cantores,
Versos, pranto lhe dai, que Elmano expira

Deixai-lhe a cinza em paz, fatais Amores;
E vós do extinto vate a campa, e lira,
Virtudes, que exaltou, cobri de flores!

CCCLXXVI

DITADO ENTRE AS AGONIAS DO SEU TRÂNSITO FINAL

Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento;
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
